

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**A HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE MORADORES DO
BAIRRO IBITIRUNA DE PIRACICABA/SP:
CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

VANESSA MINUZZI BIDINOTO

PIRACICABA, SP

2011

A HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE MORADORES DO BAIRRO IBITIRUNA DE PIRACICABA/SP: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO AMBIENTAL

VANESSA MINUZZI BIDINOTO

ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA GUIOMAR CARNEIRO TOMAZELLO

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação da
UNIMEP como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre
em Educação.**

PIRACICABA, SP

2011

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Guiomar Carneiro Tomazello/UNIMEP –
Orientadora

Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro/UNIMEP

Profa. Dra. Rosa Maria Feiteiro Cavalari/UNESP

Dedico esta pesquisa a:

Meus amados pais, Vilmar e Maria Edite.

Meu irmão Wagner e cunhada Denise.

Sobrinhos Gabriel e Mariana.

Meu namorado Alexandre.

Minha grande amiga Carol.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, que sempre me acompanharam em cada passo desta caminhada, sempre me iluminando e dando-me forças em todos os momentos de minha vida, até mesmo naqueles em que a saudade da minha família fazia desanimar.

Agradeço imensamente a minha Orientadora Profa. Dra. Maria Guiomar que confiou em mim e esteve presente em todos os momentos da realização desta pesquisa, nunca medindo esforços em me auxiliar através de suas orientações, ideias, sugestões bem como do envio de materiais para leituras constantes, que oportunizaram a conclusão desta dissertação. À professora minha eterna admiração, carinho e gratidão!

Aos meus amados pais, Vilmar e Maria Edite, que desde criança sempre me incentivaram a estudar, a sonhar e a acreditar que através da força de vontade e da persistência eu alcançaria os meus objetivos, sempre contando com sua ajuda, seu apoio, seu estímulo. A eles agradeço pelo amor incondicional, pelos cuidados, pelas noites mal dormidas abrindo mão de seus afazeres para estarem ao meu lado me protegendo e me cuidando, pela educação, pelo colo e o abraço aconchegante nos momentos em que mais precisei, pelo simples olhar de afeto, pelas palavras e gestos protetores, pela preocupação, orientando-me sempre o melhor caminho a seguir, eles que são meus exemplos de amor, dedicação, profissionalismo, caráter, integridade e persistência, nos quais me espelho e tenho muito orgulho. Esta conquista ofereço a vocês que são tudo em minha vida, meus maiores amores, que sabem superar a distância entre o Rio Grande do Sul e Piracicaba, e que mesmo distantes fisicamente estão sempre presentes em pensamento, juntos comigo em todos os momentos. Tudo o que faço é para minha realização pessoal e também para orgulhá-los. Mãe e Pai obrigada por tudo, amo vocês!

Ao meu querido irmão Wagner, agradeço pelo apoio e pelo incentivo, pois nossa diferença de doze anos de idade fez com que fosse sempre meu protetor.

Mano, sempre me espelhei em teu entusiasmo e motivação de seguir em frente, em tua coragem e determinação de ir em busca de teus sonhos e objetivos, um irmão sempre preocupado comigo, que eu amo muito, obrigada por tudo que representas em minha vida. Te amo!

A minha “Tata” Bernardina que me cuidou desde bebê para meus pais poderem trabalhar e que continua sempre presente na minha vida! Obrigada pelos cuidados, pelo amor e pelo carinho constantes!

Aos meus sobrinhos Gabriel e Mariana, agradeço pelo amor e pelas alegrias que me proporcionam, e por conseguirem me entender apesar da pouca idade (sete e três anos) naqueles momentos em que fui pra casa no RS e que tive que abrir mão de nossas brincadeiras para escrever esta dissertação. A tia ama muito vocês meus Pimpolhos!

A meu namorado Alexandre e sua família. O mestrado além de ter me oportunizado muitos conhecimentos e realização pessoal ainda fez com que eu encontrasse meu grande amor em Piracicaba. Agradeço-te pelo carinho, companheirismo, preocupação, pela presença constante, pela proteção e por me fazer acreditar que um grande amor é feito através do tempo certo de alguém entrar e mudar a nossa vida. Te amo muito!

Meu respeito e carinho aos meus amigos, mas em especial à Carol e à Rose que sempre estiveram presentes comigo nesta caminhada. Nós nos conhecemos como colegas de disciplinas da Pós-Graduação, mas nos tornamos muito mais que meras colegas, e sim grandes amigas e companheiras. Agradeço especialmente à Carol que muito me ajudou, estando sempre por perto, me auxiliando em todos os momentos em que precisei, mais que uma amiga, uma irmã, alguém que sei que sempre poderei contar. Obrigada por tudo amiga, és muito especial e importante pra mim!

Meu carinho e agradecimento às Professoras do Núcleo de Práticas Educativas e Processos de Interação, do qual fiz parte: Anna Padilha, Maria Inês, Cláudia e minha orientadora Magui. Além das professoras do Núcleo, agradeço aos Professores (as) do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, com os quais tive o prazer de cursar disciplinas obrigatórias e optativas: Roseli, Elias e Luzia. Agradeço imensamente pelos ensinamentos.

Aos professores Rosa Maria Cavalari e Raimundo Donato pelas valiosas observações no exame de qualificação do mestrado, bem como a Profa. Maria Inês Bacellar Monteiro pela participação na defesa juntamente com a Profa. Rosa Maria que muito contribuíram para a finalização desta dissertação.

Às funcionárias da Secretaria do PPGE e do PPG, em especial à Angelise, pela simpatia, delicadeza e alegria prestadas em qualquer pedido ou informações.

Ao CNPq, visto que esse trabalho foi realizado contando com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

Aos sete moradores do bairro Ibitiruna: Dona Tita, Seu Abir, Seu Jair, Dona Olinda, Seu Sabino e Dona Verônica pela receptividade, pelas informações e por não terem medido esforços em me auxiliar nesta pesquisa, a eles que voltaram ao passado através de nossas conversas e deixaram-me compartilhar de suas histórias de vida, meu singelo agradecimento, sem a colaboração de vocês esta pesquisa não teria sido executada.

À coordenadora da Escola Nathalio Zanotta Sabino, Profa. Cristina e demais Professoras: Jeane, Flávia e Cilene, bem como aos alunos e funcionárias da escola: Dona Cida e Raquel que foram meu primeiro contato na comunidade do bairro. Agradeço em especial a Dona Cida que nos seus horários de intervalo acabava usando seu tempo para ir comigo até a casa dos moradores entrevistados, para que

dessa forma eu pudesse estabelecer contato e realizar as entrevistas. Agradeço por sua ajuda e disponibilidade!

A todos os que fazem ou fizeram parte de minha história, agradeço de coração pelo carinho.

*Se queremos progredir, não devemos repetir a história,
mas fazer uma história nova. Mahatma Gandhi*

*Quando tudo no mundo é mocidade,
verde a árvore, moça a natureza;
e cada ganso te parece um cisne,
e cada rapariga uma princesa;*

*venham minhas esporas, meu cavalo!
Vou correr mundo em busca da alegria!
O sangue moço quer correr, ardente,
e cada criatura quer seu dia...*

*Nas frias tardes da velhice, quando
é parda toda a árvore que vive;
em que todo o desporto é já cansaço,
e toda a roda corre no declive;*

*oh! volta à casa, busca o teu cantinho,
vai, mesmo assim, cansado e sem beleza:
lá acharás o rosto que adoravas
quando era jovem toda a natureza!¹*

¹ Charles Kingsley: *The Water Babies*, traduzido por Pepita de Leão (Porto Alegre, Globo, 1942).

RESUMO

A partir da história oral de vida de velhos moradores de um bairro da zona rural de Piracicaba/SP, o objetivo geral do trabalho é identificar nas lembranças, memórias temáticas e aspectos de vida relevantes para uma educação ambiental mais consciente, levando em conta a problemática do bairro, formando alunos mais críticos. Como metodologia foi utilizada a história oral de vida de sete velhos moradores de um bairro da zona rural do município de Piracicaba/SP. Primeiramente foram realizadas as entrevistas, seguidas de três etapas: transcrição literal das falas, a seguir passou-se pelo processo de textualização e como última etapa, a realização da transcrição, processo no qual foram construídos textos em primeira pessoa. Os textos, depois de transcritos, foram levados à validação pelos entrevistados, pois é a validação que confere legitimidade ao documento de história oral. A partir das narrativas, foram feitos recortes sobre recordações e reflexões sobre a escola, sobre o papel da escola, sobre o bairro, sobre a vida no bairro em termos de qualidade de vida. A memória dos velhos se mostrou uma importante fonte de investigação das transformações ambientais e sociais ocorridas nas últimas décadas na região. As questões levantadas, oriundas das análises das histórias orais de vida, podem subsidiar propostas de ações, atividades e projetos de Educação Ambiental a serem desenvolvidas nas escolas rurais e urbanas, e também em outros espaços do município de Piracicaba/SP.

Palavras- chave: Educação Ambiental; História oral, Memória; Meio Rural.

ABSTRACT

From the oral history of life of elderly residents of a rural district of Piracicaba / SP, the overall objective of the study is to identify in the memories, memories of life issues and aspects that are relevant to a more conscious environmental education, taking into account the problems of the neighborhood, making students more critical. The methodology used was the oral history of life of seven residents of an old neighborhood of the rural municipality of Piracicaba / SP. First, the interviews were conducted, followed by three steps: verbatim transcript of the speech, then it moved through the process of textualization and as a last step, the realization of transcreation, a process in which texts were constructed in first person. The texts, after transcreated, were taken for validation by the respondents, because it is the validation that gives legitimacy to the oral history document. From the narratives, clippings were made on memories and reflections about school, about the role of the school, about the neighborhood, about life in the neighborhood in terms of quality of life. The memory of the elderly proved an important source of research on environmental and social changes that have occurred in recent decades in the region. The issues raised, arising from the analysis of the oral histories of life, can support the proposed actions, activities and environmental education projects to be developed in urban and rural schools, and also in other areas of the city of Piracicaba / SP.

Keywords: Environmental Education, Oral History, Memory, Rural.

SUMÁRIO

Capítulo I: A Pesquisa.....	15
1.1 – Introdução.....	15
1.2 – Objetivos.....	25
1.2.1- Objetivo Geral.....	25
1.2.2- Objetivos Específicos.....	25
1.3 – Metodologia da Pesquisa.....	26
1.3.1- Sujeitos da Pesquisa.....	32
1.3.2- Sobre Piracicaba, SP.....	33
1.3.3- Localização e características do bairro de Ibitiruna.....	34
Capítulo II – Memória e História Oral.....	40
Capítulo III – Narrativas dos velhos moradores.....	48
3.1 – Dona Tita.....	49
3.2 – Seu Abir.....	57
3.3 – Seu Sabino.....	63
3.4 – Dona Olinda.....	79
3.5 – Seu Jair.....	86
3.6 – Seu Zé Ico.....	97
3.7 - Dona Verônica.....	101
Capítulo IV- O recorte temático da pesquisa: a Educação Ambiental.....	107
4.1 – Fundamentos da Educação Ambiental.....	107
4.2 – Educação Ambiental e Qualidade de Vida.....	118
4.3 – Educação Ambiental e Escola Rural.....	125
Capítulo V- Análise Temática: contribuições à Educação Ambiental.....	133

5.1 – Recordações e reflexões sobre a escola e o papel da escola.....	133
5.2 – Recordações e reflexões sobre o bairro e a vida no bairro.....	141
Considerações Finais.....	153
Referências Bibliográficas.....	157
Anexos.....	167

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa rural de Piracicaba, SP, com as respectivas Escolas Municipais Rurais.....	33
Figura 2- Bairro Ibitiruna.....	34
Figura 3- Bairro Ibitiruna de Piracicaba.....	35
Figura 4- Único bar e venda de Ibitiruna: Bar do Zé Ico.....	36
Figura 5- Igreja Católica.....	36
Figura 6- Igreja da Congregação Cristã do Brasil.....	37
Figura 7- Posto de Saúde.....	37
Figura 8- Correio.....	38
Figura 9- Escola Municipal Nathalio Zanotta Sabino.....	38
Figura 10- Paisagem do bairro.....	39
Figura 11- Dona Tita e Seu Abir em frente a sua casa em Ibitiruna.....	49
Figura 12- Dona Tita com sua filha Mirian Elena e seu sogro Abílio Silveira de Moraes (1972) em frente à venda de Ibitiruna.....	56
Figura 13- Dona Tita em festividades na escola de Ibitiruna.....	56
Figura 14- Dona Tita e Seu Abir em frente a sua casa.....	57
Figura 15- Seu Abir (colo) juntamente com seus irmãos.....	61
Figura 16- Seu Abir e o tratorista (operador de máquinas) de Ibitiruna.....	61
Figura 17- Abílio Silveira de Moraes e Marcemília Silveira de Paula, pais de Seu Abir.....	62
Figura 18- Seu Abir trabalhando na escola de Ibitiruna.....	62
Figura 19- Seu Sabino com sua mãe.....	63

Figura 20- Fazenda da Família Sabino, onde mora Seu José Carlos Sabino e sua esposa.....	67
Figura 21- Brasão da Família Savino, hoje denominada Sabino aqui no Brasil.....	67
Figura 22- Giuseppe Savino, chamado de José Sabino, que comprou a fazenda do Barão de Café, avô do Sr. José Carlos Sabino.....	68
Figura 23- Família Zanotta Sabino no início do século.....	68
Figura 24- Dona Aninha e seus alunos em frente à escola.....	69
Figura 25- Foto antiga da escola.....	70
Figura 26- Foto da inauguração com o Sr. José Sabino (de camisa verde) fazendo um discurso.....	71
Figura 27- Nathalio Zanotta Sabino, pai do Sr. José Carlos.....	73
Figura 28- Pais do Sr. José Carlos Sabino.....	78
Figura 29- Pais do Sr. José Carlos Sabino.....	78
Figura 30- Irmãs do Sr. José Carlos Sabino e à direita sua esposa.....	78
Figura 31- Dona Olinda.....	79
Figura 32- Antônio Faustino, cobrador da jardineira que na época era o transporte para a cidade e alguns passageiros.....	84
Figura 33- Seu Jair recitando uma de suas poesias.....	86
Figura 34- Seu Zé Ico em sua venda.....	97
Figura 35- Dona Verônica.....	101
Figura 36- Área de preservação permanente em Ibitiruna.....	103
Figura 37- Qualidade de Vida.....	120

CAPÍTULO I: A PESQUISA

1.1. INTRODUÇÃO

Esse estudo é sobre a história oral de vida de velhos moradores da zona rural de Piracicaba/SP, com desdobramentos para a educação ambiental. Essas pessoas fazem parte de um pequeno número de moradores do bairro geograficamente mais distante da cidade de Piracicaba, outrora bastante povoado.

Em Piracicaba e no Brasil, de forma geral, a população é cada vez mais urbana. Todo ano milhares de pessoas saem do campo em busca de melhores condições de vida nas cidades, melhores salários, melhores escolas. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, 30 milhões (16%) de pessoas, de um total de cerca de 190 milhões, vivem na zona rural², enquanto que na região sudeste são 5,7 milhões (7%) dos 80 milhões de habitantes. Dados do Censo Demográfico de 2000 mostram que esses percentuais eram maiores há 10 anos - 18,8% no Brasil e 9,5% na região Sudeste.

Mas apesar desse movimento do campo para a cidade, segundo Martins (2005) há também, em escala muito menor, um retorno ao campo em função da atuação da Pastoral da Terra e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST).

(...) nas últimas décadas, difundiu-se uma poderosa ideologia agrarista, de revalorização do campo e de quem vive no campo, sobretudo a partir das ações e interpretações da Igreja Católica e da Igreja Luterana, por meio da Pastoral da Terra, e também a partir das ações e dos projetos do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ao mesmo tempo, a partir de outras fontes, em especial da mídia, difundiu-se forte desprestígio da cidade como lugar para viver. Portanto, estamos em face de um imaginário que já não favorece nem valoriza as migrações para a cidade como projeto de vida para quem vive no campo. (MARTINS, 2005, s/p)

Em geral, a mídia veicula notícias positivas sobre a zona rural, novas tecnologias na agricultura, safras recordes, boa qualidade de vida no campo. Mas a situação em que se encontram os pequenos agricultores e moradores da zona rural com o avanço da monocultura, os baixos salários, o uso inadequado de agrotóxicos,

² Cabe aqui uma ressalva quanto ao termo zona rural. Não há um consenso entre os especialistas, apesar de essa classificação girar em torno do tamanho da aglomeração, da densidade populacional e porcentagem da população ocupada na agricultura. *Existem áreas “rurais” segundo um critério e “urbanas” segundo outro.* (BOF, SAMPAIO et al, 2006. p.54).

a deterioração dos recursos naturais, o aumento da violência, entre outros problemas, são pouco divulgados. Para Prado (s/d) nesse contexto, está a escola rural ausente desses debates tão prementes às populações do campo.

A grande maioria dessas escolas vivencia uma realidade preocupante, pois faltam recursos humanos e materiais. Faltam professores, diretores, coordenadores além de salas, cadeiras, computadores, laboratórios, bibliotecas. Apesar dos insumos pedagógicos terem influência no ensino-aprendizagem, a formação do professor continua sendo fundamental. Dados de Sampaio et al (2006) mostram que apenas 4,6% estudam com professores com formação superior.

Para Brandão (2006, *apud* Carrança, 2006) a escola rural no Brasil, salvo exceções, é uma espécie de escola urbana mal equipada, com professores leigos e mal pagos, desprovida de estratégias voltadas para o campo.

Faltam escolas que sejam capazes de identificar problemas da comunidade e ao mesmo tempo construírem os conhecimentos necessários para equacioná-los. Associadas a políticas agrícolas direcionadas ao agricultor familiar, crédito rural, estradas, energia elétrica, comunicação, assistência técnica, serviços de saúde, apoio à cultura e ao lazer, as escolas poderiam contribuir, segundo Reis Neto (2005), para a diminuição do êxodo rural.

Mas diminuir o êxodo rural por meio de mecanismos que leve à fixação do homem no campo não é hoje a preocupação do Estado, como já foi no passado, segundo Martins (2005). Para o autor, o objetivo da reforma agrária é fazer da agricultura familiar um meio de vida e um instrumento de criação de empregos que assegurem o bem estar e elevem o nível de vida de populações que, sem a reforma, estariam condenadas à miséria e à indigência nas cidades.

A reforma tem, como um de seus objetivos, trazer os pobres do campo para o mundo moderno. A reforma agrária, portanto, é também, numa certa medida, uma reforma urbana, no sentido de que abre e amplia a alternativa de uma vida rural urbanizada e moderna para populações que há gerações foram confinadas nos espaços residuais do atraso econômico e social. Ao mesmo tempo em que livra a cidade da condição de depósito de excedentes populacionais sem destino e atenua as tendências patológicas da nossa tumultuada urbanização. Certamente, a reforma não tem por objetivo impedir ou cercear as migrações, embora essa possa ser uma das suas consequências. (MARTINS, 2005, s/p)

Baptista (2003) propõe um modelo de escola rural, que leve em consideração as particularidades de seus alunos e apresente as seguintes características:

(seja) propulsora e estimuladora da agricultura, do desenvolvimento da comunidade; provocadora e construtora de conhecimentos novos que possam interagir com o conhecimento que as famílias têm; intérprete da realidade local; capaz de construir nova identidade para quem trabalha na agricultura, na pecuária, nas agroindústrias; o sistema de ensino tem de ultrapassar as paredes da escola e se encontrar com inúmeros espaços pedagógicos existentes e disponíveis nas propriedades rurais, nas comunidades, nas roças, nos rios, nas aguadas, nos sindicatos e associações. [...] resgate, valorize e respeite a sua cultura; incentive a preservação do meio ambiente; aproveite os conhecimentos e experiências do homem e da mulher do campo, valorizando o seu trabalho e seu viver [...]. (BAPTISTA, 2003, p.33).

Para muitos autores está cada vez mais difícil estabelecer diferenças entre o meio urbano e rural em hábitos, atitudes e valores (BUSTOS, 2009), em função do modelo urbano-consumista-capitalista que se infiltrou nos espaços rurais especialmente através da televisão. Por outro lado há pesquisadores que investigam as diferenças significativas entre o meio rural e urbano, sobretudo a identidade do primeiro como uma comunidade com idiosincrasia própria.

Essas diferenças deveriam ser consideradas pelos educadores. Para Martins (2005) é preciso considerar não só o aluno como a comunidade da qual ele pertence.

(...) a escola deveria ser uma instituição do diálogo cultural com sua clientela, com os circunstantes, e deveria considerar clientela não só o aluno burocraticamente matriculado, como preferem os educadores burocratas, mas também a comunidade de referência, a que pertencem os alunos. (MARTINS, 2005, s/p)

Com a crise ambiental se agravando, juntamente com o sistema de produção capitalista, apoiado no lucro e na exploração máxima dos recursos naturais em detrimento da qualidade de vida, uma reorientação da ação humana em sua relação com o ambiente torna-se obrigatória e nesse contexto, está a educação ambiental que surge não só como necessidade, mas também como esperança (GRÜN, 1996).

Cabe destacar que quando se fala em educação ambiental, não há uma, mas várias. Segundo Carvalho (2004) é possível denominar educação ambiental a práticas muito diferentes do ponto de vista de seu posicionamento político-pedagógico. Além disso, há uma variedade de nomenclaturas que evidenciam diferentes posicionamentos político-pedagógicos: Alfabetização Ecológica, Ecopedagogia, Educação Ambiental Crítica, Transformadora ou Emancipatória,

Educação no Processo de Gestão Ambiental (LAYRARGUES, 2004). Neste trabalho, vamos assumir a perspectiva de uma educação ambiental crítica,

na qual a formação incide sobre as relações indivíduo-sociedade e, neste sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação. As pessoas se constituem em relação com o mundo em que vivem com os outros e pelo qual são responsáveis juntamente com os outros. (CARVALHO, 2004, p.19-20)

As práticas de educação ambiental, nessa perspectiva, nos fazem refletir sobre a importância de se conhecer o ambiente em que se vive, inclusive, em sua dimensão histórica e cultural. (CARVALHO; TOZONI-REIS, 2009).

Nessa perspectiva, este é um estudo sobre a história oral de vida de velhos moradores de um bairro situado na área rural de Piracicaba/SP, com destaque para as suas relações com a escola da comunidade e com o ambiente.

Após as pessoas serem contatadas, foram entrevistadas e uma vez coletadas as entrevistas, estas receberam dois tratamentos diferenciados: i) o primeiro, um tratamento formal que pudesse resultar em histórias de vida de forma a possibilitar a construção da história das famílias do bairro rural de Ibitiruna, da escola e do ambiente rural e, em especial, a ressignificação do papel dos velhos na sociedade, a serem lidas pelos interessados/envolvidos pelo seu valor intrínseco; e ii) em segundo lugar, um tratamento analítico das recordações e reflexões dos velhos moradores que pudesse resultar na problematização de algumas questões no âmbito da educação ambiental de forma a contribuir para o debate sobre o tema e oferecer elementos para a intervenção na realidade.

Espera-se gerar conhecimentos, destacar pontos relevantes nas histórias de vida, de forma a embasar propostas de ações, atividades e projetos de educação ambiental a serem desenvolvidos nas escolas rurais e urbanas, e também em outros espaços do município de Piracicaba/SP.

Na construção dos dados utilizamos a história oral de vida, pois a história oral surgiu para valorizar as memórias e experiências de pessoas comuns que a história tradicional não leva em conta, deixando à margem. E da mesma forma que a história oral é ferramenta da pesquisa qualitativa, o método de história de vida - centrado nos acontecimentos relacionados à vida de um indivíduo e em sua memória individual - está intrinsecamente ligado à história oral.

É notável que de um tempo para cá a mídia e demais meios de comunicação passaram a dar maior ênfase e destaque para a velhice, não só pelo fato do mundo e do país estar envelhecendo dadas as expectativas de vida mais altas, como já existem inúmeros empreendimentos lucrativos destinados às pessoas da chamada “terceira idade” e com alto poder aquisitivo. Com isso o velho ganha destaque na sociedade, ao menos aparentemente, já que na maioria das vezes ele é oprimido pela aposentadoria ou pelos asilos, sendo assim uma velhice banida em nossa sociedade capitalista que deixa de dar ao velho o seu real sentido e significado, uma vez que ele é o símbolo da memória, fazendo lembrar e aconselhar. Conforme destaca Bosi (1983, p. 24)

Verifica-se na sociedade em que vivemos sobre a hipótese mais geral de que o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à relação do seu passado. (BOSI, 1983, p. 24)

Antes de seguir adiante sobre a relevância do tema da pesquisa, acredito ser necessário expor as motivações que me levaram a realizar esse trabalho.

A temática em questão está intimamente ligada a minha própria história, uma vez que nasci e fui criada numa região do interior do Rio Grande do Sul, cidade pequena, o que me oportunizou o contato com o meio rural da região e com a história de minha localidade contada pelos mais velhos, também porque desde a minha graduação, tenho buscado me dedicar às questões relacionadas ao meio ambiente.

Voltando ao passado recordo-me da minha infância e vêm à tona muitos sentimentos como a alegria e principalmente a saudade em relembrar de fatos que foram decisivos e marcantes em minha história de vida, tempo vivido com muita fantasia, muito desejo, muita inocência em Nova Esperança do Sul/RS.

Minha trajetória com a área da educação, especificamente com a paixão pelo ato de ensinar começa muito cedo, desde minha infância, inspirada e espelhada em minha mãe Maria Edite, que é pedagoga. Sempre admirei sua força de vontade, seu entusiasmo e principalmente a forma de amar seu trabalho e seus alunos.

Lembro-me perfeitamente das minhas brincadeiras diárias e a que mais me fascinava era a de brincar de ser professora, embaixo de videiras, no pomar de minha casa. Lá estavam o quadro escolar, presente de meus pais, pedaços de giz,

apagador, cadeirinhas para os alunos, livros de minha mãe que eu adorava ganhar para poder imitá-la e até mesmo os sapatos de salto que eu acabava pegando “emprestados” quando ela se encontrava na escola, para dessa forma me parecer ainda mais com ela e para representar ser uma educadora.

Recordo-me dos questionamentos na escola: “O que queres ser quando crescer?” Eu rapidamente respondia: “Professora, como minha mãe!”. Acho que desde antes de entrar na escola, de saber escrever esse desejo pela área do ensino me instigava. Tive minha mãe como minha primeira professora tanto em casa como na escola, pois ela me deu aula no Pré-Escolar, foi muito significativo em minha vida, despertava-me o gosto pelo ensinar, adorava as aulas dela e via o enorme carinho e dedicação que ela tinha conosco.

O tempo foi passando, as dúvidas surgindo, afinal: “O que ser quando crescer?”, várias ideias, vários desejos. Outros bons professores também foram marcando minha vida com suas aulas. Até que ingressei no ensino médio em minha cidade e concomitantemente comecei a fazer o Curso Normal na cidade de Jaguari, RS, cidade esta onde nasci, porque na minha, devido ser muito pequena, não possuía ensino profissionalizante. Foi uma fase de muito trabalho, mas também de muito aprendizado e posso dizer que um aprendizado que me fez “amadurecer” ainda mais cedo. Sempre fui muito dedicada aos estudos e levava tudo muito a sério, lembro-me da dedicação em confeccionar cada jogo, cada planejamento para as aulas do Curso Normal. No meu último ano do Curso Normal prestei vestibular na cidade de Santiago, outra grande dúvida, fazer uma graduação na área de licenciatura ou procurar outro curso? Para decidir que curso fazer foi difícil, entre as opções que me agradava na universidade, seria Ciências Biológicas, já que eu adorava Biologia no ensino médio. Minha professora de Biologia era minha vizinha e sempre que recebia livros de Biologia das editoras, eu ganhava alguns que ela tinha em duplicata. Lembro-me do quanto eu ficava feliz por ganhá-los, lia querendo sempre pesquisar algo novo, pois me chamava muito à atenção aquela disciplina, por isso optei por Ciências Biológicas.

Na graduação entrei interessada na área de genética e acabei, ao longo do curso, gostando mesmo da área pedagógica, porque a cada disciplina que frequentava, mais me interessava pela área de educação. Tive um professor muito

inovador nessa área e eu adorava suas aulas. Pensava comigo: “Ainda quero ser como ele!”, e com isso em cada estágio realizado nas escolas, com os alunos, com os educadores procurava buscar novas formas de realizá-los, procurando sempre me colocar no lugar das pessoas que estariam me ouvindo ou participando de minhas aulas, procurando ir além da racionalidade técnica e buscando unir a prática à teoria.

Sou formada em Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santiago-RS, desde agosto de 2009, sendo que sempre tive grande interesse pela área ambiental. Ao término da graduação, no mesmo mês vim morar em Piracicaba, onde iniciei minha história com a educação ambiental, em virtude de começar a especialização em Gerenciamento Ambiental na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – e de um estágio extracurricular na Oca³ - Laboratório de Educação e Política Ambiental - que é um espaço público destinado à realização de processos educacionais relacionados a proteção, recuperação e melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida e ao aprimoramento humano em todas as suas dimensões. Está situada no Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP e vem sendo construída, desde o final dos anos 80, por estudantes, professores e funcionários da USP e de pessoas e instituições que a ela se associaram ao longo da sua história, coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Sorrentino, estágio este realizado no segundo semestre do ano de 2009, sendo que após o estágio continuei participando das reuniões de grupo de estudos do laboratório.

Nesta mesma época, entrei em contato com a Profa. Maria Guiomar Tomazello, devido sua experiência com a área de educação ambiental para orientação no mestrado, com a certeza de querer desenvolver uma pesquisa na área de educação ambiental, envolvendo o meio rural, em virtude de que se percebe que ambos - educação ambiental e meio rural -, na maioria das vezes, são tratados por meio de políticas compensatórias, já que há falta de políticas públicas para a sua melhoria e qualidade.

³ Informações extraídas do site do Laboratório de Educação e Política Ambiental da ESALQ/USP: http://www.oca.esalq.usp.br/quem_somos.php.

Durante a realização do trabalho de revisão bibliográfica, observei que há inúmeras pesquisas sobre história oral com diferentes propósitos, sendo grande parte dessas desenvolvidas pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo – NEHO-USP, coordenado pelo prof. José Carlos Sebe Bom Meihy, mas nenhuma aponta vinculações com a educação ambiental. O estudo que mais se aproxima do que aqui está proposto é o apresentado pelo Grupo de Educação Ambiental da UEFS/Bahia que faz uma proposta de educação ambiental em uma escola agrícola da região sisaleira desse estado a partir da análise da memória coletiva de velhos moradores. Há também os trabalhos orientados pelas professoras Rosa F. Cavalari e Marília Tozoni-Reis que se baseiam, respectivamente, em memórias de velhas professoras (MERCADANTE e CAVALARI, 2010) e de velhos moradores de Botucatu (CARVALHO e TOZONI-REIS, 2009), entre outros.

Quanto à educação ambiental, há um grande número de pesquisas que investigam e mapeiam as atividades de educação ambiental nas escolas brasileiras, e em menor número envolvendo as escolas rurais. Na região de Piracicaba, a pesquisa de Machado (2007), apresenta o levantamento da educação ambiental na área urbana de Piracicaba. Em geral, segundo a autora, as atividades se apoiam em tentativas de mudanças culturais e de consciência ecológica sem compromisso com mudanças sociais.

Observamos que a educação ambiental vem sendo trabalhada nas escolas em disciplinas consideradas "ambientais", como Ciências e Geografia, com o desenvolvimento de projetos temáticos ou em atividades extracurriculares e pontuais. Pôde-se constatar que a educação ambiental vem sendo incorporada pelas escolas de maneira fragmentada, superficial, isolada e descontínua, portanto, contribuindo pouco para uma educação escolar que almeje ser crítica, transformadora e emancipatória (MACHADO, 2007, p.9).

Na ausência de pesquisas sobre as escolas rurais de Piracicaba, a minha monografia do curso de especialização, defendida em março deste ano de 2011, tratou desse tema. Intitulada “A temática ambiental nas Propostas Pedagógicas de escolas municipais rurais de Piracicaba, SP: fragilidades e desafios”, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Sorrentino. Foi desenvolvida tendo como objeto de estudo as Propostas Pedagógicas de seis escolas municipais rurais deste município (pois duas delas não apresentavam propostas), tendo sido analisados os projetos educacionais,

o conteúdo curricular e objetivos propostos, no âmbito de quatro categorias: a) Qualidade de vida, b) Identidade, c) Comunidade e d) Questões ambientais.

Após disponibilização das Propostas Pedagógicas pela Secretaria Municipal de Educação realizei a caracterização dessas escolas municipais rurais através de dados contidos na própria Proposta, tendo sido feita uma análise dos projetos considerados pelas escolas como de educação ambiental.

Dentre as quatro categorias, a que contou com mais conteúdos foi a categoria d (Questões Ambientais) sendo que as outras três categorias tiveram uma menor ocorrência. Foram percebidos vários problemas e deficiências em relação à forma como são apresentados na maioria das escolas os temas de educação ambiental. Não são trabalhados de maneira transversal, interdisciplinar, como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, mas de forma pontual, nas disciplinas Ciências, História e Geografia, especialmente. Acredita-se que a equipe escolar não está sensibilizada com a necessidade de enfrentamento da crise ambiental. Os resultados apresentam indicativos que falta envolvimento da escola com educação ambiental e com problemas socioambientais presentes na comunidade. Também há falta de formação na área e formação continuada aos professores, o que pode justificar o fato de a educação ambiental não constar nos projetos pedagógicos das escolas. Em virtude disso, as atividades realizadas como sendo de educação ambiental limitam-se a atividades pontuais, conservacionistas, centradas em mudanças de hábitos.

No sentido de atingir o objetivo proposto, o trabalho foi dividido em cinco capítulos. O capítulo 1 (A Pesquisa) trata da apresentação da pesquisa, das motivações que me levaram a investigar o tema, seus objetivos e metodologia. Fez-se necessário um estudo teórico capaz de dar suporte à construção das histórias orais de vida, portanto o capítulo 2 (Memória e História Oral) traz uma revisão bibliográfica sobre a Memória, História Oral e suas relações. No capítulo 3 (Narrativas dos velhos moradores) são colocadas as narrativas dos sete moradores entrevistados, textualizadas em primeira pessoa. No Capítulo 4 (O recorte temático da pesquisa: a educação ambiental) são analisadas as definições e propósitos da educação ambiental, sua relação com qualidade de vida e com a educação no campo. No Capítulo 5 (Análise temática: contribuições à Educação ambiental) são

analisadas as entrevistas de forma a resultar na problematização de algumas questões no âmbito da educação ambiental com o objetivo de embasar propostas de ações educativas a serem desenvolvidas em escolas rurais e urbanas, e também em outros espaços do município de Piracicaba/SP. Nas “Considerações Finais” retomo os objetivos da pesquisa destacando os principais resultados obtidos tanto em relação à relevância da pesquisa em termos sociais como pela sua pertinência para a área da educação ambiental.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

A partir da história oral de vida de velhos moradores de um bairro da zona rural de Piracicaba/SP, o objetivo geral do trabalho é identificar em suas lembranças, temas e aspectos de vida possíveis de serem trabalhados em projetos e atividades de educação ambiental, formal e informal, que levem em conta a problemática do bairro, formando alunos mais críticos.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Subsidiar propostas de ações, atividades e projetos de educação ambiental a serem desenvolvidos nas escolas rurais e urbanas, e também em outros espaços do município de Piracicaba/SP;

Investigar as percepções dos moradores mais velhos de Ibitiruna sobre qualidade de vida;

Buscar nas histórias de vida possibilidades de reconstrução da história das famílias do bairro rural de Ibitiruna, da escola, da comunidade e do ambiente rural;

Possibilitar uma melhor relação entre escola-comunidade e entre gerações.

1.3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desse trabalho houve necessidade de um posicionamento metodológico *a priori*, uma vez que se trata de construir dados a partir da história oral, definida como

Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.15).

Segundo Morais (2007), a história oral surgiu para valorizar as memórias de indivíduos, experiências vividas por atores sociais que a história tradicional deixou à margem. E da mesma forma que a história oral é ferramenta da pesquisa qualitativa, o método de história de vida está intrinsecamente ligado à história oral. Para Thompson (1992, *apud* Menegolo et al, 2007, p.4) *o historiador oral tem que ser um bom ouvinte, e o informante, um auxiliar ativo*. A opção pela história oral possibilita o estudo da vida social das pessoas, contando a história dos indivíduos e suas vivências.

A história oral hoje faz parte dos debates sobre tendências da historiografia contemporânea ou da história do tempo presente. Implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. Toma-se conhecimento de vivências e saberes que se não fosse através da história oral não se teria acesso, o que ela destaca é a subjetividade.

Segundo Meihy (1996), há três modalidades de História Oral: a *História Oral de Vida*, caracterizada pelos estudos biográficos, centrados nos acontecimentos relacionados à vida de um indivíduo, suas experiências, identidade e memória individual; a *História Oral Temática*, caracterizada pelos estudos temáticos, centrados em acontecimentos relacionados às experiências, memórias e identidade de grupo/coletividades sociais; e a *Tradição Oral*, caracterizada pelos estudos relacionados ao conhecimento histórico, transmitidos oralmente ao longo do tempo pelo saber não sistematizado, pelos costumes transmitidos de geração a geração.

Ecléa Bosi (1983) tem um dos trabalhos mais consistentes realizado no Brasil sobre a memória coletiva. Em seu livro, ela narra as lembranças dos velhos sobre suas vidas na cidade de São Paulo, sobre os lugares, sua vivência, ao longo do século XX.

A autora afirma que o velho apresenta uma grande função para a sociedade: o papel de lembrar. Segundo a autora, o velho, que deixa de ser um membro ativo na sociedade, tem agora o papel de construir a memória coletiva do seu grupo, fortalecendo assim seus elos e reconstruindo sua identidade, tarefa fundamental na formação dos sujeitos sociais. Os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponte onde o passado se conserva e o presente se prepara. Sua função social é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. (BOSI, 1983).

Para a autora, a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento dos entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1983, p.82).

Geralmente, a história de vida de uma pessoa é obtida através de entrevistas em profundidade, de estrutura flexível, com o pesquisador, sendo um método que utiliza a autobiografia, centrada em indivíduos ou grupos sociais. O interesse do pesquisador é compreender, com detalhes, como as pessoas pensam ou se lembram sobre determinados assuntos/temas. Esse objetivo implica, segundo Bodgan e Biklen (1994, p.17) que o investigador passe um tempo considerável com os sujeitos em seu ambiente natural elaborando questões abertas do tipo “descreva um dia típico” ou “de que é que mais gosta no seu trabalho?”, registrando as respectivas memórias.

As lembranças, entretanto, não são individuais, mas coletivas.

O relato de uma vida, de parte de uma vida, ou mesmo o depoimento sobre um fato, não significam tão somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem, portanto, um conteúdo marcado pelo coletivo ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais. (LANG,1996, *apud* CASSAB, 2003, s/p).

Segundo Halbwachs (1990), as recordações são sempre originárias no grupo social ao qual o sujeito faz parte. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o *outro* tem um papel fundamental. Esta *memória coletiva* tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias.

Este autor em seu texto “A Memória Coletiva” sob a influência da sociologia de Durkheim, vai defender que as recordações são sempre originárias no grupo social ao qual o sujeito faz parte. *Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos* (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Para Halbwachs (1990) dos acontecimentos essenciais do passado de um grupo, denominados de “memória coletiva”, retém-se apenas aquilo que ainda está vivo na consciência deste grupo: no primeiro plano da memória se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à memória de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 1990, p.51). Segundo o autor “nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida” (p.79).

Quando nos afastamos do grupo ao qual pertencemos e não retornamos, os fatos ocorridos durante esse período podem ser esquecidos. Muitas vezes, não nos recordamos desses fatos nem mesmo quando eles nos são descritos. Quanto mais demoramos em reencontrar os membros desse grupo, mais ele se torna estranho para nós. Todas as lembranças que tínhamos com esse grupo tendem a desaparecer repentinamente (HALBWACHS, 1990, p.36-37). Assim, quando não reencontramos as lembranças que tínhamos do grupo ao qual pertencíamos, é devido que há muito tempo não fazemos mais parte daquela memória, não há mais lembrança que tenham se mantido. Segundo esse autor, é em virtude de que a condição para a recordação, reconhecimento e reconstrução dessas lembranças é continuar fazendo parte desse mesmo grupo. (HALBWACHS, 1990, p. 39).

Em virtude de uma pessoa ser considerada idosa se tiver idade acima de 60 anos, conforme o Estatuto do Idoso, Brasil (2003, p. 7) no Art. 1.º “É instituído o

Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”, foram entrevistados sete idosos, moradores do bairro com idades entre 60 e 79 anos, três mulheres e quatro homens (Dona Tita, Dona Olinda, Dona Verônica, Seu Abir, Seu Sabino, Seu Jair e Seu Zé Ico).

Definidas as pessoas a serem entrevistadas, passei a formular as questões, pois, segundo Alberti (1990, *apud* Cassab, 2003, s/p),

Se partirmos do pressuposto de que a História Oral é uma metodologia de trabalho, é evidentemente necessário que ela esteja ancorada a uma atividade de pesquisa. Primeiramente, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A História Oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado. (ALBERTI, 1990, *apud* CASSAB, 2003, s/p)

De forma a deixar os entrevistados expressarem livremente suas memórias, perguntei-lhes: Havia escola no bairro quando o (a) senhor (a) era criança/adolescente? Como era a escola? Qual era/qual é o papel da escola do bairro? Como era o bairro? Como era sua vida no bairro (em termos de qualidade de vida)?

Aos entrevistados, solicitei também fotografias e jornais antigos para auxiliar na recomposição da história contemporânea do bairro. As inúmeras vezes que estive no bairro, o meu interesse em ouvi-los, possibilitaram o estabelecimento de relações amistosas com os entrevistados. No entanto, tinha claro que não poderia me envolver emocionalmente de forma a não influenciar o trabalho. Amado (1997 *apud* Cassab, 2003) considera que o entrevistador pode manipular as entrevistas inconscientemente em função de relações de amizade, simpatias, surgidas durante a construção das narrativas.

(...) em geral de forma inconsciente para este: determinados trechos de entrevistas, por exemplo, que ‘embelezam’ os feitos dos informantes com os quais o historiador simpatiza, podem ser citados, repetidos ou estendidos, enquanto outros, que prejudicam a imagem do informante, podem ser negligenciados, resumidos ou afastados para notas. (AMADO, 1.997, *apud* CASSAB, 2003, s/p).

As entrevistas foram realizadas individualmente, captadas por um gravador, passadas para o computador e transcritas na íntegra. As entrevistas seguiram a forma de entrevistas semiestruturadas, isto é, aquelas que partem de um roteiro ou

questionamento predeterminado, mas que permite o aproveitamento de outros assuntos redefinidos no decorrer da conversa, conforme a metodologia exposta por Meihy (1996).

Na história oral de vida, após a realização das entrevistas, são realizadas três etapas de tratamento textual. Inicialmente é feita a transcrição literal da entrevista, incluindo sons, interrupções, gestos, risadas, choros. A seguir a entrevista passa pelo processo de textualização: as perguntas são suprimidas, vícios de linguagem ou “muletas linguísticas” (ah é! né, tá...) são excluídos e o texto é formatado em primeira pessoa. A última etapa e a mais importante deste processo é a “transcrição”, que consiste na produção de um texto cuja preocupação central é registrar a entrevista em sua completude, inclusive o que não fica explícito na simples transcrição. Segundo Evangelista (2010), isto inclui os gestos, os olhares, os sentimentos que foram compartilhados no encontro de sentidos que é a “entrevista”. O texto pode não conter as mesmas palavras que foram ditas, mas se aproxima intensamente do que se quis dizer, ou seja, *ele não disse, mas somente ele poderia ter dito* (CALDAS, 1999, p.75-76).

Após a gravação dos relatos, seguiram-se os processos de transcrição literal e a textualização, sendo que em seguida os textos foram devolvidos para os sete entrevistados do bairro de Ibitiruna a fim de que fizessem a devida conferência e auto reconhecimento de suas ideias expressas. É a validação que confere legitimidade ao documento de história oral, enquanto uma narrativa é construída em colaboração.

Cabe ressaltar que os colaboradores assinaram um termo de compromisso (anexo A) autorizando a transcrição literal de suas falas, de suas imagens, bem como a sua divulgação para fins estritamente acadêmicos. Inclusive, insistem que sejam mantidos os seus verdadeiros nomes no trabalho.

Após a elaboração da composição textual, existem duas concepções muito distintas para a apresentação do trabalho, segundo CASSAB (2003). Uma considera os textos transcritos como indivisíveis, enquanto a outra propõe recortes e comparações entre documentos, produtos dos vários momentos das entrevistas. Nesse trabalho mantive os textos transcritos integrais compondo um capítulo, dado o seu valor intrínseco e, num segundo momento, fiz recortes das falas das várias

entrevistas, destacando pontos relevantes nas histórias de vida, de forma a problematizar questões pertinentes à educação ambiental.

Com bases nas questões feitas durante as entrevistas, foram definidas duas categorias para a análise das narrativas dos sete moradores, em busca de problematizações no âmbito da educação ambiental: 1) Recordações e reflexões sobre a infância, a escola e o seu papel e 2) Recordações e reflexões sobre a vida no bairro/qualidade de vida.

Para a análise de suas percepções sobre a qualidade de vida no bairro, utilizei as categorias mencionadas por Herculano et al (2000) baseadas no modelo escandinavo de qualidade de vida, conforme quadro 1 a seguir:

Quadro 1. Modelo escandinavo de qualidade de vida baseado em 3 dimensões

	Indicadores objetivos	Indicadores subjetivos
Ter (condições materiais)	Medidas objetivas do nível das condições ambientais e de vida (riqueza, renda, habitação, emprego, educação, saúde, trabalho, além de indicadores ambientais específicos)	Sentimentos subjetivos de satisfação/ insatisfação com tais condições
Amar (necessidades sociais)	Medidas objetivas de relações interpessoais (relações comunitárias e familiares e de trabalho, participação da vida coletiva)	Felicidades-infelicidades-sentimentos subjetivos sobre as relações sociais
Ser (necessidade de crescimento pessoal)	Medidas objetivas da relação das pessoas com a sociedade e com a natureza (participação em processos públicos decisórios, oportunidades de trabalho e de lazer, possibilidades de contato com ambientes preservados e de realizar atividades lúdicas e contemplativas)	Sentimentos subjetivos de alienação/crescimento pessoal

Fonte: HERCULANO et al (2000).

Apesar das categorias já estarem delineadas quando na análise dos dados, uma análise minuciosa das histórias orais possibilitou conhecer detalhes de vários aspectos/situações observados pelos moradores, nem sempre previstos.

1.3.1. Sujeitos da Pesquisa

Inicialmente identificamos as escolas da zona rural, mais afastadas de Piracicaba, tendo sido escolhida a Escola Nathalio Zanotta Sabino, do bairro de Ibitiruna dentre as oito escolas Municipais Rurais existentes em Piracicaba (FIGURA 1), pois é considerada a mais rural em virtude da distância da cidade, a mais antiga, situada em um bairro tradicional.

Considerando que a seleção dos sujeitos do universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações, iniciamos o contato com a equipe da escola do bairro rural para recebermos as informações necessárias sobre os moradores da região. Foram-nos indicado sete moradores do bairro, quatro homens e três mulheres, identificados como pertencentes às famílias mais tradicionais e antigas da comunidade.

DISTRITOS URBANOS E BAIRROS RURAIS



Figura 1. Mapa rural de Piracicaba, SP, com as respectivas Escolas Municipais Rurais

1.3.2. Sobre Piracicaba, SP

Piracicaba é um município brasileiro do estado de São Paulo, localizado cerca de 152 km da capital, sua população estimada em 2010 é de 364. 872 habitantes⁴ e sua economia está historicamente vinculada à produção agrícola e industrial, com destaque para os setores sucroalcooleiro e metal-mecânico. A cidade possui importantes instituições de ensino e pesquisa no campo de ciência e tecnologia de alta complexidade, reconhecidas internacionalmente, como a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ - USP), Universidade Estadual de Campinas (FOP) e Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), além das Faculdades Integradas Maria Imaculada e da Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba, elevam a cidade à condição de polo de desenvolvimento científico e tecnológico. O

⁴ Censo Populacional 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

município também configura um importante centro regional de formação profissional, oferecendo grande número de cursos técnicos. A qualidade de vida é um dos maiores atrativos do município, haja vista o seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) ter conquistado a marca de 0,836 em 2000, caracterizado como “alto desenvolvimento”, segundo classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), acima da média do estado de São Paulo, que no mesmo período registrou 0,814.⁵

1.3.3. Localização e características do bairro de Ibitiruna

O bairro de Ibitiruna localiza-se aproximadamente a 45 km do centro de Piracicaba e a 25 km da cidade de Anhembi, com a qual faz limite. Os bairros rurais mais próximos são: Anhumas, Pau d’Alho, Paredão Vermelho e Tanquan. A maior parte das casas é de tijolos, porém existem algumas propriedades onde as casas são de madeira.



Figura 2. Bairro Ibitiruna

⁵ As informações sobre o município de Piracicaba foram extraídas dos sites do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba:
<http://www.ipplap.com.br/acidade.php>
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf.



Figura 3. Bairro Ibitiruna de Piracicaba

Quanto ao meio de transporte, a comunidade conta com o ônibus que sai do Terminal Central e tem seu ponto final da frente do Bar de Ibitiruna. Esse ônibus circula em cinco horários diariamente.

No bairro existem dois orelhões públicos e algumas residências possuem telefones fixos. Não existem bancas de jornais e revistas, não há biblioteca pública, assim o acesso a livros e notícias da imprensa escrita depende do hábito e do poder aquisitivos das famílias.

Há um campo de boche comunitário, um bar que é o ponto de encontro dos moradores nos finais de semana. Existe um salão de festas da igreja, onde se realiza a tradicional festa em louvor ao Santo Padroeiro, São João Batista. Possui igreja Católica, igreja da Congregação Cristã do Brasil, posto de saúde, correio, escola e cemitério.



Figura 4. Único bar e venda de Ibitiruna: Bar do Zé Ico



Figura 5. Igreja Católica



Figura 6. Igreja da Congregação Cristã do Brasil



Figura 7. Posto de Saúde



Figura 8. Correio



Figura 9. Escola Municipal Nathalio Zanotta Sabino

A escola também promove algumas festas que fazem parte da história do bairro, como a “Festa Julina” e a “Frangada”. O bairro tem como atividade principal a pecuária extensiva, praticada em latifúndio, sem maiores preocupações com a produtividade.

A região tem o relevo predominantemente ondulado, favorecendo a mecanização das atividades agrícolas, há presença de morros testemunhos como o do Pau d'Alho e da Fazenda Fortaleza, nessas regiões o relevo torna-se bastante acidentado, dificultando a mecanização. Devido a isso, essas áreas são pouco cultivadas e há presença de matas e formação de uma paisagem bastante agradável e que confere a região um atrativo turístico.⁶



Figura 10. Paisagem do Bairro

⁶ Informações extraídas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nathalio Zanotta Sabino, 2010.

CAPÍTULO II: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Ao pretender realizar uma pesquisa sobre a história oral de vida de velhos moradores de um bairro do município de Piracicaba, tendo como recorte temático a educação ambiental, fez-se necessário um estudo teórico capaz de dar suporte à construção dos dados e a sua análise. Portanto, neste capítulo trago um estudo teórico capaz de dar suporte à compreensão das relações entre história e memória, que se revelam mais complexas do que aparentemente o são.

Assim iniciamos o capítulo discutindo conceitos referentes à memória, a partir de alguns autores clássicos que nos remetem ao tema em questão, Maurice Halbwachs, Hugo Lovisoló, Michael Pollak, Henri Bergson, Ecléa Bosi, entre outros.

As pessoas relatam as suas histórias em conversas, passadas de geração para geração, pais para filhos, avós para netos, amigos para amigos, disseminando sua cultura, sendo que todos dão significados aos acontecimentos vividos, mantendo assim viva a memória coletiva do povo e reconstruindo assim o seu passado.

A memória em Bergson (1990) nos revela o prolongamento do passado no presente – com seu caráter evocativo e criativo ao mesmo tempo. Já que segundo o autor,

Imaginar não é lembrar-se. Certamente uma lembrança, à medida que se atualiza, tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me reportará ao passado a menos que seja efetivamente no passado que eu vá buscá-la, seguindo assim o progresso contínuo que a trouxe da obscuridade à luz. É isso que os psicólogos esquecem frequentemente quando concluem, do fato de que uma sensação rememorada torna-se mais atual quando sentimos melhor seu peso, que a lembrança da sensação era esta sensação nascente. O fato que eles alegam é sem dúvida exato. Quanto mais me esforço por recordar uma dor passada, tanto mais tendo a experimentá-la realmente. Mas isso se compreende sem dificuldade, já que o progresso da lembrança consiste justamente, como dizíamos, em se materializar (BERGSON, 1990, p. 111-112, grifos do autor).

Com a lembrança, reconstruímos o passado; ele vem “atualizado” pelo eu atual que está no presente, vivendo em grupo, coletivamente, socialmente. Aqui a memória é refacção, refazimento, e não um reviver. Produzimos anacronismos ao tentar “reviver” o passado. Colocamos nele elementos que não estavam lá, elementos de nossa percepção presente, GIGANTE (2008).

Esta memória coletiva tem a função de contribuir para o sentimento de pertencer a um grupo de passado comum, compartilhando vivências, histórias, enfim, memórias. Dando o sentimento de identidade daquele povo, construídas e vividas por grupos sociais que estão em constante transformação, em que

o nosso passado lá está, subconsciente, isto é, presente a nós de tal maneira que nossa consciência, para revelá-lo, não necessita sair de si mesma nem acrescentar-se algo estranho: ela só precisa, para perceber distintamente tudo o que ela contém, ou melhor, tudo o que ela é, afastar um obstáculo, levantar um véu (BERGSON, 1974, p. 103).

Halbwachs (1990) destaca que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje. O passado não revive igual como foi porque o tempo vai transformando as pessoas e suas ideias.

A memória do indivíduo irá depender de vários fatores influenciáveis, como a família, a classe social, a profissão, o meio em que está inserido, seu grupo de convivência, por isso lembrar é uma ação coletiva, pois essa memória apenas será sustentada no interior de um grupo em virtude disso, para se reconstruir o passado, depende da integração do indivíduo com seu grupo, compartilhando de suas vivências, evidenciando uma identidade através da qual se relaciona com a memória coletiva.

Segundo Barbosa (2009), vivemos em uma época em que as pessoas se tornaram muito individualistas, sendo que ocorre muito é o medo pela “perda da memória”, frente a muitas doenças como amnésias e mal de Alzheimer. Tudo é registrado para não se correr o risco das informações serem perdidas, orientando dessa forma a memória, por meio de fotografias, diários, blogs, papéis escritos e espalhados pela casa, reflexos da memória coletiva.

Nas palavras de Pollak (1989),

Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. (POLLAK, 1989, p. 3)

A memória que é uma operação coletiva dos acontecimentos vivenciados no passado, está ligada ao processo de identificação de um grupo, bem como suas interpretações, são tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar

sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes entre eles: associações, igrejas, regiões, famílias etc. (POLLAK, 1989).

Bosi (1983) menciona que o autor Bergson em seu livro *Matière et mémoire* (1959) já destaca que a lembrança é a sobrevivência do passado, e o passado conserva-se no espírito de cada um, aflorando a consciência na forma de imagens-lembrança, em que Bergson entende que não haveria percepção que não estivesse impregnada de lembranças, de memória.

Se nos lembramos é porque os outros, a situação presente nos faz lembrar: “o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos ou outros homens, no-las provocam” BOSI (1983).

O simples fato de lembrar o passado, no presente exclui as identidades quer sejam de um ou de outro, mas propõem de certa forma as suas diferenças em termos de ponto de vista perfazendo suas memórias.

Bosi (1983) refere-se que Goethe já observava a questão da memória,

Através de Verdade e Poesia, Goethe relata que: “Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças...” Daí o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social da memória. (BOSI, 1983, p.21)

Na memória das lembranças de pessoas mais velhas verifica-se uma história social bem desenvolvida que segundo Bosi (1983) elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, já viveram quadros de referência familiar e cultural reconhecíveis, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano e fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem ou adulta, pois ambas estão absorvidas em um presente com muitas lutas e contradições.

O velho ao lembrar de seu passado está ocupando-se consciente e atentamente do próprio passado, ele não aguarda que as lembranças o despertem mas ele as procura. Segundo Bosi (1983) o velho interroga outros velhos, compulsava seus velhos papéis, suas antigas cartas e principalmente conta aquilo que se lembra quando não cuida de não fixá-la por escrito. Em geral o velho se interessa pelo passado muito mais que o adulto já que sobressai a ele a função de lembrar como uma obrigação social, pois na sociedade em que vivemos o homem ativo (independente de sua idade) ocupa-se menos em lembrar do que o velho (que na

maioria das vezes já está afastado de seus afazeres) possa lembrar assim mais de seu passado.

Para Bosi (1983)

Há dimensões de aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois dele ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. (BOSI, 1983, p. 32)

A idade adulta é norteadada por ações do presente, ela volta-se ao passado quando busca nele aquilo que se relaciona com suas preocupações atuais. Os velhos se lembram de fatos do passado por vários motivos, sendo a principal deles a saudade dos amigos, dos tempos de convívio, da vida em família, trazendo sua memória passada para ser lembrada no presente e contada ou passada para as novas gerações, já que a memória não é apenas individual, pois ela está inserida em um contexto, sendo este familiar, social e cultural.

Mercadante (2009) salienta que a

reconstrução do passado via memória, sugere um novo olhar diante das marcas do que vivenciamos e lembramos. Quando o passado é reconstruído no presente, temos um conjunto de representações e, portanto, trata-se de uma “reconstrução” e não “reprodução”. Essa reconstrução é feita a partir de uma perspectiva, as quais se manifestam por meio dos lugares e das pessoas, ou seja, as lembranças emergem quando, por exemplo, se sente um cheiro ou se encontram pessoas que há tempo não se via. (MERCADANTE, 2009, p. 67).

A memória tem grande importância na reconstrução do passado, principalmente no que se refere ao rememorar do velho. Conforme Mancuso (2000), o passado se constitui na sua principal referência. Tendo como referencial Halbwachs, Mancuso defende que o lembrar do velho se diferencia do adulto, pois, se para o adulto lembrar é devaneio e distração, para o velho, lembrar é a ocupação do seu passado, da sua vida (MANCUSO, 2000, p.46).

A sociedade em que vivemos, marcada pelas vivências conturbadas, aceleradas, estressantes, faz com que muitas vezes sejam deixados de lado ou até mesmo não haja tempo de pensarmos no passado. O que se observa nas palavras de Lovisolo (1989)

A memória deixa de ser até um instrumento de produção; ao contrário, torna-se um obstáculo. No processo de formação dos homens aparecem as atitudes que proclamam, com indisfarçável orgulho, as vantagens de sermos desmemoriados. O esquecimento tornou-se virtude. Alguns historiadores confessam, sem sentimentos de carência, possuírem péssima memória. Poucos professores são capazes hoje de contar histórias embebidos pelo animus narrandis, embargados pelo prazer de recordar as datas, os personagens, os fatos, as ações. (LOVISOLO, 1989, p. 18)

Segundo Barbosa (2009), é de grande importância procurar quem tenha história para contar, nem que seja uma história em fragmentos, valorizando o que ela traz para o coletivo.

A História Oral talvez seja o único método capaz de garantir à memória do velho para o “olhar” do pesquisador, pois é ela que irá auxiliar no resgate da memória do entrevistado.

Conforme Pollak (1989),

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p. 11)

A história oral busca a valorização das memórias e recordações de pessoas que vivenciaram algum fato ocorrido. É uma metodologia que proporciona a produção de novas fontes documentais, contribuindo também para aumentar a obtenção de versões distintas sobre um mesmo fenômeno (FERREIRA, 1998).

História oral e memória estão intimamente ligadas, visto que os textos produzidos pelas entrevistas relatam a memória dos narradores de suas histórias. Segundo Fernandez (2011, p. 135), mesmo que as entrevistas tenham sido realizadas individualmente com cada entrevistado e que as memórias sejam pessoais de cada indivíduo, elas são coletivas. Conforme Fernandez, ao citar o sociólogo Maurice Halbwachs, do qual advém o conceito de memória coletiva, segundo o qual não tem como dissociar memória dos indivíduos de sua sociedade, se seu tempo e de seu espaço, já que para o autor, memória pessoal é sempre um produto social.

O uso da história oral releva diferentes reflexões acerca ao passado dos entrevistados, sendo que há diversas tendências em ambos, alguns tratam seu passado com humor, outros com angústia, outros com saudade, outros com

arrependimento, sendo assim colocado sobre diferentes formas e olhares. Cabe então à história oral, segundo Gigante (2008), transformar a fala dos entrevistados em história oral em um documento para ser analisado,

documento este em que irá além da *ilusão biográfica*, poderá conter importantes elementos para se pensar o real, para estudá-lo, levando em conta a *leitura* que os indivíduos fazem dos processos históricos dos quais, de um modo ou outro, participaram. Pode, enfim, auxiliar o historiador a realizar o que Bourdieu pretende como estudioso: “objetivar mais completamente a relação objetiva e subjetiva com o objeto”. A história oral, inclusive e em certa medida, faz do próprio entrevistador objeto de sua pesquisa, já que ele foi participante ativo da construção do documento que irá analisar. Aquela relação um tanto arrogante sujeito-objeto tem de ser deslocada (GIGANTE, 2008, p. 59, grifos do autor).

Meihy (2005) alerta a responsabilidade documental da história oral é que dá sentido à memória já que a memória tem como base as lembranças utilizadas pelo historiador oral. A entrevista da qual se origina a história oral é uma relação social, pois ela pressupõe que haja entrevistador e narrador, ambos com interesses que não coincidam. Conforme Gigante (2008, p. 59), “cada um com interesses não coincidentes em relação ao outro – um quer conhecer determinado fenômeno social, histórico, através do entrevistado; o outro, autovalorizar-se naquilo que considera digno de ser conservado”.

Para Paul Thompson,

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta (THOMPSON, 1992, p. 197).

Gigante (2008, p. 62) menciona que “se tivesse que definir, em poucas palavras, a história oral, assim o faria: trata-se de um método para a construção de um *documento*, a partir de entrevistas que respeitam alguns procedimentos bem delimitados, possíveis devido à existência de modernos equipamentos (gravadores, câmeras) que permitem este tipo de registro”. A história oral é uma história desenvolvida no presente que toma como fonte de memória o passado. Além disso, conforme Gigante (2008) não é novidade utilizar a memória de idosos para permitir ao pesquisador encontrar elos com o passado.

A história oral possibilita ao pesquisador segundo Menegolo et al (2007) recorrer, além de documentos escritos, aos documentos orais como elementos significativos no resgate de uma história. Conforme este autor,

Ao recorrer à história oral, é preciso entendê-la numa perspectiva que vai além de um relato de fatos: é uma maneira de se chegar ao conhecimento de fatos vivenciados num dado momento histórico, em que somente documentos escritos não poderiam revelar, por si só, todos os sentidos circulantes num determinado meio social. (MENEGOLO, 2007, p. 15)

Descreve-se a história oral como uma “percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado” (MEIHY, 1996, p. 10). Em sua concepção, a história oral “garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem” (MEIHY, 1996, p. 10). Define-se a história oral como uma prática social possivelmente geradora de mudanças que transformam tanto o conteúdo, quanto a finalidade da história, pois, a história oral altera o enfoque da própria história e revela novos campos de investigação, podendo derrubar barreiras entre alunos, professores, gerações, instituições educacionais e até o mundo exterior (THOMPSON, 1992, p. 22).

Os dados da história oral podem ser obtidos “por meio de fontes vivas de informações: histórias de vida, autobiografias, biografias, depoimentos pessoais e entrevistas, [...] material que precisa passar por um minucioso processo de análise” (SOUSA, 1998, p. 27).

Há três elementos fundamentais para construir uma história oral: “o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação” (MEIHY, 1996, p. 15-16). A partir desses elementos apresentados, este autor destaca três ações: “[...] a da gravação, a da confecção do documento escrito, a de sua eventual análise” (MEIHY, 1996, p. 15-16). Ele percebe ainda que é possível existir três tipos de história oral: “história oral de vida, história oral temática e tradição oral” (MEIHY, 1996, p. 15-16).

“Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados” (THOMPSON, 1992, p. 25). No momento da entrevista o entrevistador precisa ativar a memória do entrevistado, sendo que a mesma depende de elementos significativos como um rosto ou um nome, para que fatos já esquecido ou guardados possam ser lembrados. “O processo da memória depende, pois, não só da capacidade de compreensão do indivíduo, mas também de seu interesse”, podendo

estar muitas vezes relacionado não em seu apego aos fatos, mas em sua divergência com eles (THOMPSON, 1992, p. 152-153).

A primeira etapa de registro exato é a gravação das entrevistas, onde a gravação digital ou nas palavras de Thompson (1992, p. 146-147), “a fita é um registro muito melhor e mais completo do que jamais se encontrará nas anotações rascunhadas ou no formulário preenchido pelo mais honesto entrevistador, e menos ainda nas atas de reunião”.

A segunda etapa de grande importância caracterizada no processo da história oral é a transcrição das entrevistas: “a transcrição destina-se à mudança do estágio da gravação oral para o escrito” (THOMPSON, 1992, p. 57), procedimento executado com muito cuidado, “o que deve vir a público é um texto trabalhado, onde a interferência do autor seja clara, dirigida à melhoria do texto” (THOMPSON, 1992, p. 57-58). Segundo o autor: “por lógico, não são as palavras que interessam e sim o que elas contêm. [...] Vícios de linguagem, erros de gramática, palavras repetidas devem ser corrigidos, sempre indicando ao leitor, que precisa estar preparado” (THOMPSON, 1992, p. 58). Há dessa forma a necessidade de correção da entrevista, onde o sentido intencional articulado pelo narrador é mantido.

A última etapa é a textualização, no desenvolvimento do método da história oral, sendo que nesse momento, o narrador é como se fosse personagem único em primeira pessoa, passando pelo processo de *transcrição*, ou seja, um texto “recriado em sua plenitude” (THOMPSON, 1992, p. 59) onde após será conferido pelo entrevistado autorizando sua publicação e utilização.

Conforme Menegolo (2007, p 17), “reconstruir histórias de vida, nos aspectos pessoais, sociais, culturais ou profissionais, é uma forma de reaver lembranças escondidas reveladoras de sentimentos que, ao serem expressos pelas palavras, conseguem fazer os fatos renascerem, mesmo imaginariamente”, já que “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E, ao dar-lhes um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, 1992, p. 337).

Neste trabalho entrevistamos sete velhos moradores que tiveram a oportunidade de reaver lembranças e sentimentos do passado. Passamos a apresentar suas histórias no próximo capítulo.

CAPÍTULO III: NARRATIVAS DOS VELHOS MORADORES

Ao solicitar aos velhos moradores que buscassem na memória lembranças de como era o bairro no passado, como era a sua vida no bairro, entre outras questões, busquei reaver imagens do ambiente, da vida no ambiente, sem nenhuma pretensão de compor uma história ambiental do bairro, mas especialmente oportunizar que eles evidenciassem experiências, vivências, significados em relação à natureza e ao meio ambiente. Pois, segundo Reigota (1991)

A problemática ambiental não pode se reduzir só aos aspectos geográficos e biológicos, de um lado, ou só aos aspectos econômicos e sociais, de outro. Nenhum deles, isolado, possibilitará o aprofundamento do conhecimento sobre essa problemática. (REIGOTA, 1991, p.37).

Considerando também que as pessoas se constituem em relação com o mundo em que vivem com os outros (CARVALHO, 2004), as práticas de educação ambiental, nessa perspectiva, nos fazem refletir sobre a importância de se conhecer o ambiente em que se vive, inclusive, em sua dimensão histórica e cultural. (CARVALHO; TOZONI-REIS, 2009).

Essas informações são fundamentais para a educação ambiental, cujos fundamentos históricos e epistemológicos são discutidos no próximo capítulo. Também busquei informações sobre a escola rural, sobre o papel da escola, de forma a buscar imbricações entre a educação rural e a educação ambiental.

Como já explicado anteriormente, primeiramente foram coletadas as entrevistas e realizada a transcrição literal. Depois foram textualizadas e por último transcritas, dando então a forma dos sete textos individuais sobre a história de vida dos velhos moradores do bairro, apresentados a seguir.

3.1. Dona Tita



Figura 11. Dona Tita e Seu Abir em frente a sua casa em Ibitiruna.

Chamo-me Ursulina Oliveira Vargas de Moraes, conhecida como Tita, tenho 62 anos, estudei até a 8ª série e tenho curso de auxiliar de enfermagem. Nasci e fui criada aqui no bairro, portanto faz 62 anos que moro aqui. Estudei na escolinha aqui de Ibitiruna até a 4ª série, depois fui fazer a 8ª série em Piracicaba e fiz junto o curso de auxiliar em enfermagem. Meus pais sempre moraram aqui, quer dizer, meu pai é do Rio Grande do Sul, da tua terra, ele era da cidade de Palmeira das Missões, veio para cá com tropa de gado, naquele tempo se trazia tropas tocadas, aqui ele conheceu minha mãe, se apaixonou por ela, casaram e nunca mais voltou para o RS, eu nem conheço lá. Minha mãe nasceu em Bauru e bebê veio para Ibitiruna com meus avós, ela é praticamente daqui mesmo e também nunca saiu daqui.

A escola é muito importante para as crianças e para nós adultos. Ela ficou um tempo fechada, eu usei minhas férias inteiras para a Secretaria de Educação indo de casa em casa para fazer voltar a funcionar, toda vida eu participei da escola, se não tivéssemos ido pra cima não teriam reaberto a escola. Ajudo no que posso, agora que eu me afastei um pouco, mas sempre fui muito presente, sempre estava no meio das festinhas. A professora Cilene foi uma que reergueu o bairro e a escola, porque se não fosse ela a escola poderia ter fechado novamente, porque ela é a

professora que faz mais tempo que está aqui, as demais são mais novas, ninguém quer dar aula aqui, vêm ficam o tempo necessário para pedir transferência para a cidade, mas ela não, ela tem garra, ensina, é muito responsável, quando eu vou buscar meu sobrinho na escola quando tem que sair mais cedo ela pede para assinar constando que está tirando o aluno da aula, isso é muito bom, o professor precisa ter autoridade. Aqui fica trocando muito de professora, ano passado mesmo a comunidade ficou revoltada porque as crianças iam para a aula e não tinham professor, ficavam brincando, e a Cilene que tinha que atender os dela e os demais.

A escola melhorou muito da época dos meus filhos para hoje em dia, eu costumo falar que a escola aqui é cinco estrelas, porque tem coisas aqui que nunca vimos antigamente. As crianças são buscadas na porta de casa e descem na porta da escola, aqui tem tudo que precisam. Desde quando criança eu me lembro da escolinha de barro onde hoje é o posto de saúde, depois que o pai do Zé Carlos Sabino doou terras e a prefeitura construiu a escola, e com o tempo foi sendo ampliada. Ela foi fechada uma época quando era estadual, eu e o Zé Ico e o Zé Carlos fomos correr atrás para lutar pela volta da escola, aqui sempre fomos nós três para reivindicarmos os nossos direitos, foi uma batalha grande para conseguirmos fazer com que a escola voltasse a funcionar, porque sem a escola o bairro também não funciona, fechando a escola pode-se fechar o posto de saúde também, porque um depende do outro.

A escola precisa preparar para o estudo na cidade, porque hoje em dia não tem mais o que fazer no campo, antes tinha lavouras, agora nem isso tem, ou tem que ir morar em Piracicaba para conseguir trabalho, ou tem que viver pra baixo e pra cima tentando algo para sobreviver aqui, por isso na escola precisam incentivar os alunos a procurarem um caminho, eu acho que o estudo é a melhor forma de progredir na vida. Meu neto mesmo, eu digo pra minha filha, agora que estás aqui com ele, leve ele estudar até a 4ª série aqui, mas quando ele passar para as próxima série volte com ele para a cidade. Quando tive meus filhos não quis que eles saíssem para estudar, por isso que me arrependo hoje, meu marido trabalhava aqui, ganhava mais ou menos, com isso dava para vivermos, logo entrei no posto de saúde e trabalhei vinte e cinco anos lá, me aposentei ano passado. Em virtude disso seguramos nossos filhos aqui também, eles nunca falaram de sair para irem

embora, a única foi a Magali que ia e voltava de ônibus, porque não a deixei ir embora, ela fez magistério, foi a mais esperta porque quis estudar. Se fosse hoje eu os teria incentivado para irem embora e iria junto também, iríamos todos para a cidade, porque se eles quisessem “voar” há tempos atrás não poderiam porque nunca dei “asas” a eles. Eles são assim até hoje, todos são casados, mas tudo o que eles precisam, aquilo que irão fazer eles vêm pedir opinião para mim e para o Abir.

Aqui no bairro é complicado nos dias de hoje, fico muito sentida, não gostaria que tivesse nada disso aqui, mas tem até uso de drogas já, com crianças envolvidas, isso que é pior. Eles vão estudar em Anhumas, porque aqui na escola do bairro é só até o 5º Ano, então depois eles têm que mudar de escola, e lá o bairro é perigoso, é um bairro periférico, eu já falei pra minha filha, quando meu neto chegar na idade de mudar de escola não leve ele para Anhumas, leve para Piracicaba.

Aqui o povo tem medo de falar as coisas, de reivindicar melhorias para o bairro, para a saúde, com isso preferem se afastar e irem embora. De um tempo pra cá o povo está indo embora daqui, vem muita gente estranha pra cá também, pessoas que não conhecemos, que vem trabalhar como cortadores de cana, colher laranja. As pessoas do bairro foram quase todas embora já. Nós mesmos ficamos morando aqui por quê? Tínhamos os quatro filhos indo na escola daqui, a Magali foi a única que quis estudar e com isso foi morar em Piracicaba, os outros pararam porque não quiseram sair de casa. Acabamos ficando aqui porque eu trabalhava na prefeitura, e o meu serviço era aqui, me aposentei, senão teríamos ido embora como os demais fizeram. O que nos segurou aqui foram os nossos serviços. Se tivéssemos ido embora eles poderiam ter continuado os estudos e serem outras pessoas, ficamos aqui e eles querem ficar em roda do pai e da mãe, porque gostam daqui também. Eles casaram, mas não demos asas para eles. A pessoa tem que gostar muito de estudar para ir para a cidade, hoje não digo, porque é tudo mais fácil, tem asfalto, mas na época que a minha filha estudou, era um ônibus só que ia de manhã e voltava de tarde, era estrada de terra, pegava as 5 e pouco da manhã e voltava de noite quase, só tendo muita vontade mesmo para ir todo dia. Morando na cidade pode-se ter um emprego melhor, uma profissão melhor do que ficar aqui no

interior. Era para eu ter ido embora com as crianças, não sei por que fiquei morando aqui no bairro.

Aqui as pessoas são mais atrasadas, não procuram melhorar, não tem ajuda pra isso. Quando eu trabalhava no posto tinha o cadastro de 800 moradores aqui, eram 849 cadastrados, depois que eu aposentei o povo sumiu, a maioria está indo embora para Anhembi, Conchas, Piracicaba. Lembro-me que quando trabalhava no posto não tinha hora para atender as pessoas, trabalhei 25 anos, vinham aqui em casa de dia, de madrugada fazer inalação, injeção, dava remédio fora de horário do posto, nunca falei não, salvei muita gente aqui da morte. Por isso que eu acho que deveria trabalhar no posto como enfermeira alguém daqui da localidade, essa que trabalha vem da cidade, e com isso não é todo dia e horário que o posto de saúde está aberto, e teve uma senhora daqui que morreu por falta de atendimento, agora praticamente todas as pessoas têm aparelho de pressão, aparelho de diabetes, de inalação, com isso estão se automedicando, ficando com medo de que quando precisem não tenham atendimento. O médico daqui faz 33 anos que trabalha no posto, ele conhece todo mundo aqui, então eu ligava pra ele, tinha acesso ao telefone dele, da esposa, dos celulares, ligava e falava pra ele, “Dr. Geraldo, fulano de tal não está passando muito bem!”, aí ele me dizia o que eu tinha que fazer, ele tinha confiança em mim, sabia que não daria problema. Antes a gente colhia sangue aqui, quase não iam no hospital, só se estivesse muito ruim. O pai do Abir meu marido, morreu aqui no posto, o Dr. me ensinou a passar sonda, porque ele dependia de sonda, então eu mesma que fazia isso, aplicava soro, sonda.

Dependemos muito da escola, porque o povo que viria consultar no posto precisava vir de carona no transporte escolar dos alunos. Eu e o Zé Carlos Sabino falamos com o chefe do ônibus e ele autorizou trazer as pessoas que viriam no posto.

Lembro-me que nas quintas-feiras eu atendia o Dr. Geraldo, umas vinte pessoas, a Valquíria, dentista, ela atendia dez e a pediatra atendia uns doze, tudo de manhã e ainda tirava sangue de umas quinze pessoas porque elas pegavam o ônibus e então vinham em jejum, já passavam no médico e eu aproveitava e fazia a coleta. Hoje a dentista atende cinco pessoas só. Na minha época a pediatra vinha de manhã porque sempre lutei pra isso para as pessoas poderem vir de ônibus

escolar, quase ninguém tem carro, então dependem de ônibus por morarem distante, eu era da comissão junto com o Zé Carlos Sabino então lutávamos pra isso, agora que saí mudaram para a tarde, e o povo é muito parado, não são de reivindicarem as coisas. Invés de melhorar as coisas pioraram aqui.

O principal problema do bairro é a questão da saúde, o ideal seria de ter alguma enfermeira do próprio bairro para que pudesse dar melhor assistência não só no horário de funcionamento do posto, mas sempre que houvesse necessidade, mesmo fora do horário de atendimento. No mais, o bairro é tranquilo, todos nos conhecemos, é bom morar aqui porque tem facilidade de ir para a cidade quando queremos devido ao ônibus que passa quatro vezes aqui no dia, ele vai as 5:30, volta às 10 h, vai às 11 h volta às 13 h, vai às 14:30 e volta às 16 h e o último é o das 19 h que chega aqui às 20 h, assim é prático para as pessoas irem trabalhar na cidade. Aqui se tem muita segurança, posso sair de casa e deixar a porta aberta, porque ninguém mexe. Quando chega uma pessoa estranha aqui todo mundo fica de olho, porque sempre conhecemos todos que moram aqui. Eu sempre brinco Ibitiruna é um lugar para se durar 100 anos! Minha vó mesma morreu com 92 anos, minha sogra com 94 anos, tinha um senhor morador daqui que faleceu com 100 anos, o Seu Joaquin de Oliveira Dorta. Pra mim a vida aqui no campo é muito melhor que na cidade, a qualidade de vida aqui no bairro é melhor, eu não gostaria de morar na cidade, eu nasci aqui, sempre que vou a Piracicaba eu vou a serviço, quando está perto de chegar em casa eu já sinto um ar diferente, melhor. Eu brinco que irei findar esse cemitério daqui, faz 25 anos que fiz cateterismo, na época só se fazia em São Paulo, o Adilson Maluf que era prefeito de Piracicaba na época veio conversar comigo aí recomendei ele que se caso eu morresse, que eu queria ser enterrada em Ibitiruna, e ele brincou comigo para morrer sossegada que ele traria sim!

Trabalhei muito tempo como representante da comissão de bairro, éramos eu, o Zé Carlos Sabino, o Zé Bigode que já faleceu, a Nilse Ribeiro, o Toti e o Zé Ico, tínhamos reunião uma vez por mês, depois acabamos saindo, ouvíamos as reivindicações do povo e depois passávamos para os representantes da prefeitura, agora faz uns dois anos que não tem mais.

Ibitiruna foi um bairro muito grande antigamente, aqui tinha cartório, tinha delegacia, mas faz uns 39 anos que o cartório fechou. Hoje não tem mais emprego em Ibitiruna como tinha no passado, resultou apenas na colheita da cana e da laranja, aqui as pessoas recebem por dia, pagam mal, recebem pouco pelo trabalho que fazem. Eu tenho mais três irmãs e dois irmãos, mas só um que continua morando aqui, os demais foram morar na cidade.

Por causa da cana de açúcar os passarinhos diminuíram, agora que estão aparecendo uns passarinhos diferentes, fico contente, antes tinha mais pássaros, tatu, agora é novidade quando a gente enxerga algum, com plantações de eucalipto não está nascendo mais nenhuma planta. Minha vida toda morei com meu pai na fazenda do Sabino, meu pai trabalhava pra ele, então sempre ajudei a lidar com bois, galinhas, porco, sempre tinha o que fazer, meu pai sempre lidou com leiteria, então ajudava a tirar leite.

Na questão da água melhorou muito, porque antes faltava água, tínhamos que pedir caminhão pipa em Piracicaba, hoje não precisa mais, antes ela vinha por queda, lá do Rodomeu, no início tinha aqui no pátio da igreja uma caixa, porque ninguém tinha água encanada, com isso todo mundo pegava daí. Hoje ela é tratada pela SEMAE. Como não entendíamos antes, pra nós a água era boa, mas hoje é muito melhor, porque ela é tratada, mas não é como é na cidade, é melhor. A estrada melhorou também, antes era de terra, hoje já tem asfalto até quase chegar aqui, antes era complicado pra ir à cidade por causa disso. É um local seguro, tem a ronda que passa aqui, nem precisaria porque é tranquilo, mas é bom que passe, passa mais à noite, vem de Piracicaba. De vez em quando acontecem alguns roubos em fazendas, mas aqui sempre foi tranquilo, antigamente devido ter mais gente seguidamente acontecia alguma briga, mas nada de mais.

Lembro-me quando era criança, sempre fomos pobres, nunca tive uma boneca para brincar, tudo o que fazíamos era na fazenda, então eu e a Isabel, irmã do Zé Carlos Sabino, fazíamos bonecas de abóbora, e mesmo assim éramos muito felizes. Acho que éramos mais felizes do que as crianças de agora que têm tudo, mas nós nos contentávamos com o que tínhamos, sabíamos que éramos pobres. Não podíamos ficar pedindo as coisas pra mãe. Sempre teve rio na fazenda, lavávamos as roupas no rio, só esse serviço de lavar a roupa no rio era um lazer

para nós. Depois quando a cana começou por aqui foi acabando com os rios, o rio vinha lá da fazenda do Zé Carlos Sabino, descia aqui no Miguel Martins que ainda tem um pouquinho, mas hoje já é uma poça, por causa da plantação, da erosão causada por ela.

Antigamente tinha a Festa de São João, que ainda tem hoje, só que antes se caísse dia 24 e junho que é o Dia de São João numa segunda, terça ou quarta, não importava o dia era bem na data que seria feita a festa. A festa era muito bonita, uns quinze dias antes, brincávamos, jogávamos tombola, estourávamos pipoca, todos ajudavam e não envolvia dinheiro. Hoje tudo gira em torno do dinheiro, hoje sem dinheiro não há festa, por isso que antigamente era melhor.

Aqui no entorno do bairro havia mais casas, quando o Rodomeu comprou as terras foi derrubando as casas, porque pra ele as casas não interessam porque ele tem a fazenda dele, ele quer terra pra criar bois. O Sabino também derrubou bastante casas das terras que comprou, então hoje tem bem menos casas que antigamente, mas casas bem mais bonitas, porque as que tinham na época eram casas de barro ou tábua. Antigamente também o povo tinha mais amizade, morávamos na fazenda, lembro-me que ao olhar para a estrada de domingo era como se fosse uma procissão de gente indo para a fazenda passear, o povo do bairro se reunia lá, passavam o dia, jantavam, depois que vinham embora. Tinha dias que a minha mãe e a mãe do Zé Carlos, a Sunta nos traziam para brincarmos e só voltávamos no final da tarde, era tão gostoso. Hoje se a gente vai na casa dos outros, vamos bem e voltamos tristes, porque acaba se voltando com raiva, porque é só fofoca, só conversa, ninguém mais se entende. Antes se tinha mais amizade, mais amor, hoje o dinheiro está envolvido em tudo, até na amizade existe dinheiro. Outro ponto de encontro eram nas rezas na igreja, hoje as pessoas não frequentam muito. Aqui tinha uma casa enorme de tábua do Carlito, era morador antigo daqui, nos reuníamos na casa dele pra jogar tombola, não para ganhar, mas para nos divertirmos. Foi uma perda muito grande quando o Carlito morreu.



Figura 12. Dona Tita com sua filha Mirian Elena e seu sogro Abílio Silveira de Moraes (1972) em frente à venda de Ibitiruna.



Figura 13. Dona Tita em festividades na escola de Ibitiruna.

3.2. Seu Abir



Figura 14. Dona Tita e Seu Abir em frente a sua casa.

Meu nome é Abir Silveira de Moraes, tenho 60 anos, nasci em Anhembi, fui morar com meus pais em Piracicaba, e com 10 anos viemos morar aqui em Ibitiruna, estudei até o 4º ano, e essa série eu estudei aqui no bairro, a escola era onde é o posto de saúde hoje, as demais séries eu havia feito no Barão de Piracicaba, faz uns 50 anos que moro aqui.

A escola era uma escolinha mista, feita de barro. As professoras vinham de Piracicaba, de ônibus até o ponto e sempre ia alguém buscá-las e levá-las a cavalo, de vez em quando conseguiam alguma carona até Piracicaba, mas era difícil. Diferente de hoje que as professoras vem de transporte escolar até a frente da escola. A escola é muito importante aqui para o bairro porque a educação vem em primeiro lugar. Na escola os alunos precisam ser preparados para continuar os estudos, precisam adquirir conhecimentos para a vida no campo, mas também para seguir os estudos na cidade, eles que irão decidir depois se campo ou cidade, cada qual escolhendo seu caminho, mas têm que estudar, da forma como está indo acredito que daqui uns quinze, vinte anos não vai ter mais ninguém morando aqui, devido a não ter mais lavoura, plantação, não tem onde trabalhar, aqui é só cana,

eucalipto, laranja, por isso a juventude de hoje vai toda pra cidade, não vão querer ficar aqui no bairro fazendo esses serviços, por isso que têm que estudar para terem um bom caminho. Aqui no sítio a lavoura não dá mais e os jovens de 18, 19 anos acabam como diz a gíria: “puxando o carro”, vão embora.

Tenho quatro filhos, um faleceu de acidente, e os quatro estudaram aqui em Ibitiruna até o 4º ano e depois foram estudar em Artemis, fizeram até a 8ª série lá, uma filha minha se formou professora em Piracicaba, mas ela também mora aqui, ela e outro filho, apenas uma que mora em Piracicaba. Minha filha morava em Piracicaba, essa que é professora, mas o meu netinho de cinco anos tem problema de asma, devido a isso eles se mudaram para cá e meu neto melhorou, porque aqui é outro ar, muito melhor, lá ele vivia no hospital internado, era uma semana em casa e quatro/cinco dias no hospital. A minha filha trazia ele pra cá ele melhorava, voltava pra Piracicaba ele piorava. Íamos à casa dele nas sextas e ele queria vir pra cá conosco, e no domingo a mãe dele vinha buscá-lo. Depois veio morar pra cá e melhorou de uma forma que nunca mais foi internado. No próximo ano ele irá à escola.

Sempre incentivei meus filhos a estudarem, eu acredito que tem que ir pra frente, tem que ir para a cidade para estudar, meu filho tem 32 anos, é casado e é caminhoneiro, ele ama o que faz, não que seja o que eu e a Tita minha esposa queríamos para ele, não acho que seja uma boa profissão, eu queria que ele tivesse estudado, que assim ele poderia conseguir trabalho em uma loja, uma farmácia, que trabalhasse dentro da cidade e não precisasse ficar viajando, ficar fora de casa, ele é bastante inteligente, mas não adianta, ele adora caminhão.

Aqui no bairro todo mundo se conhece, eu moro há 50 anos aqui e a Tita, minha esposa mora há 62 anos, nasceu e foi criada aqui, ela nasceu na fazenda do José Carlos Sabino, acho que ela é a que mais sabe sobre Ibitiruna.

Meu irmão Jair foi estudar em Jaboticabal, foi embora mocinho, depois morou em Suzano, agora faz um tempo que ele voltou, uns 8 anos, ele já é aposentado e adora Ibitiruna, quis voltar pra cá, mora ele e a esposa dele aqui.

O bairro é muito antigo, é mais velho que a cidade de Piracicaba, era chamado de Serra Negra, depois que foi colocado o nome de Ibitiruna que na língua indígena significa Serra Negra, aqui no bairro há tempos atrás tinha até cartório,

faziam casamentos, passava-se escrituras, faziam certidão de óbito, depois fechou. Faz uns trinta e nove anos que fechou, lembro porque eu e a Tita demos os nomes para nos casarmos aqui, e no mês do casamento fechou o cartório, com isso fomos casar na cidade. O cemitério daqui tem mais de 70 anos.

Hoje o bairro está bem melhor que há tempos atrás, mas mesmo assim tem muita gente que por falta de algumas coisas acabam deixando o bairro e indo embora. Antes aqui tinha muitos moradores, deveria ter uma pessoa responsável pelo bairro para que funcionasse melhor, teria que ter um vereador do bairro, alguém que se empenhasse por Ibitiruna na prefeitura, para que assim os nossos problemas do bairro fossem resolvidos. Não temos com quem conversar, falar, para ver se iremos resolver. O Zé Carlos Sabino que foi nosso representante por muitos anos da comissão de bairros, sempre foi um líder do bairro, ele lutou pelo bairro, conseguiu contemplar muitas coisas devido a isso.

Nós tivemos a sorte de nos aposentarmos aqui, então dá pra viver pelo menos. Mas do jeito que está hoje acho que daqui uns 10/15 anos Ibitiruna irá acabar. A gente fica sentido que o povo vai embora. De quinta-feira tinha cerca de 30/40 pessoas no posto de saúde, agora são 4/5 pessoas, não mais que isso. Acho que o maior problema aqui no bairro é na questão da saúde.

Pra mim a qualidade de vida no bairro é melhor que na cidade, não trocaria aqui pela cidade, acho que não me adaptaria, só se eu tivesse uma casa própria na cidade, uma casa boa, mas sair daqui pra ir morar em certos bairros de lá não dá, só se fosse um lugar bom, perto de supermercado, de bancos, pronto socorro, senão não, porque aqui tem mais segurança.

Trabalhei como serviços gerais pela prefeitura aqui, foram trinta anos, nove meses e vinte dias pela carteira, desde 1998 sou aposentado.

Aqui melhorou muita coisa, com relação à água, antes não tinha, agora tem água encanada tratada pela SEMAE, antes faltava água, hoje não falta mais, melhorou a rede de esgoto, tem telefone, hoje tem dois orelhões públicos, ônibus circular. Na questão de meio ambiente antes não tinha tanta plantação de cana, de laranja, eucalipto, antes faziam mais lavouras, era plantação de milho, algodão, arroz. Por isso que a maioria das pessoas foram embora pra cidade, porque aqui não tem mais lavoura. Hoje tem mais pecuaristas, mais criação de gado, as

plantações de cana fizeram com que muitas espécies de pássaros fossem extintas, agora até que estão aparecendo alguns, mas teve uma época que sumiram, antigamente tinha bastante, uma época eles sumiram acho que foi devido aos venenos da cana, as plantações de lavoura fazia com que tivesse mais passarinhos também. Quanto ao ar aqui não tem poluição, o ar é bom, é puro.

O emprego está muito difícil, muitas pessoas que moram aqui vão trabalhar na cidade, meu filho, meu genro, as mulheres daqui, vão e voltam de ônibus de Piracicaba.

O bairro é um lugar seguro e de noite tem a polícia rural que passa por aqui, então é seguro, é bom de morar, as estradas são boas também.

Aqui tem a tradicional festa de São João, já tinha na minha época de criança e continua até hoje.

Quando eu era criança eu adorava carreira de cavalos, jogar malha, jogar baralho, pescar no Ribeirão. Nos reuníamos na festa, tinha umas duas/ três vendas aqui, onde nos encontrávamos principalmente nos dias de chuva.

Meu pai queria que eu estudasse, mas eu não gostava, ele queria ver eu e meus irmãos estudando, mas foi só o Jair meu irmão que estudou e o Jomar que mora em Bertiooga, e outro meu irmão que é da polícia militar. Meu pai lutou para não ficarmos no sítio, queria que nós estudássemos. Estamos todos bem, mas estudar foram poucos, a maioria não têm estudo, todos com 4º ano.

Lembro-me quando ia na escola daqui do bairro, morávamos pertinho da escola, a escola era onde hoje é o posto de saúde do bairro. Um de nós levava café, bolo, bolinho, fazíamos café com leite, latinha de manteiga de comida. Brincávamos no pátio da escolinha na hora do recreio, não tinha nada nela, tinha apenas uma privada pra fora da escola. Tinha bastante alunos naquela época. Era uma professora só para as quatro séries, os alunos vinham a cavalo, a pé, vinham de longe, tudo era mais difícil, até mesmo as professoras, vinham a cavalo, as professoras na época ensinavam bem, e aprendíamos porque íamos com muita dificuldade estudar, diferente de agora que o ônibus pega e solta na porta da casa, comem, bebem, brincam, hoje a escola é uma beleza. No nosso tempo era diferente, não tinha frutas, não tinha comida, não tinha nada, tínhamos que trazer, não tinha merenda, hoje eles têm de tudo, suco, frutas, estar na escola hoje é o mesmo que

estar em casa, se chegarem de dar bronca na escola as crianças ainda chegam em casa chorando dizendo que apanharam das professoras.



Figura 15. Seu Abir (colo) juntamente com seus irmãos.



Figura 16. Seu Abir e o tratorista (operador de máquinas) de Ibitiruna



Figura 17. Abílio Silveira de Moraes e Marcemília Silveira de Paula, pais de Seu Abir.



Figura 18. Seu Abir trabalhando na escola de Ibitiruna.

3.3. Seu Sabino



Figura 19. Seu Sabino com sua mãe

Chamo-me José Carlos Sabino, tenho 74 anos, sou casado, pai de 3 filhos, o meu filho mais velho tem 48 anos, sou agrônomo, fiz a graduação em Jaboticabal, tenho mestrado e doutorado pela ESALQ de 1981 a 1983, estudei depois de mais idade, eu já era casado e tinha os 3 filhos na época. Eu fiz o científico e fiquei uns 10 anos tomando conta aqui do sítio, queria fazer Arquitetura em São Paulo, porque sempre gostei de desenhar, mas como acabei ajudando meu pai aqui nas terras, acabei gostando e querendo seguir, já que tinha onde trabalhar por aqui mesmo. Meu irmão também se formou em Agronomia, mas aqui em Piracicaba. Minha mãe dizia que só eu que não tinha estudado, que deveria continuar os estudos, com isso fiz um ano de cursinho, porque 10 anos parado, sem estudar não daria certo no vestibular. Prestei o vestibular em Jaboticabal e como eu era casado já, pensei em fazer uns 6 meses e pedir transferência pra Piracicaba, porque minha esposa morava aqui, minha família era daqui, só que aqui era 5 anos e lá era semestral, 4 anos, acabei ficando lá mesmo e vinha toda a semana pra casa, porque dá uns 200 km daqui. Minha mãe quis tanto que eu estudasse que acabei dando não apenas o

diploma da graduação pra ela, mas dei também o mestrado e doutorado, que fiz em Solos e Nutrição, na minha época antes de defender a dissertação do mestrado já poderia fazer os créditos de doutorado e eu acabei fazendo isso e consegui dar os três diplomas pra minha mãe, após mais ou menos um ano ela faleceu, mas pelo menos ficou muito contente por mim e eu por ter dado essa alegria pra ela. Parece que estava escrito no rosto dela: “Só morrerei sossegada se você se formar um dia!”. Naquele tempo era mais difícil, as pesquisas eram todas nos livros, não podíamos consultar na internet como é hoje, porque nem tinha na época, era pesquisa de biblioteca mesmo.

Minha graduação eu fiz de 1968 a 1972, lá o meu diretor era Jesus Marde dos Santos, ele é daqui, foi o primeiro diretor da faculdade, ele trouxe uma filosofia dos Estados Unidos, de ensino médio, preparar os alunos da zona rural para voltarem para a zona rural. Essa filosofia não funcionou muito bem, porque aqui sempre tem os famosos “jeitinhos”. Depois fiz em Araraquara, mas um semestre de Licenciatura no Ensino Médio. Lembro-me quando fui diretor do colégio, os alunos esperavam um atestado comprobatório que morava no sítio para poder cursar, faziam a matrícula, porque era um ensino profissionalizante, mas ao acabar não voltavam para o interior, iam morar na cidade.

Quando saí da faculdade fui trabalhar no ensino agrícola, depois saí de lá e fui trabalhar com um primo meu em Guaíra, pra aplicar os conhecimentos em Agronomia, lá fiquei durante 6 meses, dava uns 300 km. Depois de um tempo prestei concurso para o Instituto Agrônomo em Campinas, meu irmão também trabalhava lá, fiquei em 1º lugar, fiz para estações experimentais, minha vida foi praticamente do campo, sempre trabalhei na zona rural, escolhi entre três estações a de Tietê, para ficar também mais perto da minha família, minha esposa foi uma heroína de ter ficado com meus filhos crianças, até me estabilizar, porque estudei fora, morei longe.

Na estação experimental trabalhei até me aposentar em 1996, mas sempre vindo para Ibitiruna. Sempre tomei conta com meu pai e meus irmãos da propriedade, até quando meu pai faleceu com 85 anos e minha mãe com 90 anos, cada irmão ficou com um pedaço de terra, sempre cuidamos muito bem daqui, nunca deixei tirar nada da mata ciliar, tenho porcentagem a mais de mata ciliar.

Antes tinha bastante mato, bastante campo, muitas culturas, não ficava a terra nua, hoje com a cana de açúcar, se corta a cana e quanto tempo continua com a terra nua ainda, vai modificando tudo, é só olhar as fotografias aéreas de canaviais, não tem um pé de árvore sequer, porque queimam todas. Recebem multas, mas acabam pagando a multa e logo cometem o mesmo erro de novo. Mesmo que o Rio Piracicaba, numa certa época do ano ele é cíclico, ocorre muita morte de peixes, porque arreventa represas pra cima e recebem multas de 10 mil reais e no outro ano ocorre tudo de novo.

Logo que aposentei vim pra Ibitiruna, tenho 4 apartamentos em Piracicaba, tenho 3 filhos, dei um pra cada um deles e um fiquei pra mim, mas no meu vou de manhã e volto à tarde, não troco aqui por lá. Nasci em Piracicaba, mas sempre morei aqui em Ibitiruna, até pelos 8 anos, fiz um ano na escolinha daqui do bairro, mas não é essa que é hoje, era onde hoje é o posto de saúde, fiz o 1º ano do ginásio na época, na escolinha e fui morar em Piracicaba com meus tios, minhas irmãs já moravam lá, meus pais ficaram aqui. Estudei no Dom Bosco, depois fui interno em Campinas, é que na época eu jogava futebol, mas meu pai dizia que futebol não dava camisa pra ninguém, mas eu cheguei a jogar até no time amador, mas meu pai não quis que eu continuasse e foi bom igual, porque assim entreguei três diplomas pra minha mãe, fiz mestrado e doutorado quando já trabalhava no Instituto Agrônômico, fiquei afastado na época.

Essa fazenda onde moro desde 1996, quando vim definitivamente pra cá, porque vinha sempre, afinal meus pais moravam aqui, aqui foi fazenda de escravos em épocas passadas, pois era do Barão de Café, que tinha terras daqui até em Franca, a região era plantadora de café, meus bisavós vieram da Itália, meu avô José Sabino (Giuseppe Savino) plantava e exportava para a Itália, lembro-me que ele ia em lombo de burro até onde hoje é Artemis, antes era porto João Alfredo, lá tinha navegação, para levar até o porto de Santos. Meu avô comprou a fazenda por volta de 1900, ele veio acho que em 1890 para cá, porque ele nasceu em 1860. Dizem que D. Pedro II veio aqui para Ibitiruna visitar o Barão de Café. Aqui tinha muita passagem de pessoas, era um local movimentado, meu avô tinha máquina de mexer café, que mandava pra Itália, ele beneficiava café, depois com o tempo ele colocou um armazém aqui embaixo na casa, tinha de tudo, desde agulha até avião

conforme o ditado popular, porque naquela época tinha que ir a cavalo até a cidade, meu pai e meu tio faziam isso, depois que começaram a surgir as carroças. Eu conservo as coisas como era no tempo do Barão do Café, meu avô não mexeu, meu pai também não e nem eu, deixo tudo como era antigamente, inclusive as telhas da casa dizem que elas foram construídas pelos escravos, eram modeladas nas pernas, por isso daquele ditado que ouvimos até hoje “feito nas coxas”, porque realmente eles faziam o barro e modelavam o formato nas suas coxas, então tem umas menores e outras maiores. Quando meu avô comprou, por dentro e por fora era madeira taipa, ele fez uma olaria pequena embaixo da casa, e colocou na casa uma parte de tijolos, mas não são todos uniformes, fica sobrando dependendo do tijolo, os caibros e as ripas são feitos de coqueiro, essa casa tem história.

Meus pais moraram em Piracicaba, casaram-se e vieram morar aqui em Ibitiruna, somos em 5 irmãos, e fomos estudar na cidade.

Aqui se chamou Serra Negra devido ao Barão de Serra Negra como era conhecido. Em 1932 se não me engano que passou a se tornar um distrito. Aqui moraram muitas pessoas, tinha cartório, realizava-se casamentos, registros, meu irmão mesmo foi registrado aqui, é Ibitirunense. Quando tornou-se distrito mudaram o nome, para Ibitiruna que na língua tupi-guarani significa: “ibiti” + “runa”= serra negra. Nosso bairro é tradicional na cidade e o mais longe do centro urbano.

Pra contar um pouco mais da história da família, ela começou no início do século XIX meu avô, José Sabino e minha avó Luiza Zanotta Sabino, italianos que moravam na zona rural de Piracicaba, no local denominado Fazendinha que era sua propriedade, distante aproximadamente 5 km da capela da Serra Negra, como era chamada Ibitiruna na época, adquiriram uma gleba de terras do senhor Barão de Serra Negra denominada Fazenda Serra Negra e sua sede distava 1 km da capela de São João Batista. Era uma das grandes fazendas da região chamada de fazenda dos Barões do Café.



Figura 20. Fazenda da Família Sabino, onde mora Seu José Carlos Sabino e sua esposa.



Figura 21. Brasão da Família Savino, hoje denominada Sabino aqui no Brasil



Figura 22. Giuseppe Savino, chamado de José Sabino, que comprou a fazenda do Barão de Café, avô do Sr. José Carlos Sabino



Figura 23. Família Zanotta Sabino no início do século

Alguns anos mais tarde, meus tios e meu pai iniciaram sua alfabetização através dos ensinamentos de uma pessoa leiga, o senhor Francelino Germano, que era trabalhador da fazenda e que tinha certo conhecimento sobre o assunto e um

jeito todo especial de lidar com as crianças. As aulas eram ministradas na própria fazenda, e logo as outras crianças do vilarejo também começaram a frequentá-las.

O número de alunos foi aumentando e diversos moradores do bairro induzidos por meu avô José Sabino resolveram criar uma escola para funcionar naquele local.

No início da década de 20, a esposa do senhor Servino Roxo (Capitão Roxo), a professora Ana Sampaio Luiz, conhecida como Dona Aninha começou a lecionar no bairro. Ela era funcionária da Prefeitura de Piracicaba e morava junto com a família do meu avô.

Nessa época a escola não tinha lugar próprio e funcionava ora em um lugar, ora em outro, em salas arranjadas pelos moradores da comunidade. Até o final da década de 20 a escola funcionou desta maneira e os professores que vieram depois de Dona Aninha, moravam no bairro, na casa do administrador que era uma pessoa nomeada pela prefeitura.



Figura 24. Dona Aninha e seus alunos em frente à escola

Os professores iam a cavalo até o porto João Alfredo, hoje Artemis, e de lá seguiam de trem até Piracicaba para buscarem seus salários na prefeitura.

Em 1923, por decreto apresentado pelo deputado piracicabano Samuel de Castro Neves, a Capela de Serra Negra passa a distrito de Piracicaba, sendo que o

bairro passou a chamar-se Ibitiruna, que na língua indígena, “ibiti” quer dizer serra e “runa” quer dizer negra. Em 1932 foi instalado em prédio próprio a escola de Ibitiruna que começou realmente a funcionar em 1933. Essa antiga escola funcionava onde hoje é o Posto de Saúde em um prédio construído de taipa ou barro. O terreno foi doado à prefeitura pelo Sr. João Lopes, morador de Ibitiruna.



Figura 25. Foto antiga da escola

Nessa época já havia linha de ônibus, chamadas Jardineiras trafegando entre Piracicaba – Botucatu e Piracicaba – Ibitiruna, em estradas com pedregulhos.

Durante muitos anos as professoras passaram a viajar todos os dias de Jardineira, na linha Piracicaba – Botucatu. Vinham de manhã, paravam onde hoje é o trevo de Ibitiruna e depois andavam a cavalo mais 3 km até chegarem à escola. Ano após ano alguns alunos fizeram essa caminhada para ir buscar e levar as professoras no ponto. No início era apenas uma professora, depois duas que davam aulas até o 3º Ano do grupo escolar.

Até metade da década de 60 havia várias escolas espalhadas pelo bairro, como as de Ribeirão Claro, Pinga e outras em fazendas que foram desativadas, pois muitas pessoas foram morar nas cidades.

Em todos esses anos a escola passou por diversas fases, ora administrada pelo estado, ora pela prefeitura. No final da década de 60 houve um movimento dos moradores da comunidade para construir um novo prédio da escola, pois a antiga

escolinha não comportava mais o número de alunos e já estava bastante desgastada pelo tempo. Além disso, o espaço era insuficiente para o recreio das crianças e para projetos como avicultura, horticultura, jardinagem...

Foi nessa época que meu pai Nathalio Zanotta Sabino, proprietário da Fazenda Serra Negra doou à prefeitura de Piracicaba uma área grande para construção da nova escola. Após acordos com o prefeito Cássio Pascoal Padovani, o prédio da nova escola começou a ser construído, concretizando um velho sonho de meu pai e dos demais moradores, de verem os filhos estudando em um ambiente maior, mais confortável.

Essa área doada, localizada na Rua Ribeirão Claro, fica aproximadamente a 150 m da rua principal da comunidade. Essa rua tem esse nome em virtude do antigo caminho de tropas que iam até Ribeirão Claro, distante mais ou menos uns 7 km.

Esse terreno antigamente foi cemitério de Ibitiruna, mas por causa do tipo de solo do local foi desativado. Em 1971 foi inaugurada a nova escola com a presença de diversas autoridades. Funcionou bem até 1996.



Figura 26. Foto da inauguração com o Sr. José Sabino (de camisa verde) fazendo um discurso

Em 1996 as matrículas não atingiram o número exigido de alunos pelo estado e a escola não funcionou em 1997. Os alunos do bairro foram estudar em outras escolas, inclusive em Artemis, Anhumas e Anhembi. O deslocamento era muito desgastante para as crianças, pois elas permaneciam muito tempo no ônibus. Alguns pais de alunos não concordaram com aquela situação e fizeram uma reunião de representantes de bairros na Delegacia de Ensino de Piracicaba. Estavam presentes: eu José Carlos Sabino e o Sr. José Rodrigues da Rocha Sobrinho (Zé Ico), como representantes de Ibitiruna.

Pedi a municipalização da escola para funcionar já no próximo ano. Através de vários contatos entre prefeitura, delegacia de ensino e representantes de Ibitiruna houve um acordo para o funcionamento da escola com 4 salas.

Os alunos fizeram uma matrícula prévia e a dona Tita, enfermeira do posto de saúde de Ibitiruna na época, ajudou muito e também outras funcionárias da prefeitura colaboraram. Em 1998 o prefeito de Piracicaba deu o nome da escola de Escola Nathalio Zanotta Sabino, tornando meu pai o seu patrono. A partir dessa época passou a chamar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Nathalio Zanotta Sabino. Ele foi escolhido pelos serviços prestados à comunidade e também pela doação do terreno para a construção da nova escola. A escola foi reinaugurada naquele ano.

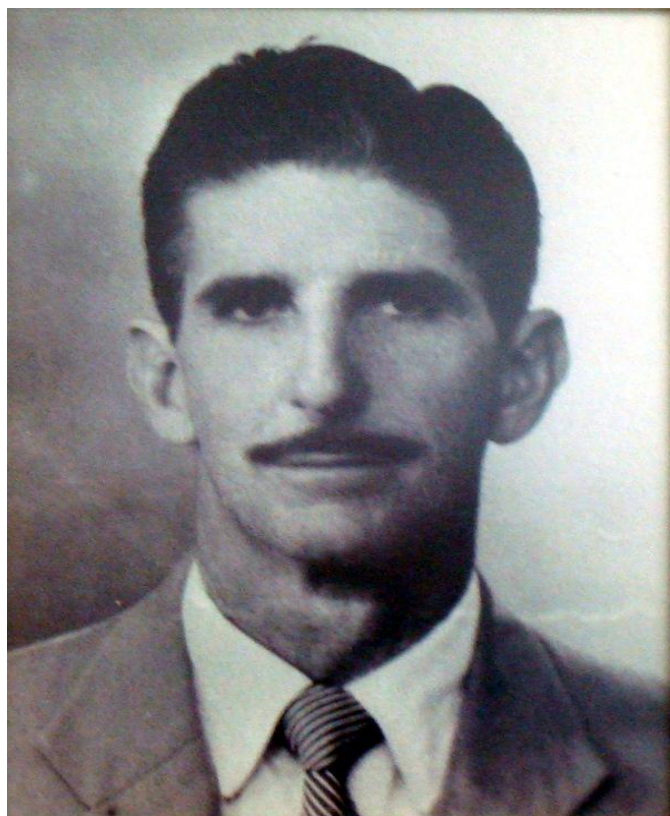


Figura 27. Nathalio Zanotta Sabino, pai do Sr. José Carlos

Meus filhos e meus netos estudaram em Piracicaba, mas no meu ponto de vista as escolas do campo precisam ensinar os alunos para a vida no campo e também para a vida na cidade, porque não são todos que irão morar na cidade, muitos ainda ficam no campo, assim como eu fiquei, eu sempre fiquei em zona rural. A escolinha era onde hoje é o posto de saúde do bairro, na época do meu avô onde hoje é a escola era o cemitério, mas ali começou a dar problema por causa da terra. O terreno do cemitério antigo ficou para o meu pai, o prefeito na época queria um terreno para fazer o grupo escolar, porque o espaço físico da escolinha estava se tornando pequeno. Eu e meu pai conversamos, porque não iríamos ocupar aquela terra, afinal campo santo não dá pra se mexer, então meu pai deu a totalidade do cemitério antigo para construção da nova escola, em 1968 ele fez essa doação, com isso construíram a escola e demoliram a outra.

A escola era estadual, mas como precisava ter no mínimo 80 alunos para funcionar e tinha ano que não atingia essa média, ela acabou ficando parada por um ano, fui na prefeitura juntamente com outros moradores aqui do bairro e conseguimos com que a prefeitura assumisse a responsabilidade pela escola,

tornando-a municipalizada. Eu e a Tita sempre nos envolvemos com a comunidade, buscando melhorias para a escola, para o posto de saúde, tudo o que precisávamos íamos para cima para podermos conseguir para o bairro. Depois que meu pai faleceu colocaram o seu nome como nome da escola para homenageá-lo. É muito importante estudar, porque pra tudo exige-se estudo, qualificação, e o saber não ocupa espaço, nem que para isso seja preciso sair do bairro, a pessoa tem que ir em busca de seus ideais. Hoje em dia tem ônibus que busca na porta de casa, coisa que antigamente não tinha, tudo é mais fácil. Há tempos atrás os moradores plantavam e não tinham como sair da propriedade porque não tinha estradas, não tinha luz elétrica, acabavam indo embora do campo rumo à melhores condições na cidade, hoje não, tudo é mais fácil, tem posto de saúde, tem telefone, tem luz, tem tudo. O governo deveria ter pensado nisso antes e incentivado o povo a permanecer no campo, muitos não teriam ido embora pra cidade. Muitos vão para a cidade por causa do emprego, mas nos dias de hoje com a industrialização, um botão de uma máquina acaba fazendo aquilo que 50 pessoas faziam antes. Há muitas coisas erradas, um exemplo é o jovem com 16 anos não poder trabalhar, nem ir preso se matar uma pessoa, mas poder eleger os nossos governantes. Hoje em dia muita coisa mudou, na época do meu avô, tinham muitos filhos, eram 10-11, hoje é no máximo 3.

O maior problema que eu vejo aqui no bairro é com relação à violência, é rezar para ninguém chegar na casa da gente e encostar uma arma na cabeça, porque o pior é além de roubar, machucar ou matar o morador. Antigamente saíamos de noite na casa dos irmãos, dos tios, hoje já não se sai mais porque se corre o risco de ser assaltado.

Fiz e ainda faço parte da associação dos moradores do bairro, que iniciou em 2002, eu e a Tita sempre estivemos muito envolvidos, mas de um tempo pra cá não estamos participando porque tudo era apenas nós dois, marcavam uma reunião era eu e ela, aí fica complicado só pra nós dois nos envolvermos. Até mesmo o asfalto que temos agora foi reivindicação nossa, desde a época do meu avô ele tentava isso, meu pai também, meus tios, eu mesmo fui o porta-voz da região e na minha vez conseguimos, foi em 1998. Os moradores do bairro tinham direito à carteirinha pra desconto em farmácias, supermercados, que eu consegui em parcerias,

combinamos em ter um fundo, onde quem pudesse fazer doações por mês iria fazer. Na primeira reunião tinha muita gente, marcamos toda segunda terça do mês, mas o povo não participava, e acabava nos sobrecarregando, sempre quis passar para outra pessoa essa incumbência, mas ninguém quer.

Aqui no bairro tem duas professoras formadas que conhecem a realidade do bairro, seria bom se elas pudessem trabalhar já que são daqui, porque as professoras da cidade acabam não parando muito tempo por aqui, logo querem transferência para a cidade.

Aqui no bairro teve bastante granjas de frango, após quando pararam começaram com plantação de citros, eucalipto, tudo melhorou depois do asfalto, até mesmo o pessoal que mora na cidade têm chácaras aqui no campo, vêm nos finais de semana.

Eu adoro morar aqui, eu já sou aposentado, então não tenho preocupações com salário, então pra mim é mais cômodo, o que eu tinha que fazer eu já fiz, mas sempre achei a zona rural melhor que a zona urbana. As pessoas estão morrendo pelo aparelho digestivo, porque invés de plantarem, criarem o que irão se alimentar, acabam comprando produtos da cidade cheios de conservantes. Eu fazia manteiga, colocava na geladeira e ficava dura rapidinho, hoje se coloca na geladeira a margarina, mas não endurece, tudo tem conservantes, agrotóxicos, já nem sabemos o que comemos mais, por isso que eu acho que a vida no campo é muito mais saudável que a vida na cidade.

Só morei na cidade na época em que estudei e depois quando trabalhei, mas trabalhava no campo, sempre trabalhei no campo, tudo é mais saudável, adoro mexer com criação, é o que fiz a vida inteira, é a vocação que se tem de morar no sítio. Aqui embora seja um bairro pequeno é bem organizado, tem água, esgoto, telefone.

Na época de 1950 era muita gente por aqui, caçavam muito os animais, derrubavam muitas árvores, não tinha água encanada, mas tinha bastante moradores, famílias tradicionais que moravam aqui, havia muita produção de cereais, criação de gado, então as pessoas tinham feijão, arroz, frango, porco, água boa sempre teve porque tinha nascente. Ao matar porco guardava-se a carne dentro

da gordura para não estragar, bem como a linguiça pendurada em cima do fogão, sabíamos o que estávamos comendo.

Hoje se cobra mais de não derrubar mata, não plantar na beira d'água, perto de nascentes, então as pessoas têm mais consciência, em compensação não sabemos mais o que nos alimentamos.

Aqui todos andávamos a cavalo, tinha carroça, carreta, íamos em festas a cavalo, porque não era como é hoje que para passear andamos de carro, até pra ver o gado vão de moto.

Há diversos tipos de passarinhos que hoje não se vê mais, por causa dos agrotóxicos utilizados nas plantações de cana, canarinhos da terra, pintassilgos sumiram, não se vê mais, embora depois que proibiram a caça tem aparecido alguns passarinhos, até tucano tem bastante, inclusive eu ultimamente embora sejam lindos os tucanos estou espantando-os daqui com rojões, porque eles comem os ovos e filhotes dos outros passarinhos, até casinha de João de barro eles derrubam, é um predador. Com a plantação de canas e eucalipto até onças estão aparecendo por aqui, porque antes eram pastos, de longe o animal nos avistaria, iam apenas em locais com mato fechado, hoje ficam meio camuflados com a cana. Até porco do mato, javali que o pessoal criou e soltou estão aparecendo, tem veado também.

Com relação à água as nascentes eram mais constantes, tinha água o ano inteiro, algumas já secaram, muita plantação de eucalipto e assoreamentos. Aqui na minha propriedade tem bastante vegetação, nos meus irmãos também tem, o bairro em si apresenta muita vegetação.

Hoje passam agrotóxicos na cana, com o vento ele atinge a água, matando os peixes e poluindo a água, pagamos pelo progresso.

Antes do êxodo rural pela década de 50 havia muita festa e bailes, festas de casamentos. Fazia-se muito churrasco com os animais de criação daqui mesmo, o povo ia a cavalo mesmo. Todos quase eram compadres, as amizades eram diferentes, os bailes eram uma diversão, nunca teve ladrão. As festividades eram com maior frequência, embora hoje ainda continue a festa do padroeiro. O povo foi saindo do bairro, indo embora, na minha época quase todo mundo tinha uma sanfona, então tinha bailes que acabavam tendo uns 4-5 acordeons, ninguém

recebia dinheiro, tocavam porque gostavam mesmo, amanhecíamos nos bailes. Havia mais divertimento.

Lembro-me quando criança que tinha os meieiros que plantavam cereais, jogávamos futebol juntos, pescávamos, tenho muita saudade da minha infância, eu posso dizer que tive infância porque aproveitei muito. Hoje o pessoal está mais preso a ficar em casa, as crianças também, só no vídeo game, não têm infância, perdem o contato com a terra. Vejo pelos meus netos, eles vêm pra cá e acabam levando alguma picadinha de inseto ficam com o corpo todo com alergia. Eu na idade deles andava descalço, pescando, sinto muita saudade dessa época, e ainda mais quando me lembro do pessoal daqui que já faleceu, aqueles que não estão mais aqui. Eu me dou bem com todos, independente de situações financeiras, irei levar as boas amizades que fiz com certeza.

Nunca me esqueço quando fui no 1º ano da escola daqui, escolinha antiga, feita de barro, a professora dava reguada nas mãos dos alunos.

Seguidamente eu fico magoado pensando se esses amigos meus que moravam aqui e foram embora há muitos anos, que nunca mais nos vimos, nos falamos, será que se lembram de mim? Será que eu me lembro deles? É uma sequência da vida mesmo. Um colega meu de república fiquei sabendo esses dias numa reunião que faleceu no Mato Grosso, outro que jogava futebol na mesma época minha, estudamos juntos na escola também está doente, doença grave. Eu fui operado do coração, então antes de eu fazer a cirurgia eu pensei que eu sou feliz que eu queria que desse tudo bem, mas que tinha tanta gente que fazia tempo que não via mais, que eu queria falar alguma coisa, dizer um até logo, graças a Deus que deu tudo certo, mas a vida é uma surpresa mesmo.



Figura 28. Pais do Sr. José Carlos Sabino



Figura 29. Pais do Sr. José Sabino



Figura 30. Cunhada e Irmãs do Sr. José Carlos Sabino e à direita sua esposa

3.4. Dona Olinda



Figura 31. Dona Olinda

Chamo-me Olinda Moraes da Silva, tenho 63 anos, estudei até o 3º ano. Nasci e fui criada em Ibitiruna, depois fui embora, fiquei uns vinte anos morando fora e agora faz uns três anos que voltei para minha terra. Meus pais moraram toda vida aqui, mas já são falecidos. Estudei em Piracicaba, nunca frequentei a escola aqui do bairro. Tenho três filhos e criei mais um.

A escola rural aqui do bairro é muito útil, afinal aqui tem muitas crianças, elas precisam da escola para crescer. O estudo aqui é muito fraco, as crianças não teriam que precisar sair daqui para continuarem seus estudos em outro lugar, deveria ter uma continuação e seguimento aqui mesmo, porque é ruim para as crianças terem que sair daqui para continuarem seus estudos, afinal muda a rotina deles. Eu acho que o estudo é tudo na vida, queria que meus filhos estudassem, por isso tive que sair daqui do bairro, embora devido a não ter condições de colocar meus filhos em escolas particulares coloquei-os em escolas públicas, eram fracas mas pelo menos era melhor que aqui no bairro, ainda bem que um dos meus filhos é bem estudioso e conseguiu entrar em universidade pública.

O problema daqui de Ibitiruna é que tudo que precisamos temos que ir na cidade, precisa melhorar a questão da saúde, da escola, do comércio, é um bairro muito pobre. As pessoas são muito boas, tenho boa amizade com todos, não há o que falar do pessoal daqui, por isso que gosto muito do bairro. Eu que sou uma pessoa de idade, que não tenho mais compromissos é ótimo de morar, porque tenho a minha renda, sou viúva e recebo pensão de meu marido, já criei meus filhos, mas se tivesse meus filhos crianças ou moços ainda não moraria, já saí daqui por causa disso. O problema é a falta de oportunidades de trabalho aqui, na roça mesmo não tem mais emprego, hoje em dia é tudo com maquinário, meu marido mesmo trabalha na cidade. Moramos eu e meu marido aqui e ele vai todo dia para a cidade, pra trabalhar, ele pega ônibus as 5:20 da manhã e chega 17:30, 20:30 em casa, por isso que eu digo que aqui é bom só para o pessoal de idade.

O bairro antigamente era bem simples, não tinha água encanada, meu pai que acendia os lampiões, tinha uma caixa d'água grande, perto do pátio da igreja, pegávamos a água na torneira e lavávamos as roupas na bacia, na tábua, era tudo muito mais difícil, mas em compensação era tudo muito mais gostoso, pena que a maioria das pessoas que existiam naquela época hoje já são falecidas, tínhamos tão boa amizade, apesar que ainda até hoje tenho boa amizade com todos que moram aqui, mas sinto saudade, tenho muita saudade mesmo.

Ibitiruna também mudou bastante na questão do meio ambiente, lembro-me perfeitamente da quantidade de cavalos que tinha aqui, meu segundo marido teve venda aqui em Ibitiruna, devido a isso conheço todo mundo, quando chegava a tarde tinha uns trinta cavaleiros que vinham fazer compras, jogar malha, todo o pessoal se reunia aqui todo dia à tarde, nos finais de semana, aquele tempo era muito mais gostoso que agora, porque não tem mais ninguém, não se vê mais ninguém. Antes visitávamos uns aos outros, passeávamos nos vizinhos, agora não tem mais disso, hoje em dia a gente vai na casa de algumas pessoas que nem sequer convidam a gente para entrar.

Havia muitas casas de tábuas, bem antigas, bem velhas, hoje a maioria são casas novas, de material, derrubaram as velhas, eu mesma moro na casa que meus pais moravam, e que antigamente era o cartório do bairro, quando aqui tinha

cartório, tinha sessenta e sete anos a casa, comprei dos herdeiros e construí essa casa nova.

O que me recordo também de antigamente, eram os bailes, tinha muito baile aqui, principalmente na casa do seu Carlito, era uma casa enorme de tábuas, ele já é falecido há muitos anos, e todos nos reuníamos em sua casa para bailar.

Aqui é um lugar tranquilo, sossegado, mas perigo há em todos os lugares, depois que voltei a morar aqui já entraram ladrões na casa do meu sobrinho, duas vezes em uma semana, ele não mora aqui, só vem nos finais de semana, porque tem um bairro periférico pertinho daqui, Anhumas.

Comecei a trabalhar muito cedo, quando tinha nove anos já trabalhava, só saí do emprego quando casei. Lembro-me quando fiquei mais moça que não estava trabalhando vinha aqui no sítio com meus pais, meu pai foi conserveiro das estradas, não havia maquinários, era tudo na enxada, meu pai pegava a estrada e enchia de areia, os barrancos eram altos e a areia escorregava, com isso meu pai puxava tudo com a enxada e a pá, então minha distração era vir trazer café para meu pai à tarde, trazia almoço, depois ia tirar leite, fazia os feixes de lenha, erguia-os na cabeça. Meu pai guardava-as num quartinho porque minha mãe tinha fogão à lenha e precisava guardar pra não molhar se chovesse. Meu pai foi um homem trabalhador, minha mãe criou dez filhos, ela teve treze, mas três morreram quando eram pequeninos. Minha mãe foi uma mulher muito trabalhadeira, quando morávamos no sítio ela tinha horta, tinha criação de porcos, tinha de tudo, nunca faltou nada pra nós, graças a Deus. Meu pai além de trabalhar nas estradas também tinha lavoura, saía às 16 h do serviço e ainda ia carpir arroz, feijão, porque ele plantava feijão também, lembro-me perfeitamente dele maiando feijão no terreno, e nós catando os grãos com a peneira.

Brincava muito com as filhas da Ernestina e da Nica, elas já são falecidas, mas as filhas não, não lembro seus nomes, brincávamos de jogar porquinho, é um saquinho que a gente enchia de feijão e jogava pra cima e depois catava de um, dois, três, e era essa a nossa brincadeira todos os dias e todas as noites. Brincávamos muito de casinha, hoje são todas casadas, tem duas delas que já são viúvas também. Fiz uma vez uma casinha linda de barro, tínhamos o fogão à lenha e nós acendíamos o fogão para fazermos cambuquira com ovo, cambuquira se faz

com o broto da abóbora, fazíamos o caldo e depois quebrávamos o ovo para almoçarmos. Na casa da minha mãe tinha muita fartura de ovos, frango, então as meninas me ajudavam a fazer o serviço de casa e depois ia ajudá-las para depois brincarmos, com uns onze anos já fazíamos doce de abóbora, matávamos frango. Sempre trabalhei, mas era muito gostoso, isso é o que me recordo de minha infância.

Não estudei na escola daqui do bairro, mas lembro-me que ela era onde hoje é o posto de saúde, era uma escola muito simples, onde inclusive havia cabras que dormiam embaixo dela, porque tinha um porão todo aberto, uma escada de madeira, não fui na escola aqui em Ibitiruna, mas essa é minha lembrança.

Aqui não tem muita coisa além do posto de saúde, que não funciona direito, o correio, pra mim o bairro não mudou em nada, está na mesma coisa, pois quase toda a vida teve o posto de saúde e a escola aqui e continuam aí. O que mudou é que antes tinha muita população, hoje em dia quem tem casa aqui só vem aos finais de semana ou de vez em quando, por isso que a maioria ficam fechadas, dá para contar as pessoas que moram aqui, mais ou menos umas onze famílias que moram aqui ao redor no bairro.

Teve uma vez um fato violento que aconteceu aqui há muito anos de um estupro de uma menina novinha daqui. Imagina todo mundo ficou indignado e apavorado, num lugar tranquilo desses acontecer uma tragédia assim.

Aqui as festas eram muito boas, lembro-me quando meu irmão Abir era pequeno, esse que também é morador aqui, e meu outro irmão, sorvete pra nós era novidade, era apenas uma vez por ano que podíamos comer sorvete, apenas no dia da festa. A festa da igreja aqui era muito melhor, os doces eram feitos com doações dos moradores, agora tudo gira em torno do dinheiro. Ficava contando nos dedos a hora que iria chegar a festa para comer sorvete, por isso que pra nós a festa era realmente uma festa. Hoje em dia tomamos refresco todo dia, comemos carne todo dia, antigamente fomos criados completamente diferentes. Esses dias mesmo minha filha veio com meu genro me visitar e fui na casa de uma amiga aqui do bairro, lá tinha aquele feijão de orelha de padre, a cerca estava cheia, cheguei em casa e fiz no almoço, minha filha adorou e me perguntou o que era aquilo, comentei que

estava lembrando quando era pequena e que minha mãe fazia muito. Antes era comum porque a gente comia muito, mas hoje em dia já é novidade.

Minha filha caçula tem trinta anos, ela nasceu aqui, mas ela gosta tanto daqui de Ibitiruna, mesmo que eu, nasci aqui, fui embora, voltei, fui embora de novo e hoje estou aqui e não sairei mais, por isso que eu digo que quem bebe água daqui não sai mais. Minha mãe falava isso também, não beba água daqui se não quiser voltar. Mesmo que o meu irmão Jair, ele também foi embora do sítio e depois de velho acabou voltando para o sítio, ele adora aqui, não troca Ibitiruna por nada.

Fui criada num sistema completamente diferente dos dias de hoje, naquela época tinham que matar porco, guardar as carnes nas latas de gordura porque não existia geladeira e quando iria comer deveria esquentá-las. Minha mãe fazia linguiça e pendurava o varal em cima do fogão à lenha. Ela fazia pão, assava no forno, lembro que era muito pão pra semana toda. Hoje em dia a gente como os pães feitos em casa, mas não têm o mesmo sabor dos que elas faziam antigamente. Lá em casa tinha horta, hoje até nos sítios não tem nada, compram tudo. Era um monte de galinhas, de porcos, horta, nós todos trabalhávamos muito, cuidávamos de tudo, eu e meus irmãos. Minha mãe colhia muito algodão, era muito trabalho diário. Hoje ninguém mais vai na roça, ninguém mais pode ajudar, têm que estudar, não podem trabalhar. Muita gente aqui passa necessidade porque não pode trabalhar, só podem estudar.

Na minha época eu trabalhava e estudava, saía do emprego às dez horas e ia correndo pra escola, ao chegar em casa era mais trabalho novamente e nem por isso alguém morreu.

Quando eu era criança a minha mãe comprava roupa nova pra nós uma vez no ano também, apenas para a festa da igreja. Não tinha nada de botas, sapatos bonitos, eram alpargatas mesmo, feitas de lona, tinha nas cores marrom, amarela, coloridas. Meu pai media o nosso pé com barbante e vinha comprar na cidade, não tinha nem como a gente escolher e ficávamos muito contentes. Era outra coisa, hoje em dia a gente compra chocolate ou danone para o filhos, e mesmo sempre procurando o melhor às vezes ainda reclamam da marca.

Antes havia uma jardineira que ia uma vez por semana na cidade e meu pai ia para comprar açúcar, carne seca os demais ele plantava e comprava aqueles

pacotes de bala dura pra nós (se batesse num machucaria), chamadas de Vela, eram todas listradinhas, ele vinha com um saquinho de papel cheio de balas, somos em dez, mas nunca brigamos, minha mãe que repartia, e nós pulávamos de contentes.

Na jardineira tinha um suporte em cima, era uma delícia de ver porque o povo carregava galinhas dentro do saco, porcos e tinha uma escadinha onde o cobrador subia e catava os sacos lá de cima, era um divertimento. Mas não íamos muito pra cidade, não tínhamos dinheiro para irmos seguidamente, geralmente era uma vez por mês, ou a cada vinte dias. Tinha jardineira somente uma vez por dia, saía às 7 horas da manhã daqui do sítio e da cidade voltava às 13 h 30 min, dessa forma ficávamos pouco tempo na cidade, devido a só ter um horário. Hoje já é diferente, tem muitos horários de ônibus que vão e vem da cidade para cá.



Figura 32. Antônio Faustino, cobrador da jardineira que na época era o transporte para a cidade e alguns passageiros

Também criei meus filhos na fartura, fui casada duas vezes e meu segundo marido tinha venda, mas eles falavam, isso eu não gosto, mas eu dizia pra eles que tinham que aprender a comer de tudo, afinal somos pobres e o que importa é que graças a Deus temos o que comer, quanta criança que nem tem o que comer.

Na minha época comia polenta, minha mãe tinha um saco branco em cima da mesa de tábua, nem móveis tinha antigamente, e quando não tinha pão minha mãe fazia um polentão e nós ficávamos muito felizes de termos o que comer. As prateleiras eram de tábua e minha mãe cortava os jornais em biquinho nas prateleiras para enfeitar a casa. Meu pai fazia os bancos, porque não tinham dinheiro para comprar, eu passei muita roupa naqueles ferros de brasa antigos e hoje em dia muita gente reclama de passar roupa com ferro elétrico ainda. Mesmo que socar arroz no pilão, quanto disso eu fiz juntamente com minha mãe, para levarmos na roça para os que estavam trabalhando, bem como café, socar café no pilão também e depois torrava o café no fogão.

Meu pai era conserveiro de estrada, quando ele se aposentou ele trabalhou um ano a mais para colocar meu irmão Abir no lugar dele, tanto que hoje meu irmão também já se aposentou.

No tempo que meu marido tinha armazém, a gente vendia fiado, quando o pessoal recebia das colheitas aí que eles vinham pagar a conta para a gente. O meu marido tinha máquina de arroz, aí eles traziam o arroz para ele limpar.

Os bailes no sítio eram muito mais gostosos, os moços compravam aquelas caixas chamadas de pó de arroz: sabonetes, flor, e arrematavam para dançar com a gente, não é como hoje que chegam e já tiram para dançar, aquela época eles pagavam caríssimo para dançar com a gente, era mais romântico, mais gostoso, não tinha briga nem nada, eram nas próprias casas dos moradores, e as casas que eram pequenas faziam no lado de fora da casa mesmo, serviam café com leite, as pessoas levavam bolo, pão, diferente de hoje que o povo vai nos bailes para encher a cara de cerveja.

Eu lembro que era mocinha e o Oscarlino que faz pouco tempo que faleceu, meus pais não queriam que fosse no baile, porque eles cuidavam muito da gente, eles achavam que a gente era muito criança, mas ele que organizava, então ele vinha pedir para a minha mãe e o pai deixarem eu ir que ele ficaria me cuidando lá no baile. Minha mãe era brava, não era fácil de convencê-la a me deixar ir.

Há tempos atrás existia muita brincadeira, a gente ria muito, tinha mais graça de morar no sítio.

3.5. Seu Jair



Figura 33. Seu Jair recitando uma de suas poesias

Meu nome é Jair Silveira de Moraes, nasci no dia 07 de março de 1932, irei fazer 80 anos no próximo ano, tenho 79 anos, toda a minha família é daqui, somos em 12 irmãos, eu com 15 anos fui embora, morar em Jaboticabal, porque fui estudar lá, fiz Agronomia, após fui morar em Suzano em dezembro de 1952, trabalhei 20 anos lá como oficial de justiça, morei lá por 43 anos, depois em 1995 voltei a morar na minha Ibitiruna, faz 16 anos, aqui é um bairro bem rural, considerado o bairro rural mais antigo da cidade.

O que predomina aqui é a agricultura e gado, sem contar na grande produção de cana, afinal, a região de Piracicaba é uma das maiores produtoras de cana do Brasil. Hoje a base principal da economia é o gado e a cana. Piracicaba é um nome indígena: lugar onde o peixe para e Ibitiruna em Tupi, “ibiti”: serra, “runa”: negra, então a tradução de tupi-guarani para essa linguagem fica: Serra Negra. Eu sei por que até hoje eu estudo muito, gosto de me atualizar, minha cama está sempre cheia de dicionários, tenho mais de duas mil traduções de Tupi-Guarani, por exemplo, Anhembi, que é aqui perto, chama-se assim porque era uma tribo que habitava a região, moravam na beira do rio Tietê, mesmo que o nome do rio Tietê, primeiramente foi rio Anhembi, por causa da tribo também, depois que passou a se

chamar Tietê, que quer dizer um passarinho pequeno que alguns chamavam Gaturama e outros de Tietê, na época existia em abundância aqui, por isso do nome, as origens sempre tem algo relacionado. Na idade que eu tenho hoje eu esqueço muito fácil das coisas de hoje, mas lembro perfeitamente do que aconteceu há 30, 40, 50 anos atrás.

Na minha época falávamos que quem fazia a faculdade era o aluno, ele que seria o responsável pelo seu crescimento pessoal e profissional, hoje em dia tudo mudou, as maiores faculdades chamamos de PP (Pagou, Passou), não importa mais a faculdade, se queres ser um bom profissional na área que for, é preciso se dedicar ao máximo, na minha época era mais exigido do aluno. Meu pai mesmo sendo daqui do sítio sempre falava para nós: “o saber não preenche lugar”, é bem assim mesmo, quanto mais a gente estuda, mais queremos saber e aprender, conforme retrata Shakespeare, “Quer ser culto, quer ser inteligente? Leia livros!”, como diz o ditado popular, “quer tornar-se um sábio? Escute a voz do povo”. Afinal, conhecimento ninguém nos tira e não toma lugar.

Tenho cinco diplomas que ganhei no Concurso do Banco Real de talentos da maturidade, gosto muito de escrever poesias, tem uma que fiz em homenagem ao povo de Ibitiruna, às famílias que aqui passaram, famílias essas tradicionais daqui, o título é:

Agradecimentos

Às famílias que aqui passaram

Foram obras do destino

E as que ainda permanecem

É uma benção do divino

Gonçalves, Moraes e Freitas

Ignácio, Bernal e Quirino

Morales, Pereira e Casarim

Prado, Rocha e Albino

Adão, Moral e Castilho

Pires, Belato e Cirino

Silveira, Vargas e Franco

Pinheiro, Barbosa e Sabino

Rosa, Cota e Calcedoni

Albano, Busato e Faustino

(Piracicaba, SP, Ibitiruna, 06 de abril de 1998)

Eu adoro escrever poesias, tem umas 80 que escrevi, sempre bato tudo na máquina, logo quando completar umas 120 eu vou editar um livro.

Tem uma que fiz para ser lida no dia de meu funeral:

Pra ser lido no dia de meu funeral

*No dia sete de março
De mil novecentos e trinta e dois
Nasceu em Piracicaba
Este corpo que se foi*

*Deitado nesse caixão
Nunca mais levantarei
Sempre de olho fechado
Porque o caminho já sei*

*Ao baixar a sepultura
Já não sinto frio e nem calor
A vala é minha eterna casa
A terra o meu cobertor*

*Ao me deixarem sozinho
Ficarei no campo santo
Quero que esqueça de mim
Porque jamais me levanto*

*Não quero que se lastime
Este é o desejo meu
Hoje foi o meu dia
Amanhã será o seu*

*Aos poucos vão me esquecendo
E o tempo vai se passando
Mesmo virando pó
Aqui estou te esperando*

*Na cabeceira da sepultura
Ali tem uma cruz fincada
Não se lê mais o nome
As letras estão apagadas*

*Na sagrada união
Seis filhos e netos deixarei
Já cumpri minha missão
Na terra por onde andei*

(Ibitiruna, 21 de agosto de 1998)

Fui embora e voltei em 1995 apenas, eu vinha seguidamente pra cá porque meus pais moravam aqui, então vinha e ficava uns três dias e voltava pra Suzano, agora retornei as minhas origens, inclusive tenho uma poesia que fala sobre isso:

Meu destino

*Eu parti de Ibitiruna
Com destino a Suzano
Passei por Piracicaba
Por ser Piracicabano
O bom filho retorna a casa
Por isso tô retornando*

*Quanto que sinto feliz
Viver nesta terra bendita
Onde nasceu o cururu
E os grandes repentista
Terra de homem inteligente
E de muitas mulher bonita*

*Travessei muitas campinas
Saudades levei de mais
E a terra dos amigos
É o berço dos meus pais
Todos que aqui passaram
Nunca esquecerão jamais*

*Quando olho no horizonte
Até eu perco de vista
A paróquia de Ibitiruna
Padroeiro São João Batista
Aqui tem a mão de Deus
Na nossa terra Bendita*

*Até hoje veneramos
Os seus restos mortais
No cemitério da saudade
Na rainha dos canaviais
Berço do eterno presidente
Dr. Prudente de Moraes*

(Ibitiruna, 10 de maio de 2005)

Eu lembro-me que na minha época de criança, eu estudei pouco tempo na escola rural daqui, fiz os primeiros meses do 1º ano depois meu pai me mandou estudar em Piracicaba, a escola era onde hoje é o posto de saúde. Em Piracicaba fiz o primário no Barão do Rio Branco, consegui o diploma em 1941 mais ou menos, com uns 10 anos. Morava na cidade com minha tia, meu pai pagava pensão pra ela para eu poder ir na escola, eu tinha uns 8 anos na época.

Eu acho que o setor educacional é de grande valia, tem muita importância, porque se não tivesse a escola aqui no bairro seria muito difícil, onde remanejar essas crianças? Ir e voltar todo o dia pra Piracicaba é muito complicado pra elas. A escola tem valor extraordinário para o bairro, é aqui que as crianças aprendem a ler, a escrever, é fundamental pra elas, meu netinho que mora conosco estuda no 4º ano.

A escola rural precisa ensinar as crianças para irem para a cidade, porque no meu ponto de vista não dá certo na escola normal quererem ensinar a trabalhar na agricultura, porque se é assim quem quiser vai estudar numa escola agrícola, até porque hoje em dia precisamos entender que antigamente o pessoal estudava para ficar aqui no campo, mas hoje em dia ninguém mais fica por aqui, todos querem ir embora para a cidade, não irão ficar aqui no sítio de jeito nenhum, por isso que o

degrau da escada começa da escola daqui, em bem prepará-los para após seguirem os estudos na cidade.

Tem uma outra poesia que eu escrevi sobre minha época na escola rural:

Velha escola rural

*Acordava de manhã
Com o barulho das galinha
Tomava meu café
Leite misturado com farinha
Sempre saia sorrindo
E na volta mais alegria eu tinha*

*Com a sacola no pescoço
Pra escola dirigia
Com o virado de ovo
Que no recreio comia
E aqueles que não tinham
Eu com eles repartia*

*A professora muitas vezes
A cavalo ela chegava
Entrava logo na classe
E sua aula começava
Tudo que era importante
As crianças ela ensinava*

*Muitas vezes chovia
O Ribeirão sempre enchia
Nós não podia passa
Ali ficava brincando
Olhando a água abaixando
Prá na escola chega*

*Quando na carteira sentava
Muita atenção se prestava
Não se fazia cochicho
Pra matar minha coceira*

*Esfregava na carteira
O meu pé cheio de bicho*

*Eu emprestava a cartilha
Para aprender o B a BA
Eu só tinha um caderno
Pra tudo eu copiá
Usava toco de lápis
Que nem dava pra aponta*

*Andei muito em caminho de boi
Chegava molhado de orvalho
Na carteira tremia de frio
Por falta de um agasalho
A roupa não conhecia*

*Porque só tinha retalho
Quando chegava da escola
Na roça ainda eu ia
Ajudando a ganhar o pão
Pro sustento da família
Tudo sempre muito alegre
Do sofrimento esquecia*

(Ibitiruna, 1998)

Acho que o maior problema aqui do bairro é o atendimento no posto de saúde, a maioria das repartições públicas não funcionam direito, no mais aqui todo mundo conhece todo mundo, tem a festa de São João aqui na igreja, que é famosa no bairro, começa na sexta-feira à noite e vai até domingo, tem leilão, baile, é muito bonita, essa festa tem desde a época em que eu era moleque. Aqui o bairro é gostoso, não há perigo, podemos dormir com a porta da casa aberta que ninguém rouba nada.

A qualidade de vida aqui no bairro é melhor que na cidade, a luz é mais barata que na cidade, a água também porque ela é tratada aqui, na cidade tem que pagar transporte para as crianças irem até a escola, é aluguel de casa muito caro na cidade, meus filhos mesmo vieram pra cá para o dia das mães, vieram todos eles e os netos, consumiram muita luz, mas mesmo assim deu R\$ 62,00. Aqui também não

tem poluição, não tem indústria, muita vegetação, água. Na cidade só o monóxido de carbono de tanta poluição mata as pessoas. Nem se me dessem um salário pra mim ir morar na cidade novamente eu não iria mais, aqui sim que é tranquilidade, já morei e trabalhei muito tempo na cidade, hoje só quero ficar aqui no interior, já morei em São Paulo, já trabalhei minha parte, agora quero sossego, tranquilidade.

Eu tenho 6 filhos, moram em Suzano, só tenho uma filha que mora em São José dos Campos e a mãe do meu netinho que mora comigo que mora em Portugal, a que mora em São José dos Campos tem uma casa aqui do lado da minha, ela e o esposo dela que é professor na faculdade em São José, estão se programando pra virem logo morar pra cá.

O bairro melhorou muito desde a minha infância para os dias de hoje, não teve mudanças muito radicais, uma casa nova aqui, outra ali. Na questão ambiental com a expansão da cana de açúcar na nossa região, como dá pra ver, aqui é só cana para todo o lado, é aplicado muito inseticida, fungicida para combater as pragas e com isso quando chove a enxurrada traz o inseticida e acaba jogando tudo para o Ribeirão, acabando dessa forma com os peixes, os pássaros já não vêm mais pra cá, ouvia-se muito o cantar de Nambu, Juruti, codorna, hoje em dia não se vê mais nada, parece que foram todos embora com o barulho de tratores, é um aqui, outro ali, foram todos embora, nessa parte foi uma grande perda para Ibitiruna.

A água daqui é muito boa, melhor que água mineral comprada de garrafinha, sai da piçarra do Rodomeu, é uma vertente que tem lá. Tem também do Nelsinho, para cima do cemitério, tem uma caixa d'água grande, também natural e não tem tratamento, só de vez em quando que aparece alguns da prefeitura para colocar algo lá. Tanto a do Rodomeu quanto a do Nelsinho são formidáveis a água, pura, de vertentes. Quanto ao ar, só de não ter indústrias, percebe-se que a qualidade do ar é muito melhor que na cidade.

Emprego aqui está difícil, os que trabalham na roça é na época da safra da melancia, mas recebem pouco pelo trabalho, os que trabalham na cidade têm que pegar ônibus cedo e voltarem tarde pra casa.

Nos dias de hoje melhorou até na questão da alimentação, porque não tem mais problema em comprar mistura, é só ir para a cidade e soluciona rapidinho, coisa que antigamente era muito mais complicado.

Não há bairro melhor em Piracicaba que Ibitiruna, a festa daqui é em junho devido ao padroeiro que é São João. Tem uma outra poesia que também fala de Ibitiruna, pra mim é como se fosse o hino de Ibitiruna:

Homenagem a Ibitiruna

Falar de Ibitiruna

Me enche de orgulho e prazer

Bendita terra onde nasci

Bendita seja, onde quero morrer

Incrustada no pé do morro

Jorrando sua beleza

Agradecemos a Deus

A joia da natureza

A nossa linda paróquia

Construída com fé e devoção

Cujo nosso padroeiro

É o venerado São João

É o maior patrimônio

Da nossa rica região

Ao despertar da aurora

Abre a cortina do horizonte

Brilha lindas manhãs de sol

Traçando a silhueta dos montes

Na calada da noite

No lampejar dos pirilampos

O luar desce beijando

A relva de nossos campos

Ao coaxar dos sapos

Na lagoa e Ribeirão

No retinir da cigarra

Anunciando o verão

No crocitar da gralha

Bem no alto do espigão

*Na noite enluarada
O curiango piando
O gargalhar da seriema
A aurora despertando
O chalar dos tucanos
No céu asas brancas revoando*

*Ao sul o caudaloso Tietê
Ao norte o piscoso Piracicaba
Ao leste a Noiva da Colina
Ao oeste Anhembi de festa afamada.*

(Piracicaba, SP, Ibitiruna, 06 de abril de 1998)

Quando eu era criança adorava ir na venda, porque todas as crianças se reuniam lá, jogávamos bola de pano, pescávamos, caçávamos de estilingue(eu falo bodoque). Depois da infância eu fui embora, servir ao governo, entrei no exército, fui incluído dia 1º de março de 1951, dei baixa dia 22 de dezembro do mesmo ano, servi 9 meses e 22 dias, fui 3º Sargento do exército, de infantaria, depois casei, fiz curso de contabilidade.

Antigamente tinha corrida de cavalo, raia, eles apostavam, eu mesmo corri cavalo para a turma, mas meu pai não deixou mais, ele tinha medo que eu caísse, porque era sem nada de montaria do cavalo, apenas no pelo mesmo.

Meu pai era muito inteligente, mas só fez até o 2º ano da escola rural, acho que essa herança eu puxei por ele. Ele tomava conta dos trechos da estrada aqui de Ibitiruna, até o asfalto, ele era conservador de estrada.

Na época que estudei aqui na escola do bairro eu lembro que a professora colocava grão de milho para ajoelharmos em cima, ela mandava irmos buscar água no Ribeirão, com talha (pote de barro), um dia eu fui com meu primo, hoje ele já é falecido, chamava-se Benigno, enquanto fomos buscar água no Ribeirão deu vontade de nadarmos e fizemos isso, depois enchemos a talha e até tenho que rir ao lembrar disso, trouxemos a água toda suja para a professora, ela nos colocou de castigo no milho, não esqueço disso, marcou esse episódio da minha infância. O

Ribeirão agora está seco, toda vez que passo lá me lembro, uma pena, porque tem coisas que a gente grava pra sempre.

3.6. Seu Zé Ico



Figura 34. Seu Zé Ico em sua venda

Chamo-me José Rodrigues da Rocha, apelido Zé Ico, nasci em outubro de 1949, tenho 61 anos, cursei até o 4º ano primário, faz 50 anos que moro em Ibitiruna, nasci aqui no bairro, e depois que fui morar uns 8 anos na cidade de Piracicaba pra estudar, quando tinha uns 13 anos eu voltei pra Ibitiruna, trabalhei desde 1986 na usina daqui, fiquei lá uns seis anos, depois comecei a trabalhar com horta, varejão e aí sim comprei meu bar e a lidar com o gado do meu sítio.

Pra mim a escola tem grande importância, afinal três coisas são principais no bairro: uma escola, uma igreja (eu sou católico) e um boteco que nem o meu, são quatro, porque tem também o posto de saúde. Pois aqui em Ibitiruna, o meu boteco e a Igreja são os pontos de encontro dos moradores.

Meus dois filhos estudaram na escola do bairro, minha filha mora comigo e meu filho mora no meu sítio, inclusive tenho bisneto já. Na época que meus filhos estudavam na escola era tudo diferente, depois que a escola mudou, que ficou muito melhor. Recordo-me das festinhas juninas que eles faziam na escola, participávamos de tudo, da igreja, da escola, hoje sei que estou mais parado, mais quieto.

Eu acho que a escola do campo tem que ensinar aos seus alunos tanto as coisas do campo, como também preparar os alunos para seguirem os estudos na cidade, pois eles precisam aprender o que se faz com a terra pra poderem ir pra cidade. Há tempos atrás tínhamos na escola uma assistente social e um engenheiro agrônomo que auxiliavam os alunos e também os moradores do bairro.

A escola é tudo na vida da criança, aprende-se desde a jogar bola até a brigar, ela é fundamental, porque hoje em dia sem estudo não se consegue nada, eu incentivo meu bisneto a estudar, não a deixar o bairro, mas a estudar sim, porque o bairro na realidade é nosso, e tenho certeza que se ele for morar na cidade pra estudar voltará para Ibitiruna, porque quem bebe dessa água não esquece. Embora eu não tenha estudado e não me arrependo disso, meu pai queria que eu estudasse, mas eu não quis perder tempo e hoje eu faço aquilo que gosto. Meu irmão Chico foi estudar e o que adiantou, estudar pra ficar parado num lugar não adianta, tem que se gostar do que faz.

Eu sou uma pessoa rural, eu gosto de trabalhar no campo, não me arrependo disso, sei que é difícil, mas é o que eu gosto.

O bairro é muito bom, tem água boa, é sossegado, diferente do agito da cidade, todo mundo conhece todo mundo, mas claro que tem coisas a melhorar, poderia ser asfaltado, ter campo de futebol, quadra poliesportiva, melhoramento no posto de saúde, eu jamais trocaria aqui por lugar nenhum, muito menos pela cidade, porque a qualidade de vida aqui no bairro é muito melhor que na cidade, ao acordar de manhãzinha tem aquele ar puro, dormimos tranquilos, não tem perigo de nada até agora.

Há uns cinco anos atrás eu fazia parte da diretoria da associação de moradores do bairro, fui presidente da associação, ajudava nas festas, na igreja fiz parte por uns vinte anos, sempre procurei ir atrás de melhorias para Ibitiruna, hoje que estou mais parado, mas mesmo assim sempre que precisam eles vem para pedir alguma ajuda.

Aqui não tem centro comunitário, temos conhecidos dentro da prefeitura e devido a essas amizades quando está faltando algo ou quando tem algo a melhorar, vamos na prefeitura pedir.

Antigamente o bairro era muito diferente, mudou muito, andavam a cavalo, hoje as pessoas daqui quase nem tem cavalos mais, inclusive o povo trabalhava com a agricultura, plantações, hoje em dia trabalham mais na cidade, indo daqui pra cidade.

Com relação à qualidade de vida melhorou, porque hoje tudo é mais fácil, antigamente não tínhamos posto de saúde, agora faz uns vinte anos que tem, hoje tem médico duas vezes por semana, ônibus passando na porta de casa quatro vezes por dia.

Agora com relação ao meio ambiente mudou pra pior, nessa época era cheio de pintassilgos e olha só, hoje não se vê um pintassilgo sequer, eles ficavam cantando o dia inteiro nos pinheiros que tem aqui e hoje não se vê mais, não sei pra onde foram. Tinha codornas também, canarinho da terra, em algumas fazendas ainda tem, mas é pouco. A paisagem era diferente, tinha mais mato, hoje tem muito menos, mas é assim, o mundo está diferente, bem diferente. Mas com relação à água, aqui temos água boa, eu falo para o pessoal que vem aqui de vez em quando que são eles que estragam nossa água colocando cloro, fazem muita análise, isso atrapalha, não precisariam mexer na água porque ela é de mina que vem por queda, é água boa.

A plantação de cana faz uns quarenta anos que tem aqui em Ibitiruna, só que nos últimos anos que foi aumentando mais, o que dá vida à natureza é a agricultura, os cereais, o milho, imagina se passarinho vai chupar cana? Nunca, não tem como, a cana enriquece o bairro, mas de outro lado atrapalha, com as queimadas, acaba matando tudo, sendo um grande problema.

Lembro quando era adolescente dos bailinhos, eu adoro sanfona, e antigamente tinha muito baile com sanfona, quando eu falo dizem que estou ficando velho, mas as letras das músicas eram mais bonitas, tinham mais sentido, hoje em dia fazem cada música que não tem fundamento e o que se percebe é que quanto mais sem noção for a letra, aí que se vende mais. Adorava ir nos bailinhos, jogar futebol, jogar baralho. Lembro-me que tinha vezes que amanhecíamos jogando na casa do Carlito. Eu só tenho boas recordações.

Nunca esqueço da época em que íamos jogar bola em bairros distantes daqui, íamos a cavalo, uma vez fomos nuns trinta cavaleiros. Ao voltar estávamos

com tanta fome, chegamos num boteco na beira do Rio Tietê, comemos peixe salgado e pinga, depois no caminho vínhamos reclamando que estávamos com muita sede. Antigamente tinha um campinho aqui perto, no Zé Carlos Sabino, sempre tinha bastante gente, jogávamos malha mas hoje quase ninguém mais joga, acho que falta homem aqui em Ibitiruna pra jogar malha, sempre brinco.

3.7. Dona Verônica



Figura 35. Dona Verônica

Meu nome é Verônica Furlan Ignácio, sou de 1940, completei 71 anos. Estudei até a 3º série, faz 42 anos que moro aqui no bairro, nasci em Santa Bárbara d'Oeste e fui registrada em Tupi. Casei com 21 anos de idade e fiquei morando por mais 6 anos em Santa Bárbara, na casa do meu sogro, mas eles tinham um sítio aqui, então depois viemos morar aqui em Ibitiruna, porque os avós maternos do meu marido moravam aqui. Sempre ajudei meu marido na roça e a tirar leite

Meus três filhos que também moram no bairro até hoje, estudaram aqui, o mais velho chegou aqui com 6 anos e com 7 anos já começou os estudos na escola. Pra nós era muito importante a escola no bairro, desde antes de eu morar aqui, quando vínhamos apenas passear víamos as professoras descendo a cavalo na estrada, sempre tinha uma criança que ia buscá-las a cavalo, antigamente era tudo mais difícil que nos dias de hoje. Hoje tenho um netinho de 6 anos que estuda na escola aqui do bairro, no 1º ano, ele entrou esse ano na escola.

É de grande importância a escola no bairro, aqui tem muita gente pobre, minha nora, que é a mãe do meu netinho que vai na escola, fala que quando leva ele na escola, ela até chora de ver as crianças que passam por necessidades ali, porque aqui tem bastante fazendeiros e os filhos dos caseiros que são bem pobres,

ainda bem que tem essa escola para essas crianças poderem vir estudar. Eu fico emocionada em contar isso, porque tem crianças que passam muitas necessidades, que não têm sequer um sapato para colocar, minha nora pede na cidade e leva o que consegue para essas crianças na escola, porque ela vê a situação quando leva meu netinho. Ela inclusive deu aulas aqui na escola, porque ela é professora, mas falta um curso pra ela e ela quer ainda fazer para poder continuar dando aula aqui. Acho que a escola é de fundamental importância aqui para o bairro.

Teve uma época que a escola daqui fechou, foi muito ruim para a comunidade daqui do bairro. Meus filhos quando terminaram a 4ª série foram estudar em Artemis, porque naquela época não tinha em Anhumas que é mais perto. Depois o mais velho quis continuar os estudos e foi morar com minha mãe em Santa Bárbara d'Oeste, mas acabou fazendo só um ano e não quis ficar mais lá e voltou embora, fez só até o primeiro ano do 2º grau e parou, o segundo fez até a 8ª série e quis trabalhar aqui no sítio e o mais novo fez todo o colegial, mas não foi trabalhar na cidade, quis ficar aqui no sítio também. Quanto eu chorei quando meu filho mais velho quis voltar para casa, porque eu queria que ele estudasse, eu pagava pra ele morar com minha mãe, eu queria que ele tivesse continuado, mas ele começou a namorar uma mocinha daqui e não quis mais saber de estudar, depois casou com ela com 21 anos, tão novo, mas fazer o que né o que importa é que me deu meus netos, tudo tem seu destino.

Para mim a escola tem que saber ensinar os alunos para a vida no campo, mas para ir embora para a cidade também, porque o campo está difícil para viver. Continuar os estudos é a melhor forma de progredir na vida, vejo pelo meu neto que fez faculdade, ele é formado em Administração de Empresas e hoje ele trabalha numa empresa em Piracicaba, meu neto que diz que o pai dele deveria ter continuado os estudos porque hoje ele estaria trabalhando na cidade e recebendo um bom salário, invés de ficar cavocando na terra que nem tatu.

Eu mesma nem sou aposentada ainda, faz 12 anos que iniciei meu processo e até agora nada, meu marido conseguiu porque ele é doente, deu AVC nele, senão não teria conseguido também.

Esse meu netinho que vai na escola é bem inteligente, mas o que ele gosta é acompanhar o pai dele a cavalo, antes mesmo ele estava aqui, de botina, chapéu

preto, cinto e um canivete no bolso, parecia um cowboy. Mesmo ele gostando do campo eu acho que quando ele crescer ele vai sair daqui do bairro e vai ir morar na cidade, porque a mãe da minha nora mora na cidade e todos os netos dela estão fazendo faculdade, e dizem que o estudo na cidade é a melhor coisa, ainda mais se os pais puderem pagar para o filho estudar numa escola particular desde o início.

O bairro melhorou muito desde quando vim morar pra cá, antigamente não tinha essa ponte que liga aqui em casa, quando chovia muito e que dava enchente não conseguíamos passar pra ir à cidade porque o rio enchia e tinha apenas uma pinguela que passávamos por cima segurando no corrimão. Depois foi melhorando tudo, hoje tem asfalto para chegar aqui, que antes não tinha, o ônibus encalhava na estrada por causa de tanta areia. Mas precisa melhorar ainda mais, porque faz tempo que prometeram acabar de asfaltar aqui no bairro, já tiveram verba, mas até agora nada.

Aqui não falta médico, dentista, ginecologista, tem até correio aqui, tem uma venda, hoje todo mundo têm telefone, porque no passado não tinha nem telefone, nem luz, começou a ter luz aqui quando eu estava grávida de meu terceiro filho, a luz chegou em maio e ele nasceu em dezembro, faz uns 33 anos que tem luz aqui, antes era apenas lampião a gás.

Gosto de morar aqui porque só tem pessoas boas morando em Ibitiruna, todos conhecidos, a gente se dá bem com todos, nunca brigamos com ninguém, nem meus filhos.

Depois da plantação de cana melhorou muito também, porque depois disso começou a ter serviço para bastante gente, aumentando o emprego, meus filhos plantam cana e melancia, porque assim dá duas culturas por ano. Aqui tem gente que planta milho, eucalipto, laranja. Os fazendeiros que plantam laranja empregam bastante gente na época da colheita.

Antigamente as pessoas que moravam aqui tinham lavoura, milho, algodão, etc., há muitos anos atrás no nosso sítio também tínhamos plantação.

Há tempos atrás tinha um pouco de violência aqui no bairro, pessoas que vinham para roubar e matar o gado.

As pessoas daqui sabem viver com aquilo que a terra dá, ano passado mesmo, não correu muito bem a plantação de melancia dos meus filhos e com isso

eles ficaram devendo, já esse ano foi muito melhor, pagou o do ano passado e sobrou para eles até mais para frente, já as pessoas que têm emprego fixo sabem que todo mês terão seu salário. Meu neto que é casado com minha neta que mora aqui, os dois trabalham na cidade, quando chega o final do mês eles têm dinheiro, ganham mais ou menos, não falta, já quem vive da roça precisa que Deus ajude para que as pessoas comprem o que vendemos, porque sempre têm muitos intermediários e sempre o intermediário acaba ganhando melhor que os que produziram e estão vendendo, a cana que dá um pouco melhor. Aqui o ônibus vai e volta cheio de gente que trabalha na cidade.

A qualidade de vida aqui do campo não digo que seja melhor que da cidade, porque não se ganha muito bem aqui, mas para morar é muito melhor, eu mesma não me acostumaria a morar na cidade, eu só gostaria se lá eu tivesse salário bom que não precisasse de nada daqui do campo, porque não tendo casa lá teria que pagar o aluguel, então prefiro aqui. Minha irmã mesmo, ela tem umas trinta e cinco casas de aluguel na cidade, mas ela mora no sítio, não gosta de morar na cidade. Pra mim ir na cidade só se eu ficasse muito sozinha aqui e não tivesse para onde ir, porque não tenho filhas, só tenho noras, então não sei onde irei morar, não sei se não irão me colocar no asilo, mas tenho uma neta que é muito boa pra mim, eu adoro ela e ela me adora, ela mora na cidade, me convidou já para morar com ela, mas enquanto estou em pé ficarei aqui mesmo, depois irei pensar.

A questão da água melhorou bastante porque hoje temos água encanada da prefeitura, as moradias eram feitas de barro, eu mesma morei em uma casa de barro, depois que construímos essa casa, hoje em dia todo mundo tem casa de tijolo, o que não se tinha antigamente, ou era de barro ou era de madeira.

Aqui tem menos poluição que na cidade, quando tem muita seca, que demora pra chover, aí tem muita poeira, mas ainda é muito melhor que na cidade. Hoje em dia tem mais animais também, porque lembro-me que antigamente era muita gente que caçava os passarinhos com espingarda, um primo meu que já é falecido mesmo, vinha aqui em casa só para matar passarinhos, sentia uma raiva dele, agora ele está acertando a conta dele lá. Já hoje em dia tem bem mais passarinhos. Quanto à vegetação está praticamente igual, não mudou muita coisa, aqui no sítio pelo menos os 20 % de reserva legal que é exigido nós temos há muito tempo, tem

até mais do que o exigido. Aqui ninguém corta árvores, o povo cuida da natureza e a prefeitura também plantou bastante árvores.



Figura 36. Área de preservação permanente em Ibitiruna

As amizades acabaram se perdendo um pouco, os mais velhos se visitam ainda, a gente visita as amigas, mas os mais novos acabaram perdendo um pouco desse vínculo. Nós cantamos na igreja, então minhas amigas vêm aqui em casa para ensaiar os cantos para cantarmos nos domingos. Como meu marido não pode mais dirigir, então elas acabam vindo aqui em casa. Quando meus filhos não podem nos levar na igreja nossos amigos vêm aqui e nos buscam de carro. Há uns quinze dias atrás nós fomos cantar na fazenda do Sabino, irmão do Zé Carlos que mora aqui, esse mora em Campinas, teve uma missa na fazenda e eles pediram para irmos cantar lá. Aqui tem muita gente que não vai mais na igreja, acaba que só os idosos que vão, nem meus filhos vão mais, apenas um continua indo, batizam os filhos, fazem eucaristia, crisma e depois não frequentam mais.

Todo o ano tem a Festa de São João aqui em Ibitiruna, esse ano acontecerá no segundo domingo de julho, dizem que a melhor festa de Piracicaba é essa de Ibitiruna. Sempre vêm muita gente, tem no sábado de noite e depois almoço no domingo, enche o barracão de pessoas. Faz quarenta anos que eu ajudo na festa, ajudo as cozinheiras, a lavar, fazer cuscuz.

Há muitos anos atrás mataram dois moços aqui em Ibitiruna, , porque esses dois de Piracicaba vieram aqui para matar, e os daqui para poderem se defender acabaram matando primeiro. Foi horrível, eu estava voltando da igreja e vi os dois mortos na estrada, eu não gostei nada disso, faz uns vinte anos mais ou menos.

Meus filhos quando eram pequenos aproveitaram a infância, brincaram muito, tinha muita criança da idade deles para brincar. Eles não gostam de Santa Bárbara d'Oeste, eles adoram aqui, eles dizem que não gostam do povo de lá, gostam do povo daqui, sempre gostaram, acostumaram aqui. Eles adoravam jogar futebol e até hoje as crianças daqui ainda jogam num campinho que tem aqui perto. Gostavam de nadar nos riozinhos, iam a bailes, quando não tinha aqui eles iam para outros bairros.

A escola aqui tem um papel muito importante, eu mesma quando pequena a escola era no quintal da casa da minha mãe, eu era uma boa aluna. As professoras de Piracicaba queriam me levar para estudar em Piracicaba, mas eu não quis ir para deixar minha mãe sozinha, tivesse ido, hoje fiquei uma burra.

CAPÍTULO IV. O RECORTE TEMÁTICO DA PESQUISA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neste capítulo, vou discorrer sobre a educação ambiental de forma a ter subsídios para buscar questões nas histórias orais de vida dos velhos moradores que vão além das que estão explícitas, ou seja, *ir além das aparências do que está sendo comunicado* (GOMES, 1994, p.74). Como há uma relação forte entre a vida no campo, a educação ambiental e a questão da qualidade de vida, também busquei conhecer as concepções dos especialistas sobre esse conceito.

A seguir faço considerações a respeito da educação rural para melhor entender os problemas e os possíveis encaminhamentos para uma melhor formação dos jovens rurais, na visão de especialistas.

4.1. Fundamentos da Educação Ambiental

Os problemas ambientais não são recentes, no Brasil já existia essa preocupação nos séculos XVIII e XIX, mas tomo como referência por volta de 1960, já que um marco do surgimento do debate ambiental, considerado clássico na história do movimento ambientalista mundial, o livro “Primavera Silenciosa”, lançado em 1962 pela jornalista Rachel Carson, alertava para a crescente perda da qualidade de vida produzida pelo uso indiscriminado e excessivo dos produtos químicos (em especial o DDT) e os efeitos dessa utilização sobre os recursos ambientais (DIAS, 1994) – esse livro teve grande repercussão, já que em virtude disso fez com que crescesse mundialmente os movimentos ambientalistas.

Em áreas cada vez maiores dos Estados Unidos, a primavera chega agora sem ser anunciada pelo regresso dos pássaros, e as manhãs, outrora preenchidas pela beleza do canto das aves, estão estranhamente silenciosas. Esse súbito silenciar do canto dos pássaros, essa obliteração da cor, da beleza e do encanto que as aves emprestam ao nosso mundo se deu de forma rápida e insidiosa, sem ser notada por aqueles cujas comunidades ainda não foram afetadas. (CARSON, 2010, p. 96)

Nessa época em virtude do crescimento acelerado das indústrias e a urbanização, ocasionaram-se as perdas da qualidade ambiental com a extinção das espécies em ocasião da ação humana, época em que a fauna e a flora tornaram-se

meras mercadorias do sistema capitalista, resultante de acúmulo de poderes, sinais do desenvolvimento. Com isso acabamos perdendo alguns valores fundamentais de respeito à vida.

O homem, como qualquer outro animal, sempre fez uso da natureza, mas segundo Tozoni-Reis (2008, p.1), a partir da Revolução Industrial essa relação com a natureza tornou-se cada vez mais predatória.

Os problemas ambientais ao longo do tempo foram se agravando e educadores se reuniram na Conferência de Keele na Grã-Bretanha, em 1965, onde decidiram que esse tema fosse trabalhado nas escolas, foi quando surgiu a expressão educação ambiental (DIAS, 1991).

Segundo Dias (1991), no ano de 1972 aconteceu a Primeira Conferência Mundial do Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), reunindo 113 países. Foi nessa conferência a primeira vez na história da humanidade em que o tema ambiental e a necessidade de compatibilizar a economia com o manejo sustentável de recursos naturais foram incorporados na agenda política internacional.

No ano de 1975 foi promovida em Belgrado, na Iugoslávia um Seminário Internacional sobre educação ambiental, onde os países relacionados com a ONU participaram, sendo que o resultado foi que seriam criados princípios e algumas orientações para um programa internacional de educação ambiental, nos países membros da ONU. Conforme destaca Tozoni-Reis,

a principal preocupação, naquele momento, foi divulgar a importância de uma política de educação ambiental de abrangência regional e internacional; a partir de diretrizes gerais enfatizava-se o papel das ações regionais. A Carta de Belgrado define a estrutura e os princípios básicos da educação ambiental, identificando o crescimento econômico com controle ambiental como o núcleo da nova ética global. A educação ambiental é colocada ali como um dos elementos fundamentais para a investida geral contra a crise ambiental alardeada pelo Relatório do Clube de Roma. (TOZONI-REIS, 2008, p. 12)

Conforme Tozoni- Reis (2008), os objetivos da educação ambiental expressos no Seminário de Belgrado são: conscientização, conhecimentos, atitudes, habilidades, capacidade de avaliação e participação. Segundo a autora esse documento propõe que a educação ambiental seja organizada como educação formal e não-formal, como um processo contínuo e permanente, dirigido

prioritariamente às crianças e aos jovens e que tenha caráter interdisciplinar. Os temas pedagógicos de maior expressão no documento dizem respeito aos processos de aprendizagem e à produção e utilização de material didático.

Nas diretrizes básicas podemos encontrar a ideia de que o ambiente a ser conservado é o ambiente total, natural e produzido: ecológico, social, político, cultural, econômico, tecnológico, legal e estético. (TOZONI-REIS, 2008)

O ponto principal da primeira fase do Programa Internacional de Educação Ambiental foi em 1977, através da Conferência de Tbilisi, na Geórgia (ex-URSS), na Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, provocou “significativa mudança de mentalidade, principalmente em termos de educação ambiental, inclusive no Brasil.” (ALMEIDA, 2000, p.71). Assim, a educação ambiental teria como finalidade: ajudar a fazer compreender, claramente, a existência e a importância da interdependência econômica, social, política e ecológica, nas zonas urbanas e rurais; proporcionar, a todas as pessoas, a possibilidade de adquirir os conhecimentos, o sentido dos valores, as atitudes, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar o meio ambiente; induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, a respeito do meio ambiente (DIAS, 1991).

A Conferência de Tbilisi não fez distinção de idade e público para a educação ambiental ser trabalhada, ou seja, é em todas as idades, sendo uma prática pedagógica que tem por base as ciências naturais e sociais. Foi através dos documentos produzidos nesta Conferência que os especialistas presentes na Rio-92 elaboraram propostas para a educação ambiental, estabelecidas na Agenda 21⁷.

Zakrzewski (2003) reconhece que a grande relevância dessa conferência está em romper com as práticas reduzidas ao sistema ecológico, por estarem implicadas com uma educação meramente conservacionista, fortemente atrelada aos aspectos político-econômicos e socioculturais, não mais permanecendo restrito ao aspecto biológico da questão ambiental.

⁷ Estratégias, planos, políticas, ações de cooperação, parcerias, ampla participação do setor público e privado, das organizações não-governamentais e dos demais segmentos da sociedade, sociedade e governo juntos, estabelecendo limites e atitudes para assegurar a vida no planeta. Extraído http://creaweb.crea-pr.org.br/WebCrea/biblioteca_virtual/downloads/Relatorio_Agenda%2021.pdf

Dias (1991), destaca que em 1970, fundava-se no Brasil a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, precursora de movimentos ambientalistas, época em que não existia nenhuma legislação ambiental no Brasil.

O primeiro processo de educação ambiental no governo federal brasileiro iniciou em 1973, através da criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente – SEMA, primeiro organismo oficial brasileiro, de ação racional, orientado para a gestão integrada do meio ambiente (DIAS, 1991). A antiga SEMA iniciou com projetos de educação ambiental sobre a temática ambiental nos currículos escolares de 1º e 2º graus.

No Brasil houve a publicação da Lei 6.938, sancionada em 31 de agosto de 1981, criando a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA), na qual foi estabelecida pelo governo a inclusão da educação ambiental em todos os níveis do ensino.

Conforme destaca Dias (1991), referindo-se a termos educacionais, não houve significativa mudança na parte prática, pois a questão ambiental continuava a ser vista de forma ainda muito reducionista.

O parecer 819/85 do MEC reforçou a necessidade da inclusão de conteúdos ecológicos ao longo do processo de formação do ensino de 1º e 2º graus, integrados a todas as áreas do conhecimento de forma sistematizada e progressiva, possibilitando a formação da consciência ecológica do futuro cidadão (DIAS, 1991).

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu no inciso VI do artigo 225 sobre a promoção da educação ambiental em todos os níveis de ensino e a preservação do meio ambiente: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. (BRASIL, 1988). Sendo esta a primeira vez na história do país que uma Constituição destinou um capítulo para a questão ambiental.

Conforme Dias (1994), em 1992 foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Rio-92 ou também como ECO 92, na cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que houve 182 países participando do evento através de seus representantes, aprovaram alguns acordos como: 1) Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e

Desenvolvimento; 2) Agenda 21; 3) Convenção sobre Mudanças Climáticas; 4) Convenção sobre Diversidade Biológica; 5) Declaração de Florestas.

Segundo Dias (1994), a Rio-92 priorizou três metas: a) reorientar a educação ambiental para o desenvolvimento sustentável; b) proporcionar informações sobre o meio ambiente, de forma a conscientizar a população sobre os problemas que estavam ocorrendo no planeta; c) promover a formação de professores na área de educação ambiental.

Também nesse ano de 1992, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) programou em Foz do Iguaçu o 1º Encontro Nacional de Centros de Educação Ambiental (CEAs) identificando estudos e propostas em educação ambiental. Em 1994 foi criado o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), em 1995 também foi criada a Câmara Técnica Temporária de Educação Ambiental no Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA).

Na criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394 do ano de 1996 foi destacado no inciso I do artigo 36 que a educação ambiental é prevista nos conteúdos curriculares da educação básica como forma multidisciplinar e integrada em todos os níveis de ensino.

Em 1997 foi realizada a I Conferência Ambiental em Brasília, tendo sido elaborada a Carta de Brasília para a Educação Ambiental. Em 1998 foi a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, definidos pelo MEC. Esses parâmetros são instrumentos de apoio à discussão pedagógica, análise de material didático, sendo o Meio Ambiente inserido como tema transversal.

Nos PCN há a indicação dos objetivos do trabalho com o respectivo tema:

o objetivo do trabalho com o tema meio ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso, é necessário que, mais do que informações e conceitos a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 20).

Em 1999 foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei nº 9.795 identificando a obrigatoriedade da educação ambiental ser trabalhada como tema transversal nos currículos escolares. Logo após também foi criada a Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA), que organizava vários fóruns sobre educação ambiental no país.

Dessa forma, a educação ambiental ainda vem sendo apresentada como um tema transversal e interdisciplinar, não sendo uma disciplina única, específica nos currículos escolares, sendo que ela deve estar presente em todas as áreas. No entanto, o problema, segundo Isaia (2001), de a educação ambiental estar constituída como uma temática interdisciplinar pode tanto dar a ela o significado de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, quanto não pertencer a nenhum lugar na estrutura curricular que organiza o ensino.

Mas, segundo Oliva (2002)

não foram os PCNs que fizeram do tema Meio Ambiente algo transversal às disciplinas, pois de algum modo essa transversalidade já estava evidenciada na realidade. Não é por outra razão que justamente as reflexões mais apuradas sobre a questão ambiental não a reduzem a apenas uma defesa tópica da natureza, ou do meio ambiente, mas sinalizam que, por meio dessa questão, pensamos mais largamente o mundo que vivemos, ou, dito de outro modo: as questões ligadas ao meio ambiente são transversais à vida como um todo. (OLIVA, 2002, p.43)

Apesar da indicação nos PCN da transversalidade, da interdisciplinaridade, o fato é que as disciplinas do ensino fundamental que mais trabalham com as questões ambientais e com a educação ambiental são Ciências, seguidas de História e Geografia, segundo constatou Bidinoto (2011) ao investigar escolas rurais de Piracicaba. Nas escolas urbanas esse fato se repete, o que vem demonstrar que o ensino continua disciplinar, fechado em áreas que não se conversam entre si.

Dando continuidade aos fatos marcantes da educação ambiental no mundo, em 2002, dez anos depois da Rio-92, foi realizada a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável em Johannesburgo (África do Sul), conhecida como Rio+10. Conforme Tozoni-Reis (2008), esse evento destacou a preocupação com a desigualdade social e com a busca de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Como nesse trabalho o foco são as possíveis contribuições para a educação ambiental presentes nas histórias orais de vida, acredito ser necessário uma revisão do conceito de educação ambiental.

O conceito de educação ambiental foi se modificando ao longo da história. Há algum tempo estava ligado aos conceitos direcionados ao meio ambiente, hoje, percebe-se que ele se consolida como um parâmetro sobre o pensar a educação, haja vista o grande número de publicações, experiências vividas, projetos,

dissertações e teses, nas quais os pesquisadores trabalham questões sociais, históricas, econômicas, culturais, políticas, ao abordarem a temática.

Se a educação ambiental é antes de tudo educação, por que o adjetivo ambiental? Grün (1996) explica o motivo de se adicionar o adjetivo *ambiental* à educação. A educação ambiental, segundo o autor, surge hoje como uma necessidade quase inquestionável pelo simples fato de que não existe ambiente na educação moderna. *Tudo se passa como se fôssemos educados e educássemos fora do ambiente.* (GRÜN, 1996, p.21)

Como já foi colocado na introdução, não há uma orientação teórica para a educação ambiental, mas várias, além de muitas nomenclaturas. Para Layrargues (2006) a explicação está no fato de que a educação ambiental (EA) está circunscrita às várias concepções pedagógicas e o momento atual evidencia que já não é mais possível estabelecer referências genéricas a uma mera “educação ambiental”, uma vez que a tentativa de renomeação do conceito representa a disputa ideológica por sentidos históricos, políticos e identitários do campo da educação ambiental (CARVALHO, 2002, *apud* LAYRARGUES, 2006).

Tanto há definições como ‘educação para o desenvolvimento sustentável’ (Neal, 1995, *apud* Layrargues, 2006, p.8) ou ‘educação para a sustentabilidade’ (O’Riordan, 1989; IUCN, 1993, *apud* Layrargues, 2006, p.8), como novas adjetivações desse fazer educativo, como ‘educação ambiental problematizadora’ (Moraes, 1997, *apud* Layrargues, 2006, p.8), ‘ecopedagogia’ (Gadotti, 1997; Ruscheinsky, 2002, *apud* Layrargues, 2006, p.8), ‘educação no processo de gestão ambiental’ (Quintas & Gualda, 1995, *apud* Layrargues, 2006, p.8), ‘educação ambiental crítica’ (Guimarães, 2000 *apud* Layrargues, 2006, p.8), ‘educação ambiental transformadora’ (Sansolo & Cavalheiro, 2001, *apud* Layrargues, 2006, p.8), ‘educação ambiental popular’ (Carvalho, 2001 *apud* Layrargues, 2006, p.8), e ‘educação ambiental emancipatória’ (Lima, 2002, *apud* Layrargues (2006, p.8).

Loureiro (2005, p.1475-1476) apoiado em dados de Lima (2002) faz uma sistematização das características das duas principais correntes em educação ambiental; conservadora/comportamentalista e crítica/emancipatória.

Características de uma educação ambiental conservadora/comportamentalista:

- compreensão naturalista e conservacionista da crise ambiental;
- educação entendida em sua dimensão individual, baseada em vivências práticas;
- despolitização do fazer educativo ambiental, apoiando-se em pedagogias comportamentalistas ou alternativas de cunho místico;
- baixa problematização da realidade e pouca ênfase em processos históricos;
- foco na redução do consumo de bens naturais, descolando essa discussão do modo de produção que a define e situa;
- diluição da dimensão social na natural, faltando entendimento dialético da relação sociedade-natureza (sociedade enquanto realização coletiva e objetivada da natureza humana, ou melhor, enquanto realização e exigência para a sobrevivência da espécie humana – Morin, 2002a);
- responsabilização pela degradação posta em um homem genérico, fora da história, descontextualizado social e politicamente.

Características de uma educação ambiental transformadora, crítica ou emancipatória:

- busca da realização da autonomia e liberdades humanas em sociedade, redefinindo o modo como nos relacionamos com a nossa espécie, com as demais espécies e com o planeta;
- politização e publicização da problemática ambiental em sua complexidade;
- convicção de que a participação social e o exercício da cidadania são práticas indissociáveis da educação ambiental;

- preocupação concreta em estimular o debate e o diálogo entre ciências e cultura popular, redefinindo objetos de estudo e saberes;
- indissociação no entendimento de processos como: produção e consumo; ética, tecnologia e contexto socio-histórico; interesses privados e interesses públicos;
- busca de ruptura e transformação dos valores e práticas sociais contrários ao bem-estar público, à equidade e à solidariedade.

Trabalhos de análise de textos apresentados nos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental apontam que a dimensão política da educação ambiental se expressa de forma acentuada nos processos educativos relacionados com a temática ambiental.(CARVALHO, 2010, CAVALARI; SANTANA; CARVALHO, 2006). Ou seja, consideram a educação ambiental como um ato político.

Nas palavras de Reigota (1998):

a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. (REIGOTA, 1998, p.10)

O Princípio nº 4 do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global⁸ explicitamente coloca a educação ambiental como ato político para a mudança social.

A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social.

Destaca Loureiro (2002) que a educação ambiental tem como finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade e a atuação dos atores sociais de forma individual e coletiva no ambiente.

De acordo com esse autor, a educação ambiental não possui finalidade de reprodução e de dar sentido universal a modos de vida e valores de grupos dominantes, impondo condutas. O sentido da educação ambiental é estabelecer

⁸ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf>

processos práticos e reflexivos que possam levar à construção de valores favoráveis à sustentabilidade global e à preservação da vida. (LOUREIRO, 2004).

A educação ambiental busca a união com os princípios fundamentais, tanto de participação, sustentabilidade, autonomia, diálogo, coletividade, em que a educação priorize nas bases epistemológicas e metodológicas a formação de pessoas aptas a enfrentar os desafios socioambientais que são reflexos da sua própria ação.

Conforme Viégas et al (2004, p.60)

se realmente pensamos em uma educação ambiental para a construção de um mundo ambientalmente melhor temos que, necessariamente, avançar para um outro olhar sobre a realidade socioambiental, pois, se mantivermos a visão simplificadora e reducionista de mundo, não estaremos atuando na perspectiva transformadora; só estaremos tentando resolver, usando da mesma lógica, os problemas que se apresentam diante de nós devido a esta forma de concebermos e agirmos o/no mundo. (VIÉGAS et al, 2004, p. 60)

A educação ambiental deve compreender a complexidade da relação sociedade e natureza, em virtude disso ela precisa ser abordada em sua dimensão transformadora, de forma a ampliar seu horizonte, pois a problemática ambiental envolve um conjunto de atores do universo educativo em todos os níveis e diversos sistemas do conhecimento numa perspectiva interdisciplinar.

Segundo Guimarães (1995), a educação ambiental tem papel de facilitar a percepção da necessária integração do homem com o meio ambiente, havendo dessa forma uma relação de harmonia consciente do equilíbrio dinâmico da natureza, através de novos conhecimentos, de novas atitudes e valores, onde a sociedade faça parte do processo de transformação do atual quadro ambiental de nosso planeta.

A educação ambiental estabelece a relação entre o “eu” e o “outro”, considerando os sujeitos e interpretando e transformando o mundo, a sociedade, as ações, a realidade e com isso as condições de vida. É, portanto, aquela que fornece as condições para a ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada.

Cabe à educação ambiental, portanto, contribuir para o processo de transformação da sociedade em que vivemos em um uma sociedade sustentável,

levando em conta a capacidade de regeneração dos recursos materiais, promovendo uma melhor qualidade de vida para as atuais e as futuras gerações.

4.2. Educação Ambiental e Qualidade de Vida

Do ponto de vista conceitual, qualidade de vida é um conceito polissêmico. Para Pessoa e Braga (2010) a discussão sobre Qualidade de Vida (QV) vem ganhando destaque cada vez maior no meio científico e no âmbito dos movimentos sociais.

Conforme Loureiro (2009), a educação ambiental constitui-se como mediadora para a edificação da melhoria da qualidade de vida de uma sociedade e, assim considerada, torna-se uma proposta essencialmente política. A educação ambiental gera ações que possibilitem o desenvolvimento e a escolha de estratégias de ação que contribuam para a formação da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida da população (PELICIONI, 1998).

Mas o que seria uma melhor qualidade de vida? Conforme a Organização Mundial da Saúde - OMS (1996) qualidade de vida é definida como as percepções individuais sobre sua posição de vida no contexto dos sistemas de cultura e de valores em que vivem, e em relação as suas metas, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito abrangente, que incorpora de uma forma complexa, a saúde física, o estado psicológico, o nível de dependência, as relações sociais, as crenças pessoais e o relacionamento com características que se destacam no ambiente. Se expressa mediante a utilização de indicadores sociais concretos e objetivos como a taxa de desemprego, a densidade populacional e outros subjetivos, abstratos, baseados em informações colhidas diretamente dos indivíduos que compõem uma população em estudo. Não há como dissociar qualidade de vida do comportamento do indivíduo e da sociedade, resultante da sua organização e do seu desenvolvimento cultural (PELICIONI, 1998, p. 40).

A qualidade de vida relaciona-se ao modo, condições e estilos de vida (CASTELLANOS, 1997, *apud* MINAYO et al, 2000); inclui ideias de desenvolvimento sustentável e ecologia humana; relaciona-se ao campo da democracia, do desenvolvimento e dos direitos humanos e sociais e no que concerne à saúde, as noções se unem em uma resultante social da construção coletiva dos padrões de conforto e tolerância que determinada sociedade estabelece, como parâmetros, para si.

Quanto mais aprimorada a democracia, maior é a noção de qualidade de vida, de bem-estar da sociedade e de igual acesso a bens materiais e culturais.

Minayo et al (2000) destaca que

qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto uma construção social com a marca da relatividade cultural. (MINAYO et al, 2000, p. 21)

Desse modo percebe-se que o tema qualidade de vida é tratado da mais variada forma, seja da área científica ou do senso comum, tanto de forma individual como de forma coletiva, tanto em uma abordagem objetiva quanto subjetiva.

Essa questão diz respeito ao padrão definido pela sociedade, bem como sobre o conjunto das políticas públicas e sociais que definem o desenvolvimento humano em suas condições e estilos de vida.

Qualidade de vida é a expressão que define o grau de satisfação atingido pelos indivíduos ou população, no que diz respeito às suas necessidades consideradas fundamentais. É a somatória de fatores decorrentes da interação entre sociedade e ambiente, atingindo a vida no que concerne as suas necessidades biológicas, psíquicas e sociais inerentes e/ou adquiridas (COIMBRA, 1985 *apud* PELICIONI, 1998, p. 23).

O termo qualidade de vida muitas vezes é empregado erroneamente, sendo utilizado de forma reduzida, muito restrita, desconsiderando sua complexidade.

Para realmente se ter qualidade de vida é necessário algumas outras relações que estão interligadas nesse processo, destacadas da seguinte forma:

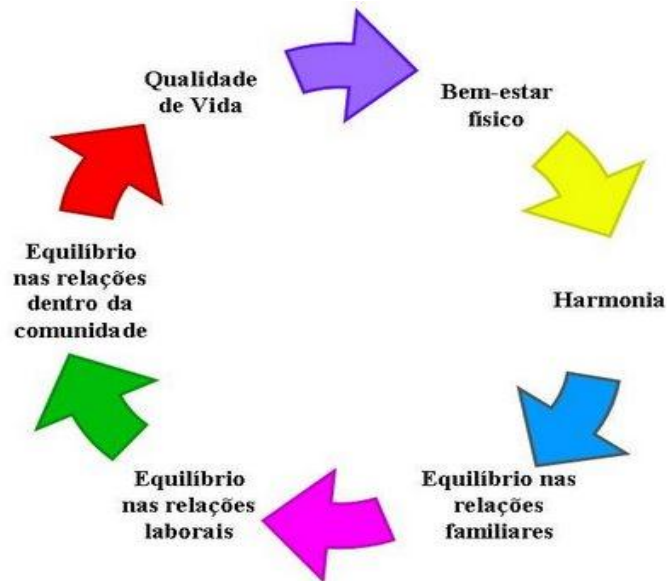


Figura 37. Qualidade de Vida. Fonte: <http://vinivieverdes.blogspot.com/2009/01/qualidade-de-vida.html>

Ela se expressa mediante a utilização de indicadores sociais concretos e objetivos como a taxa de desemprego, a densidade populacional e outros subjetivos, abstratos, baseados em informações colhidas diretamente dos indivíduos que compõem uma população em estudo. Não há como dissociar qualidade de vida do comportamento do indivíduo e da sociedade, resultante da sua organização e do seu desenvolvimento cultural (PELICIONI, 1995, p. 40).

Há alguns determinantes da qualidade de vida, tanto na questão social, econômica, psicológica, cultural quanto na questão socioambiental desenvolvidas na sociedade, na questão de qualidade da água, do ar, do solo, da poluição, da contaminação, em virtude da degradação ambiental acelerada, fatores esses que se inter-relacionam e precisam ser analisados em conjunto com caráter essencialmente social.

Atualmente muito se tem ouvido falar em qualidade de vida, devido ao aumento da expectativa de vida da população, trazendo à tona questões relacionadas com a qualidade de vida nesse aumento do número de anos vividos, pois o que se percebe na maioria das vezes é que as diferenças econômicas e sociais são acentuadas, sendo que apenas uma parte da população mundial é beneficiada com isso devido ao processo de globalização. Há muitos aspectos que

refletem no aumento da concentração de renda, aumento do desemprego, grande desigualdade nos campos financeiros da população, na baixa qualidade de vida, sendo que há muita preocupação com esse modo de qualidade de vida das comunidades.

Nahas (2003, p. 14), considera qualidade de vida como a condição humana resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano.

Peixoto (1999, p. 95) ao fazer um mapeamento da qualidade de vida, relata que ela está diretamente relacionada à nossa capacidade de estabelecer um balanceamento adequado a diversas dimensões, sendo consideradas: amor, família, trabalho, amizade, religião, dinheiro, lazer, comunidade, saúde etc. Complementa, salientando a importância do equilíbrio como um dos fundamentos na melhoria de nossas vidas.

Satisfazendo as necessidades elementares da vida humana como alimentação, moradia, saúde, lazer, educação, trabalho fala-se em qualidade de vida, pois esses fatores e necessidades estão ligados com o comportamento e satisfação pessoal de cada indivíduo na sociedade.

O conceito de qualidade de vida transcende o conceito de satisfação das necessidades humanas do “ter” para a valorização da existência humana que é o “ser”, já que a sociedade tem a capacidade de oportunizar a realização pessoal aos indivíduos da sociedade, garantindo um nível de vida aceitável.

Os recursos do planeta são finitos e em virtude disso é necessário esse novo estilo de vida pós-consumismo, de forma a mudar o foco de atenção das coisas para as pessoas, do simples “ter” para a arte de viver, permitindo assim maior realização pessoal pela busca dos sonhos e desejos da auto realização, vivendo dessa forma com qualidade de vida e não apenas com superficialidade.

Percebe-se dessa forma que a qualidade de vida está intrinsecamente ligada com as melhores condições de qualidade de vida ambiental, sendo que conforme Dias (1994), a educação ambiental se caracteriza por estar englobando as dimensões sociais, econômicas, políticas, ecológicas, culturais e éticas, significando dessa forma que ao tratar de qualquer problema ambiental é preciso compreender todas as dimensões. Dessa forma sem qualidade ambiental não há uma boa

qualidade de vida já que conforme o autor há necessidade de criação de um novo estilo de desenvolvimento que fortaleça o crescimento econômico, a igualdade social e a conservação dos recursos naturais, propiciando dessa forma relações mais humanas, fraternas e justas entre os homens e destes com o seu entorno natural, buscando assim níveis de melhores qualidades de vida.

Os modelos econômicos adotados no Brasil ao longo da história têm provocado fortes concentrações de renda e riqueza com exclusão de expressivos segmentos sociais resultando, em grande parte, nos problemas que o país enfrenta. Ao mesmo tempo em que degradam o homem, sua qualidade de vida e seu estado de saúde, esses padrões de desenvolvimento vêm favorecendo a degradação ambiental por meio da exploração predatória de recursos naturais e poluição, as quais por sua vez, têm gerado impactos nas condições de saúde e qualidade de vida da população. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1995).

Minayo (2002, p. 179) cita o fato de que a relação qualidade de vida, saúde e ambiente, fica evidente na preparação da Rio-92, quando a definição de desenvolvimento sustentável relacionou o papel dos seres humanos em relação ao ambiente e descreveu o impacto das mudanças ambientais sobre a saúde e a qualidade de vida da população. A partir da Rio-92, é deixado clara a influência de múltiplos fatores sobre a qualidade de vida humana e a interdependência existente entre eles. Tal documento, ao relacionar saúde e ambiente, enfatiza: o saneamento básico; água e alimentos de baixa qualidade; a poluição do ar; o uso desordenado de produtos químicos; o manejo inapropriado do lixo.

Alguns aspectos são considerados para expressar os índices que devem definir a melhoria da qualidade de vida: saúde, educação, habitação, cultura, desporto, lazer, natureza, enfim um desenvolvimento econômico e social para alcançar uma harmonia com seu entorno, influenciando dessa maneira com uma adequada direção à educação ambiental.

É imprescindível salientar que,

a qualidade de vida não deve, portanto, ser entendida somente como um mero conjunto de acumulação de bens, de confortos e serviços, mas, através destes, das oportunidades efetivas das quais as pessoas dispõem para “*ser*”. Por outro lado, observa-se que existe, consenso em torno da ideia de que são vários os fatores que determinam a qualidade de vida das pessoas ou mesmo de comunidades: A combinação destes fatores que moldam e diferenciam o cotidiano do ser humano, resulta numa rede de fenômenos e situações que, abstratamente, pode ser chamada de

qualidade de vida. Em geral, associa-se a essa expressão fatores como: estado de saúde, longevidade, satisfação no trabalho, salário, lazer, relações familiares, disposição, prazer e até espiritualidade (NAHAS, 2003, p. 5).

A construção da qualidade de vida só é possível devido sua ligação com a sociedade, através de suas culturas e hábitos. As pessoas precisam estar sensibilizadas com as questões relativas ao ambiente, compreendendo a importância de suas atitudes com o meio em que vivem, já que para garantir uma boa condição de vida é preciso que o meio ambiente não seja degradado, agindo de forma individual e coletiva, pois a relação da qualidade de vida está estritamente ligada com a questão ambiental. Neste aspecto a educação ambiental relaciona-se fortemente com a qualidade de vida apontando para um novo campo de pesquisa e intervenção.

No conceito de qualidade de vida, as questões ambientais precisam estar agregadas aos demais itens estabelecidos no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), conforme descreve Herculano (2000):

Propomos que qualidade de vida seja a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para que estes possam realizar suas potencialidades: inclui a acessibilidade à produção e ao consumo, aos meios para produzir cultura, ciência e arte, bem como pressupõe a existência de mecanismos de comunicação, de informação, de participação e de influência nos destinos coletivos, através da gestão territorial que assegure água e ar limpos, higiene ambiental, equipamentos coletivos urbanos, alimentos saudáveis e a disponibilidade de espaços naturais amenos urbanos, bem como da preservação de ecossistemas naturais (HERCULANO, 2000, p. 237).

A qualidade de vida reflete a percepção dos indivíduos sobre o nível de satisfação de suas necessidades com relação a suas condições sociais ou econômicas, tanto satisfação relacionada à saúde ou não.

Coimbra *apud* Pelicioni (1998) descreve que a qualidade de vida é uma somatória de fatores decorrentes da interação entre a sociedade com o ambiente, atingindo a vida no que concerne as suas necessidades biológicas, psíquicas e sociais inerentes e/ou adquiridas. Dessa forma não dá para dissociar qualidade de vida do comportamento do indivíduo e da sociedade.

A qualidade de vida de uma população é uma construção coletiva, já que todos têm participação para melhorar ou piorar as condições de vida do ambiente.

Dessa forma relaciona-se com a participação no contexto social e na participação política, em que a população é agente de sua própria qualidade de vida quando percebe seu lugar no contexto da comunidade.

A qualidade de vida pode ser baseada nos 3 verbos considerados básicos para a vida humana: ter, amar, ser, conforme indicadores estabelecidos pelo Sistema de Bem-Estar da Escandinávia (Allardt, in Nussbaum & Sen, 1995, *apud* Herculano, 1998, s/p):

Ter, refere-se às condições materiais necessárias a uma sobrevivência livre da miséria: recursos econômicos (medidos por renda e riqueza); condições de habitação (medidas pelo espaço disponível e conforto doméstico); emprego (medido pela ausência de desemprego); condições físicas de trabalho (avaliado pelos ruídos e temperaturas nos postos de trabalho, rotina física, stress); saúde (sintomas de dores e doenças, acessibilidade de atendimento médico); educação (medida por anos de escolaridade).

Amar diz respeito à necessidade de se relacionar a outras pessoas e formar identidades sociais: união e contatos com a comunidade local; ligação com a família nuclear e parentes; padrões ativos de amizade; união e contatos com companheiros em associações e organizações; relações com companheiros de trabalho.

Ser refere-se à necessidade de integração com a sociedade e de harmonização com a natureza, a serem mensuradas com base nos seguintes princípios: em que medida uma pessoa participa nas decisões e atividades coletivas que influenciam sua vida; atividades políticas; oportunidades de tempo de lazer; oportunidades para uma vida profissional significativa; oportunidade de estar em contato com a natureza, em atividades lúdicas ou contemplativas.

4.3. Educação Ambiental e Escola Rural

Ser morador da zona rural já foi considerado como um símbolo do atraso, em função do trabalho eminentemente manual, escravo, resquício do tempo do Brasil Colônia. Com a modernização das práticas usadas na agricultura, com a valorização da natureza e das coisas naturais, com os movimentos ecológicos essa situação está mudando, em especial, nas regiões mais desenvolvidas do país. Atualmente a zona rural está relacionada com melhores condições de qualidade de vida: ar puro, água de melhor qualidade, alimentos naturais, sossego, silêncio, menor taxa de violência, entre outras. Mas a escola rural é preocupação de educadores, uma vez que salvo exceções, promove uma educação de baixa qualidade.

Apesar de o Brasil ser um país de origem eminentemente agrária, a educação do campo aqui nunca foi alvo de interesse dos governantes, ficando sempre relegada a segundo ou terceiro plano, “apêndice” da educação urbana. Foi e é uma educação que se limita à transmissão de conhecimentos já elaborados e levados aos alunos da zona rural com a mesma metodologia usada nas escolas da cidade (BAPTISTA, 2003).

A educação rural sempre foi ligada a escolas com poucos recursos, com profissionais não valorizados, com parâmetros urbanos a serem seguidos, quer seja com Projetos Político Pedagógicos ou por livros didáticos não diferenciados.

É importante observar que essa condição varia de região para região, considerando-se que os cerca de 30 milhões de moradores da zona rural (dados do Censo de 2010), no Brasil, em geral, se encontram em franca desvantagem com os da área urbana, em termos de capital físico e capital sociocultural.

Apesar de a grande densidade urbana, dados do último censo⁹ (de 2010) indicam que na região Sudeste, cerca de 4% da população (quase 1.700.000 habitantes) mora no campo. Entretanto, as escolas rurais continuam sendo motivo de preocupação aos educadores, mesmo nessa região, pois em geral elas apresentam muitos problemas, resultados da secundarização histórica das políticas educacionais voltadas para o campo. Dados do Pnad¹⁰ de 2001 indicam que, no

⁹ <http://noticias.uol.com.br/censo-2010/populacao-urbana-e-rural/>

¹⁰ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Brasil, enquanto na área urbana 50% das crianças que frequentam a escola estão com atraso escolar, na área rural esse contingente é ainda maior, ou seja, 72% dos alunos. (PINTO et al, 2006).

Segundo Soares (2007), a educação rural no Brasil é o resultado de interesses políticos, econômicos e culturais nem sempre comprometidos com os educacionais. Nas décadas de 1910/1920 a escola rural é constituída como forma de conter o intenso movimento migratório em direção aos centros urbanos (processo chamado Ruralismo Pedagógico). Em 1937, o Estado Novo cria a Sociedade Brasileira de Educação Rural com o objetivo de expansão do ensino e preservação da arte e folclore rurais.

Ainda segundo essa autora, em conformidade com a política externa norte-americana, no período após a II Guerra Mundial, criou-se a Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais (CBAR) que tinha por objetivo a implantação de projetos educacionais na zona rural e o desenvolvimento das comunidades rurais mediante a criação de Centros de Treinamento dirigidos a professores especializados; a realização de Semanas, Seminários, Encontros e a criação de Clubes Agrícolas e Conselhos Comunitários Rurais.

Com a Ditadura militar, iniciada em 1964, a educação rural caracteriza-se pela Extensão Rural sendo a professora do ensino formal substituída pelo técnico e pela extensionista, cujos vencimentos eram subsidiados por entidades norte-americanas, onde o discurso era a promoção humana, a melhoria da qualidade de vida da população rural.

Em 1965, com a institucionalização do Crédito Rural, opera-se uma grande mudança e a promoção humana é relegada para um plano secundário, sendo que o objetivo passa a modernização da agricultura (QUEDA, *apud* LEITE, 1999). Nos anos de 1970, em pleno “milagre brasileiro”, o analfabetismo se manifesta de forma dolorosa, sendo então proposto o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) para a educação e, posteriormente a ele, o Plano Setorial de Educação, Cultura e Desportos (PSECD) para 1975/79 e 1980/85, que possibilitou suporte filosófico-ideológico para projetos especiais do MEC como o Pronasec, o EDURURAL e o MOBREAL. (LEITE, 1999).

Segundo Pedersoli (s/d) a década de 80 no Brasil é marcada por lutas, movimentos sociais e mobilizações em torno do processo Constituinte de 1988. O campo já não podia ser visto como o espaço em torno das cidades, mas um espaço social com vida e identidade própria. Foi através dos movimentos políticos no campo educacional brasileiro, como a Articulação Nacional por uma Educação do Campo, as reivindicações do movimento sindical dos trabalhadores rurais e o envolvimento dos mais diversos setores, que emergiu a concepção de *educação do campo* em oposição à visão tradicional de educação rural.

Na década de 90 a partir das pressões dos movimentos sociais do campo, surgem iniciativas institucionais para a criação de uma agenda voltada para o encaminhamento de políticas para a educação no campo envolvendo segmentos da sociedade organizada, tendo então, o Ministério da Educação iniciado a construção de uma política nacional de educação no campo. (SOARES, 2007).

A educação no campo, conforme Soares (2007) preconiza a produção, a sobrevivência, o reconhecimento pessoal e coletivo, a politização e outros atributos socioculturais, assim como a valorização e preservação do habitat ecológico do homem do campo, dos ecossistemas naturais, que são fundamentais na composição e estruturação do processo escolar rural.

A educação no campo precisa não perpassar apenas a visão de valor agrícola, indo mais além, a fim de valorizar a diferença cultural do povo que vive no campo, seus valores, suas identidades, suas diversidades biológicas, que na maioria das vezes são esquecidas pelas políticas públicas que apenas são evidenciadas nas culturas urbanas.

Segundo Baptista (2003)

os problemas da escola e especialmente da escola rural não são apenas aquele de móveis, carteiras, instalações, ou falta de dinâmicas de grupos. É evidente que todas essas coisas são importantes e que delas não podemos prescindir. Trata-se, no entanto, de conferir a esses problemas uma importância secundária, visto que é mais necessário um debate profundo em relação ao papel político da escola, na construção de um modelo diferente de desenvolvimento, sustentável e includente. BAPTISTA (2003, p.19).

Baptista (2003, p.34) entende que a educação do campo tem de interferir na transformação de hábitos e técnicas de forma a trazer mais saúde, vida e conforto à

população, ou seja, que tal educação seja um eficaz “instrumento de participação democrática e de luta pela justiça social e pela emancipação humana”.

Muitas vezes, em virtude da falta de políticas públicas voltadas ao meio rural quem quer vencer na vida precisa deixar o mundo rural, pois lá não existem chances dele progredir. Essa falta de oportunidades no campo destrói a autoestima do aluno e de sua família, que vão à cidade em busca de melhores condições de ensino, favorecendo assim o êxodo rural. Sabe-se que há muitos problemas nas escolas rurais, como turmas multisseriadas, evasão escolar, salários baixos dos educadores, mas é necessária uma educação de qualidade, pois os alunos são merecedores de oportunidades e de uma aprendizagem significativa.

Conforme menciona Zakrzewski (2007, p.200), ao estudarmos a história da educação brasileira, podemos perceber que a educação do campo foi tratada pelo poder público com políticas compensatórias (projetos, programas e campanhas emergenciais e sem continuidade), muitas não levando em conta o contexto em que as escolas estavam situadas, as relações sociais, produtivas e culturais estabelecidas no território. As políticas educacionais trataram a educação urbana como parâmetro a ser seguido, e a do campo como adaptação desta.

Para Leite (1999, p.14),

a educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores tendo por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária. (LEITE, 1999, p. 14)

Historicamente o meio rural é associado ao natural, devido à relação feita através da vegetação existente, embora muitas vezes não seja o local com melhores qualidades de vida, isso vai depender do contexto, da região, do entorno, por isso é imprescindível trabalhar-se educação ambiental nessas escolas do campo, favorecendo o pertencimento dos alunos no local e fazendo com que se sintam responsáveis pelo meio onde vivem.

Possuir um sentimento de pertencimento ao meio e de responsabilidade por ele, conhecer e compreender o meio em que vivem e as inter-relações entre os diferentes elementos que o compõem, é condição essencial para a conservação da diversidade biológica e cultural de um território (ZAKRZEWSKI, 2007, p.202).

A educação no campo tem a necessidade de

estimular um processo de reflexão sobre modelos de desenvolvimento rural que sejam responsáveis, economicamente viáveis e socialmente aceitáveis, que colaborem para a redução da pobreza, para a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade, para a resolução dos problemas ambientais, fortalecendo as comunidades que vivem no campo, não dissociando a complexidade da sociedade e da natureza. (ZAKRZEVSKI, 2004, p.85).

Verifica-se que embora haja iniciativas de se incluir a educação ambiental em Projetos Políticos Pedagógicos e currículos na escola do campo, percebem-se poucas pesquisas e intervenções na área.

Conforme Zakrzewski (2007, p. 206), é um grande desafio à educação ambiental do campo estimular um processo de reflexão sobre modelos de desenvolvimento rural que sejam responsáveis, economicamente viáveis socialmente aceitáveis, que colaborem para a redução da pobreza, para a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade, para a transformação dos problemas socioambientais fortalecendo as comunidades, não dissociando a complexidade da sociedade e da natureza. Segundo esta autora, o caminho pode ser longo e difícil, mas saberemos esperar atuando como protagonistas na construção de um mundo que queremos.

Zakrzewski (2004, p. 81) menciona a necessidade de que a educação ambiental nas escolas do campo seja vista com “mais atenção e carinho”, e que fortalecida em seus alicerces políticos, possa contribuir com a construção de uma sociedade mais equitativa e com responsabilidade ecológica, através do olhar inventivo da educação ambiental.

As políticas educacionais para o campo através dos itens a, b, c do “Caderno por uma Educação Básica no Campo” elaborado pelo Ministério da Educação afirma que se faz necessário

compreender as raízes dos povos do campo (valores moral, tradição, etnias, festas, religiosidade popular, histórias da luta do povo, símbolos, gestos e mística) e incentivar produções culturais próprias, sensibilizando a sociedade para valorizá-las. Realizar eventos que expressem e promovam as culturas camponesas, indígenas e quilombolas, transformando as escolas em centros de cultura. Romper com os modismos e concepções alienantes, que dão sentido pejorativo e desvalorizam o campo e as pessoas que nele vivem, recuperando sua autoestima. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003, p.79)

A escola situada no meio rural apresenta muitas limitações e improvisos, sendo que muitas vezes é tida como um mero local de alfabetização. Para Furtado (2004), as instituições escolares rurais apresentam características próprias em função da dispersão da população residente sendo que, em sua grande maioria, os estabelecimentos são de pequeno porte, ao se considerar o número de alunos atendidos.

A maioria das escolas rurais é formada por turmas multisseriadas a cargo de professoras que apresentam menor experiência que as das escolas urbanas, já que estas professoras ficam pouco tempo na escola, só aguardando uma oportunidade de se removerem para a cidade. No que se refere

ao tipo de organização dessas escolas, o Censo Escolar 2002 mostrou que 64% daquelas que oferecem o ensino fundamental de 1ª a 4ª série tem, exclusivamente, turmas multisseriadas. Essas escolas atendem 1.751.201 alunos no Brasil, resultando em turmas com, aproximadamente, 27 alunos, que são atendidos, como já citado, por um único professor que ministra o conteúdo relativo às quatro séries iniciais do ensino fundamental. No Nordeste, as escolas multisseriadas atendem a 1.027.935 alunos, num total de 34.477 estabelecimentos, o que perfaz uma média de mais de 29 alunos por turma. (FURTADO, 2004, p. 61).

Conforme Baptista “[...] fica óbvio que os problemas da escola e especialmente da escola rural não são apenas aqueles de móveis, carteiras, instalações, ou falta de dinâmicas de grupos”. (2003, p. 19). Na verdade, as escolas rurais enfrentam um leque de problemas; são descontextualizadas; suas práticas sociais não são valorizadas.

Os programas educacionais no meio rural expressam a negação do saber próprio dos agricultores e se justificam como um como um instrumento redentor de suas carências, capaz de alimentá-lo, informá-lo, curá-lo e integrá-lo ao mundo da produção e do consumo. (FONSECA, 1985).

Pois, segundo Fonseca

[...] o discurso extensionista fazia um diagnóstico ressaltando o estado de carências do homem rural brasileiro - "desnutrido (carente de alimentos), ignorante (carente de informações), doente (carente de saúde), isolado (carente de contatos com o exterior), anônimo (carente de laços sociais sólidos e conscientes) (FONSECA, 1985, p. 93).

Segundo Froehlich:

A visão era de que a urbanização trazia consigo a modernização social e o rural era um meio tradicional, onde vicejavam relações e valores arcaicos e atrasados, obstáculos a se superar no caminho do

progresso. Nesta ótica, o meio rural era visto como meio demasiado 'natural' que interessava 'desnaturalizar', mediante a crescente artificialização e domínio dos processos naturais (introdução de eletrificação, insumos químicos, mecanização, motorização etc.). (FROEHLICH, 2002, p.35)

Nos últimos anos o meio rural tem sofrido em virtude da moderna tecnologia na agricultura, ampliando dessa forma o desgaste socioambiental, dando um impacto negativo ao espaço rural brasileiro.

Graziano Neto (1982) ressalta que a análise dos aspectos econômicos, sociais e políticos da modernização do campo permite perceber que tal processo de transformação agrícola se configurou em um grave desastre para a população do país.

Para os trabalhadores rurais, ela significa a perda da moradia, salários miseráveis, comida fria, desemprego, favelas; para os pequenos produtores rurais, proprietários ou não, essa moderna agricultura representa a perda da terra onde trabalham e alimentam a família, a submissão aos grandes capitais, o endividamento crescente; para os segmentos das classes de baixa renda nas cidades ela significa falta de alimentos no prato, altas de preços, inflação e fome. (GRAZIANO NETO, 1982, p.54)

A escola é primordial para a construção de comprometimento, já que o desafio para a educação do campo está na necessidade de estimular um processo de reflexão sobre modelos de desenvolvimento rural que sejam responsáveis, economicamente viáveis e socialmente aceitáveis, que colaborem para a redução da pobreza, para a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade, para a resolução dos problemas ambientais, fortalecendo as comunidades que vivem no campo, não dissociando a complexidade da sociedade e da natureza. (ZAKRZEVSKI, 2004, p.85).

A escola rural tem a missão de responder pela produção, sobrevivência, reconhecimento pessoal e coletivo, politização e outros quesitos socioculturais, além da valorização do habitat ecológico do rurícola (LEITE, 1999, p. 97). Segundo o autor, a escola tem a incumbência de revelar as causas e os efeitos desses fenômenos ocorridos no dia a dia da vida rural, indicando consequências estigmatizadas ao meio ambiente, da mesma forma que possibilidades de novos caminhos produzidos a partir do ambiente social local, anunciando ainda novas atitudes em que a solidariedade institucional seja possível.

A educação no campo deve ultrapassar a simples lógica do valor agrícola, mas ser comprometida com o valor social. Buscando responsabilidade ambiental na construção de um mundo que valorize a diversidade biológica e a diferença cultural.

Para Leite (1999) o atual pano de fundo da escolaridade campesina, não se limita ao modelo urbano/industrial, como fora outrora nas décadas de 1960 a 1980. A sustentação dessa escolaridade encontra-se na consciência ecológica, na preservação dos valores culturais e da práxis rural e, primordialmente, no sentido da ação política dos rurícolas (LEITE, 1999, p. 54-55).

A realidade atual demonstra a grande necessidade de encontrar um local propício para a educação ambiental no âmbito dos projetos educativos das escolas do campo, fortalecendo dessa forma, as relações entre a educação ambiental e outros aspectos da educação do campo.

CAPÍTULO V: ANÁLISE TEMÁTICA: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Com bases nas questões feitas durante as entrevistas com os sete moradores, foram definidas duas categorias para a análise das narrativas em busca de problematizações no âmbito da educação ambiental: 1) Recordações e reflexões sobre a infância, a escola e o seu papel e 2) Recordações e reflexões sobre a vida no bairro/qualidade de vida. Os fragmentos foram recortados dos textos e algumas questões que julguei importante destacar, estão em negrito.

5.1. RECORDAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA E O PAPEL DA ESCOLA

A partir dos sete depoimentos dos velhos moradores de Ibitiruna foram extraídos alguns trechos para compor as recordações e reflexões sobre a escola e seu papel. Esses fragmentos da memória foram depois analisados.

Sobre a escola...

*No início do século XX (...) meus tios e meu pai iniciaram sua alfabetização através dos ensinamentos de uma pessoa leiga (...). As aulas eram ministradas na própria fazenda, e logo as outras crianças do vilarejo também começaram a frequentar as aulas. O número de alunos foi aumentando e diversos moradores do bairro induzidos por meu avô José Sabino resolveram criar uma escola para funcionar naquele local. Na década de 1920 (...) **a escola não tinha lugar próprio** e funcionava ora num lugar ora em outro. Em 1932 foi instalado em prédio próprio a escola de Ibitiruna que começou realmente a funcionar em 1933. (...) Até metade da década de 60 havia várias escolas espalhadas pelo bairro, como as de Ribeirão Claro, Pinga e outras em fazendas que foram desativadas, pois muitas pessoas foram morar nas cidades. (...) No final da década de 1960 houve um movimento (...) para **construir um novo prédio da escola (...)** o espaço era insuficiente para o*

recreio e para projetos como avicultura, horticultura, jardinagem... Foi nessa época que meu pai Nathalio Zanotta Sabino, proprietário da Fazenda Serra Negra doou à prefeitura de Piracicaba uma área grande para construção da nova escola. (Sr. Sabino)

Brincávamos no pátio da escolinha na hora do recreio, **não tinha nada nela**, tinha apenas uma privada pra fora da escola (...). Tinha bastante alunos naquela época. Era uma professora só para as quatro séries, os alunos vinham a cavalo, a pé, vinham de longe, tudo era mais difícil, até mesmo as professoras, vinham a cavalo, **as professoras na época ensinavam bem, e aprendíamos porque íamos com muita dificuldade estudar**, diferente de agora que o ônibus pega e solta na porta da casa, comem, bebem, brincam, hoje a escola é uma beleza. No nosso tempo era diferente, não tinha frutas, não tinha comida, não tinha nada, tínhamos que trazer, **não tinha merenda**, hoje eles têm de tudo, suco, frutas, estar na escola hoje é o mesmo que estar em casa. (Sr. Abir)

(...) era uma **escola muito simples**, onde inclusive havia **cabras que dormiam embaixo dela**, porque tinha um porão todo aberto, uma escada de madeira (...). (Dona Olinda)

Nunca me esqueço quando fui no 1º ano da escola daqui, escolinha antiga, feita de barro, **a professora dava reguada nas mãos dos alunos**. (Sr. Sabino)

Na época que estudei aqui na escola do bairro eu lembro que a professora colocava grão de milho para ajoelharmos em cima, ela mandava irmos buscar água no Ribeirão, com talha (pote de barro), um dia eu fui com meu primo, hoje ele já é falecido, chamava-se Benigno, enquanto fomos buscar água no Ribeirão deu vontade de nadar e fizemos isso, depois enchemos a talha e até tenho que rir ao lembrar disso, trouxemos a água toda suja para a professora, **ela nos colocou de castigo no milho**, não esqueço disso, marcou esse episódio da minha infância. O **Ribeirão agora está seco**, toda vez que passo lá me lembro, uma pena, porque tem coisas que a gente grava para sempre. (Sr. Jair)

*As professoras de Piracicaba **queriam me levar para estudar em Piracicaba, mas eu não quis ir para deixar minha mãe sozinha, tivesse ido, hoje fiquei uma burra.** (Dona Verônica)*

As lembranças da escola rural do passado mostram uma escola bastante precária (as fotos constataam essa precariedade) sem prédio próprio, com as professoras vindo a cavalo da cidade, sem merenda, sem livros, com “tocos de lápis”. O Sr. Sabino lembra-se de projetos *como avicultura, horticultura, jardinagem* realizados pela escola na década de 1960.

Os depoimentos reforçam o que dizem os especialistas (Leite, 1999; Baptista, 2003) sobre o desinteresse do Estado com a escola do campo. Na década de 1960, porém, o governo se volta para a promoção de transformações no campo com a presença de planos dirigidos para a educação rural. Assim, os projetos de avicultura, horticultura, jardinagem visavam favorecer o desenvolvimento e trabalho no campo provocando mudanças sociais na realidade rural, através do desenvolvimento da educação profissionalizante que tinha por objetivo a preparação para o trabalho.

Nessa época, segundo Canário (2006), promoveu-se a ruptura e desagregação no mundo rural tradicional, dos seus fundamentos econômicos, sociais e culturais, e a escola passou a representar a lógica de mercado vigente.

Os castigos físicos eram comuns na escola. Um dos moradores acredita que os alunos aprendiam, pois tudo era mais difícil e porque as professoras na época *ensinavam bem*. Mas vários relatam que os alunos que tinham melhores condições econômicas saíam do bairro em busca de escolas na cidade. Dona Verônica se considera “burra” por não ter estudado na cidade.

Por um lado mostram uma crença de que a escola do passado era boa, mas ao mesmo tempo falam que a da cidade era melhor. Como poderia ser boa uma escola sem condições físicas (a escola *não tinha nada nela, tinha apenas uma privada pra fora da escola*), com classes multisseriadas, com castigos físicos?

Um dos moradores relata que a professora castigou-o colocando-o ajoelhado no milho, *ela nos colocou de castigo no milho, não esqueço disso, marcou esse episódio da minha infância*. Outro se lembra que a professora batia nos alunos: *Nunca me esqueço quando fui no 1º ano da escola daqui, escolinha antiga, feita de*

barro, a professora dava reguada nas mãos dos alunos. Segundo Thompson (1992, p.153) o processo da memória depende não só da capacidade de compreensão do indivíduo, mas também de seu interesse podendo estar muitas vezes não em seu apego ao fatos, mas a sua divergência com eles.

Em suas lembranças ele diz que *o Ribeirão agora está seco, toda vez que passo lá me lembro, uma pena, porque tem coisas que a gente grava para sempre.* Toda vez que ele passa lá ele não só se lembra, ele refaz, reconstrói, pois segundo Halbwachs (1990) lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e ideias de hoje.

Os relatos trazem fragmentos da memória espacial: *Brincávamos no pátio da escolinha na hora do recreio (...), era uma escola muito simples, onde inclusive havia cabras que dormiam embaixo dela, porque tinha um porão todo aberto, uma escada de madeira.* Halbwachs (1990, p. 20) nos auxilia no entendimento do caráter espacial e material da memória na medida em que considera que para recuperar nossa memória precisamos ver o meio material que nos cerca e onde a memória se conserva. Assim, para o autor, o espaço é uma realidade que dura. Segundo Seemann (2002/2003, p. 44) *embora a memória seja basicamente um processo interno, a sua projeção não se realiza em um vazio: a memória precisa de espaço para ser ativada e estimulada.* Para o autor não só produzimos História como produzimos Geografia, pois o espaço é uma composição, um modo de ver o mundo.

Observa-se também em seus relatos que no passado tudo parece carregado de maior sentido, tudo era *mais gostoso*, ou nas palavras do Sr. Jair: *Tudo sempre muito alegre, do sofrimento esquecia* (poesia Velha Escola Rural). O sentimento de alegria tinha a ver com as condições psicológicas, à liberdade, às condições físicas, à estabilidade, ao aconchego da família. Para Pollak (1989) a memória que é uma operação mais ou menos consciente de definir e reforçar sentimentos de pertencimento.

Os moradores reconhecem avanços nas condições estruturais da escola - espaço físico, transporte, merendas, livros -, apesar da escola rural no Brasil, em geral, ainda se encontrar em franca desvantagem com os da área urbana, em termos de capital físico e capital sociocultural. Pesquisa recente mostra que os

alunos de escolas rurais têm nota 18% menor em Matemática e 6% menor em Português. (SALOMON, 2011).

Observa-se certa inferioridade por parte dos moradores que não têm estudos, como se isso viesse confirmar que o homem do campo é atrasado. Os que têm, falam com orgulho da sua formação e os que não estudaram, tentam explicar por que. Conforme Gigante (2008, p. 59), isso ocorre devido ao fato de que a fonte oral pressupõe que haja o entrevistador e narrador, cada um com interesses próprios, não coincidentes em relação ao outro – *um quer conhecer determinado fenômeno social, histórico, através do entrevistado; o outro, autovalorizar-se naquilo que considera digno de ser conservado.*

Para Martins (2005, s/p.) a questão da falta de escolaridade não faz de ninguém um “burro”, como quer acreditar a Dona Verônica, pois

a escola em geral se baseia no amplamente falso pressuposto de que uma pessoa analfabeta é também ignorante. Conheço pessoalmente sábios analfabetos, muitos dos quais, no campo, e mesmo na cidade, tem na cabeça uma verdadeira biblioteca de livros transmitidos através das gerações pela tradição oral. (MARTINS, 2005, s/p.)

Sobre o papel da escola...

Os moradores assim se expressam sobre o papel da escola:

*A escola precisa **preparar para o estudo na cidade**, porque hoje em dia **não tem mais o que fazer no campo**, antes tinha lavouras, agora nem isso tem, ou tem que ir morar em Piracicaba para conseguir trabalho (...). (Dona Tita)*

*Na escola os alunos precisam **ser preparados para continuar os estudos**, precisam adquirir conhecimentos para a vida no campo, mas também para seguir os estudos na cidade, (...) acredito que **daqui uns quinze, vinte anos não vai ter mais ninguém morando aqui**, devido a não ter mais lavoura, plantação, não tem onde trabalhar, aqui é só cana, eucalipto, laranja (...). (Sr. Abir)*

(...) as escolas do campo precisam **ensinar os alunos para a vida no campo e também para a vida na cidade**, porque não são todos que irão morar na cidade. (Sr. Sabino)

A escola rural **precisa ensinar as crianças para irem para a cidade**, porque no meu ponto de vista não dá certo na escola normal quererem ensinar a trabalhar na agricultura, porque se é assim **quem quiser vai estudar numa escola agrícola**, (...) o degrau da escada começa da escola daqui, em bem prepará-los para após seguirem os estudos na cidade. (Sr. Jair)

Eu acho que o estudo é tudo na vida, **queria que meus filhos estudassem, por isso tive que sair daqui do bairro**, embora devido a não ter condições de colocar meus filhos em escolas particulares coloquei-os em escolas públicas, **eram fracas mas pelo menos era melhor que aqui no bairro** (...). (Dona Olinda)

(...) os filhos dos caseiros (das chácaras, sítios e fazendas) que são bem pobres, **ainda bem que tem essa escola** para essas crianças poderem vir estudar. Eu fico emocionada em contar isso, porque tem **crianças que passam muitas necessidades**, que não têm sequer um sapato para colocar (...). (Dona Verônica)

Observa-se que os moradores idealizam a escola rural como formadora de cidadãos urbanos, ou seja, com competência para viverem, trabalharem na cidade, para continuarem os estudos na cidade. Contemplam de forma passiva o desmantelamento do bairro, com o jovem indo embora em busca de melhores condições de vida nas cidades. Incentivam seus netos a estudarem para sair do campo e alguns se arrependem por não terem feito isso com seus filhos, apesar de declararem seu amor pela zona rural. Por isso, a maioria acredita que a escola deve ensinar o que vai ser útil ao jovem na cidade. **Por outro lado uma das moradoras ressalta a função social da escola, ao atender a alunos de baixa renda, que passam por necessidades.**

Têm clareza que a escola rural é pior que a escola pública urbana, por isso, demandam uma escola diversa da que têm hoje, com maior qualidade, pois a

expectativa é que a escola os ajude a *integrar-se de modo apropriado nas promessas da sociedade moderna e desenvolvida* (MARTINS, 2005, s/p).

Segundo Martins (2005) tanto o ensino na zona rural como o da área urbana, os dois deveriam ser diferentes, mais flexíveis e culturalmente mais adaptados do que são.

A educação básica na cidade é quase que apenas projeção da ideologia de classe média do educador. O mesmo acontece no campo. Prevalece ainda entre nós a concepção de que o educador não precisa ser educado, não precisa ser ressocializado para a sua missão de educar. Houve muitas mudanças na sociedade brasileira nas últimas décadas, no campo e na cidade, que exigem uma ressocialização do educador. Não só o campo de algum modo vem se urbanizando, como a cidade vem, surpreendentemente, se ruralizando. (MARTINS, 2005, s/d)

Para Campolin (2005, s/p.), a escola rural deveria valorizar o conhecimento que o aluno detém, recebido especialmente dos pais, da família. E esse conhecimento não é eminentemente prático como querem acreditar alguns, pois abrangem conhecimentos de *Geografia (clima, nuvens, ventos, etc.); Físicos (topografia, solos, água, etc.), aspectos referentes à vegetação; aos animais, fungos, além de questões relativas ao mercado, políticas agrícolas e aproveitamento artesanal da produção excedente.*

Por isso, o homem do campo não pode ser visto como um ser passivo à espera do messias cultural que virá da cidade para educá-lo, civilizá-lo. (MARTINS, 2005). E esse autor vai além quando coloca que *raramente se pensa no homem do campo como preservador e criador de cultura, como agente dinâmico do processo social e cultural* (MARTINS, 2005, s/d).

Já para Polan Lacki, pesquisador da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação -FAO, a escola rural deveria formar “solucionadores de Problemas” e ensinar aos alunos o que não foi ensinado em seus lares porque os seus pais não poderiam ter-lhes transmitido conhecimentos que eles mesmos nunca adquiriram. Segundo o pesquisador, ao contrário do que se costuma afirmar, as ineficiências no campo não são devido à falta de políticas generosas e créditos, mas provocadas por erros primários para cuja correção se requer conhecimentos elementares.

Infelizmente, essas escolas não estão cumprindo com esta importantíssima função emancipadora de dependências e de vulnerabilidades; porque os seus conteúdos e métodos são disfuncionais e inadequados às necessidades produtivas e familiares do meio rural. (...) (LACKI, 2001, p.4)

O pesquisador vai além ao afirmar que não são somente conhecimentos de agricultura que faltam aos alunos, mas valores, atitudes e especialmente, auto-estima. (LACKI, 2001, p.4)

Das referidas escolas continuam egressando gerações de futuros agricultores, agricultoras, pais e mães de família, com baixíssima auto-estima, sem os conhecimentos, sem as atitudes e sem os valores que necessitam para serem agricultores mais eficientes, melhores educadores dos seus filhos e solidários protagonistas das suas comunidades. (LACKI, 2001, p.4)

Pergunta-se: qual educação ambiental seria adequada ao aluno do campo, ou ainda, deveria haver uma educação ambiental específica? Em geral uma criança da zona rural sabe mais do que o seu professor urbano a respeito do mundo em que vive: as matas, os animais, as plantas, as falas, o imaginário (MARTINS, 2005), por isso, ensinar a fazer compostagem, a plantar hortaliças, árvores (atividades que ocorrem nas escolas rurais tidas como de educação ambiental, voltadas para o trabalho), em que o ambiente é o destaque, talvez não seja proveitoso nem o que é esperado pela família.

De certo modo, as demandas de educação no campo são culturalmente mais complexas do que na cidade, o que se choca com a ideologia educacional que considera simples o mundo rural, quando de fato não o é e será cada vez menos. De modo que a educação rural deveria perder o qualificativo rural para ser apenas educação e educação do diálogo com a diversidade cultural, as peculiaridades sociais, e não só do trabalho. (MARTINS, 2005, s/p)

As recordações e reflexões dos velhos moradores em relação à escola indicam a necessidade de projetos de educação ambiental voltados para a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, representado pela comunidade e pela natureza, a necessidade de promoção da auto-estima dos educandos e de seus familiares, envolvendo-os em ações pedagógicas articuladas, nos quais sejam considerados a cultura, os costumes, o saber da população local, a sobrevivência, o reconhecimento pessoal e coletivo, a politização e outros atributos socioculturais, assim como a valorização e preservação do habitat, dos ecossistemas naturais (GUIMARÃES, 2004; MARTINS, 2005).

5.2. RECORDAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE O BAIRRO E A VIDA NO BAIRRO

Sobre o bairro...

Os moradores assim se expressam sobre o bairro:

*O bairro antigamente era bem simples, não tinha água encanada, não tinha luz elétrica, nem telefone, a iluminação era dos lampiões. A água era pega de uma caixa d'água perto do pátio da igreja, lavavam as roupas nos riachos ou em bacias, tudo era mais difícil, mas muito mais aproveitado, mais gostoso. Mudou muito na questão do meio ambiente, **tinha mais animais, mais vegetação.** (Dona Olinda)*

*Na época de 1950 era muita gente por aqui, **caçavam muito os animais, derrubavam muitas árvores,** não tinha água encanada, mas tinha bastante moradores, famílias tradicionais que moravam aqui, havia muita produção de cereais, criação de gado, então as pessoas tinham feijão, arroz, frango, porco, água boa sempre teve porque tinha nascente. Ao matar porco guardava-se a carne dentro da gordura para não estragar, bem como a linguiça pendurada em cima do fogão, **sabíamos o que estávamos comendo.** (Sr. Sabino)*

*Em virtude da plantação de cana de açúcar e sua expansão na região, os **passarinhos diminuíram,** há diversas espécies que hoje não se vê mais, **por causa dos agrotóxicos e fungicidas** para combater as pragas da plantação, que quando chove acabam sendo levados pela enxurrada ou através do vento, para o Ribeirão, **acabando com os peixes,** bem como com os pássaros que acabam não vindo mais pra cá, ouvia-se o cantar de Nambu, Juruti, Codorna, Canarinhos da Terra, Pintassilgos (eles ficavam cantando o dia inteiro nos pinheiros que tem aqui e hoje não se vê mais), **hoje em dia não se vê mais nada, nem mesmo tatu,** parece que foram todos embora com o barulho de tratores, é um aqui, outro ali, nessa parte foi uma grande perda para Ibitiruna, porque **antes havia plantações de milho, algodão, arroz, mais lavouras,** por isso que a maioria das pessoas foram embora*

pra cidade, **porque aqui não tem mais lavoura**. Hoje tem mais pecuaristas, mais criação de gado, plantação de cana, laranja e eucalipto. Infelizmente **paga-se muito caro pelo progresso**. (Sr. Jair)

(...) **a cana enriquece o bairro, mas de outro lado atrapalha, com as queimadas, acaba matando tudo, sendo um grande problema**. (Sr. Zé Ico)

Depois que surgiram as plantações de cana, **os rios foram acabando**, o rio vinha da fazenda do Sr. José Carlos Sabino, descia na propriedade do Sr. Miguel Martins que ainda tem um pouquinho, **mas hoje já é uma poça, por causa da plantação, da erosão causada pela cana**. (Dona Tita)

Com relação ao **meio ambiente mudou pra pior**, a paisagem era diferente, tinha mais mato, hoje tem bem menos, mas é assim, o mundo está diferente, bem diferente. **Com as plantações de eucaliptos a vegetação não está nascendo mais**. (Sr. Zé Ico)

Depois que proibiram a caça até que tem aparecido alguns passarinhos, até tucano tem bastante. **Com a plantação de canas e eucalipto os passarinhos sumiram**, mas as **onças estão aparecendo por aqui**, (...) estavam apenas em locais com mato fechado, hoje ficam meio camufladas com a cana. Até **porco do mato, javalis** que foram criados e soltos estão aparecendo, **veados** também. (Sr. Sabino)

Melhorou alguns aspectos ambientais no bairro, **com relação à água, antes não tinha**, agora tem água encanada tratada pela SEMAE, antes faltava água (...) Hoje ela é tratada pela SEMAE. **A água era boa**, mas hoje sendo tratada é muito melhor. (Sr. Abir)

Com relação às nascentes, antigamente eram mais constantes, tinha água o ano inteiro, **algumas (nascentes) já secaram**, muita plantação de eucalipto e **assoreamentos** foram decisivas para que isso ocorresse. (Sr. Sabino)

Quanto ao ar, **aqui não tem poluição, o ar é bom, é puro**, aqui tem menos poluição que na cidade, quando tem muita seca, que demora pra chover, **aí tem muita poeira**, mas ainda é muito melhor que na cidade. Antigamente pela época de 1950 era muita gente por aqui, **caçavam muito os animais**, muita caça de passarinhos com espingarda, **por isso hoje a cana prejudicou**, mas antigamente também a caça era um problema, fato que hoje tem diminuído no bairro. (Sr. Sabino)

Antes a produção rural era de monoculturas para venda e subsistência, hoje são cultivados principalmente **cana e eucalipto, modificando os aspectos da vegetação, e a poluição do ar pelas queimadas**. (Dona Tita)

Hoje se cobra mais de não derrubar mata, não plantar na beira d'água, perto de nascentes, então **as pessoas estão tendo um pouco mais de consciência**, em compensação **não sabemos mais o que nos alimentamos**. (Sr. Sabino)

Os moradores se recordam de um bairro não poluído, com muita vegetação, pássaros, animais (apesar dos caçadores) nascentes, rios, que já não existem por conta das plantações de cana-de-açúcar e eucalipto. O que se observa por meio das entrevistas é que há contradições envolvendo a questão das plantações de cana-de-açúcar no bairro, sendo que os moradores contrários são aqueles que não plantam cana, já os favoráveis são os que os familiares a cultivam.

Já havia plantações de cana na região mesmo antes da época do Pró-álcool¹¹, mas de uns tempos para cá a cultura se intensificou, devido ao novo ciclo do álcool. Alguns moradores têm plena consciência dos problemas acarretados pela cana e pelo eucalipto, principalmente nas questões ambientais, mas outros acham que elas

¹¹ O **Pró-Álcool** ou **Programa Nacional do Álcool** foi um programa financiado pelo governo do Brasil a partir de 1975 devido a crise do petróleo em 1973, que visava a substituição em larga escala dos combustíveis derivados de petróleo. À medida que o preço internacional do petróleo baixava, tornando o álcool combustível pouco vantajoso tanto para o consumidor quanto para o produtor, o programa foi sendo desativado, culminando com uma crise de abastecimento em 1989. Com a produção de carros flex fuel (carros biocombustíveis), a partir de 2002, o álcool volta ser produzido em larga escala.

são imprescindíveis para a economia do local e com isso os efeitos produzidos são minimizados. As queimadas, a extinção de animais, o uso excessivo da terra, a poluição por agrotóxicos, o assoreamento dos rios, o sumiço das nascentes e dos pequenos ribeirões (causados pela cultura do eucalipto) fazem parte do progresso!

Em nome da sustentabilidade grandes áreas que antes eram destinadas à lavoura de feijão, mandioca, milho, arroz, são voltadas hoje à cultura da cana-de-açúcar. O discurso de que o álcool, biocombustível tido como “renovável” e “limpo”, poderá contribuir para a criação de empregos e para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável é questionado pelos ambientalistas (VARGAS, 2007).

As alegações favoráveis aos combustíveis renováveis (baixos índices de emissões, alta produtividade e alto conteúdo energético, baixo consumo de energia no processo de produção de energia, ser uma fonte renovável de energia) nublam as discussões sobre transportes públicos de massa, que poderiam desafogar as vias urbanas e estradas e reduzir maciçamente as emissões de gases. As desumanas relações de trabalho que acompanham a lavoura de cana-de-açúcar desde tempos coloniais e que tem na figura do bóia-fria a representação da miséria, do desrespeito e da intensa exploração a que são submetidos os que trabalham neste tipo de lavoura, são escamoteadas (VARGAS, 2007, p.92-93).

Para que o álcool torne-se uma alternativa sócio e ambientalmente sustentável no Brasil, precisam ser revistos os problemas que são identificados em Ibitiruna e nos demais locais onde a cana é cultivada, especialmente os devido à poluição do ambiente, ao desgaste da terra e às péssimas condições da mão-de-obra empregada em seu primitivo processo de colheita. *A gente estranha* a que se refere Dona Tita, são os cortadores de cana, em geral moradores das periferias das cidades. *De um tempo pra cá o povo está indo embora daqui, vem muita gente estranha pra cá também, pessoas que não conhecemos, que vem trabalhar como cortadores de cana, colher laranja. (Dona Tita)*

A monocultura da cana e a agroindústria açucareira vêm monopolizando o mercado de trabalho na região. Como consequência, tem-se um grande êxodo rural em direção às cidades, ampliando-se a favelização da área urbana, a ocupação desordenada, o aumento da poluição, do consumo e das diferenças sociais.

Foi o que aconteceu com o bairro, resultando na diminuição de moradores no bairro, tornando-o um bairro de pessoas mais velhas, aposentadas, pois os jovens em sua grande maioria saem para estudar e procurar melhores condições de emprego, bem como os demais moradores e trabalhadores acabam indo e vindo de ônibus para seus empregos na cidade.

Ao mesmo tempo os velhos moradores trazem questões sobre poluição causada pela cana-de-açúcar que nos lembram o livro de Raquel Carson, Primavera Silenciosa, de 1962, um dos livros que marcaram o ambientalismo do século XX. Rachel Carson em seu livro expõe, através de fatos documentados, os grandes problemas que atingiram os seres vivos, e entre eles o homem através da adoção e utilização inadequada de produtos químicos, criados pelo homem pouco depois da II Guerra Mundial.

Segundo Carson (2010) os seres humanos lançavam em suas lavouras mistura de inseticidas com óleo para que dessa forma agissem contra as pragas. A mistura foi utilizada de forma inadequada, causando uma série de desequilíbrios ambientais, além de aumentar a resistência de algumas espécies de insetos, que voltaram a criar mais instabilidade ambiental, além de novas doenças nos humanos e outros seres vivos.

(...) a alquila ou os fosfatos orgânicos, possuem substâncias químicas das mais venenosas do mundo, bastando para o envenenamento agudo, que as pessoas simplesmente aspirem às nuvens de fumaça destes inseticidas pulverizados via avião (...). (CARSON, 2010, P. 39)

Sobre a morte de pássaros Carson (2010) faz o seguinte relato:

Após alguns anos de pulverização com DDT, a cidade quase não tem mais pintarroxos e estorninhos; os chapins não têm vindo ao alimentador há dois anos e este ano os cardeais também sumiram; as ninhadas nas vizinhanças parecem se resumir a um par de pombas e talvez uma família de tordos. (CARSON, 2010, p. 96)

Carson revela (2010, p. 96) que *em áreas cada vez maiores dos Estados Unidos, a primavera chega agora sem ser anunciada pelo regresso dos pássaros, e as manhãs, outrora preenchidas pela beleza do canto das aves, estão estranhamente silenciosas.*

Carson (2010, p 83) chama a atenção para o uso indiscriminado dos inseticidas:

(...) estamos acrescentando um novo capítulo e um novo tipo de devastação – a matança direta de pássaros, mamíferos, peixes e, na verdade, praticamente todas as formas de vida selvagem por inseticidas químicos pulverizados indiscriminadamente sobre a terra. De acordo com a filosofia que agora parece guiar nossos destinos, nada nem ninguém deve se colocar no caminho do homem armado com um pulverizador.

Os passarinhos não vinham mais com a primavera, pois o uso do inseticida DDT no combate às pragas destruía também outros seres vivos, penetrando na cadeia alimentar, causando câncer e danos genéticos nos homens. Questões envolvendo a extinção dos animais, a destruição dos ecossistemas, a poluição causada pela cana-de-açúcar, a mudança de paisagem, os problemas ambientais e sociais que acompanham a produção de energia, são alguns temas geradores para a educação ambiental.

Como Grün (1996, p.22), acreditamos que *seria parte da tarefa de uma educação ambiental proceder a uma tematização a respeito dos valores que regem o agir humano em sua relação com a natureza*. Segundo o autor, mais do que criar novos valores, a educação ambiental deveria se preocupar em resgatar alguns já existentes, remontar ao passado com os olhos do presente.

Quanto à vida no bairro (em termos de qualidade de vida)...

Os moradores assim se expressam sobre a vida no bairro/qualidade de vida:

*Pra mim a vida aqui no campo é muito melhor que na cidade, a qualidade de vida aqui no bairro é melhor, eu não gostaria de morar na cidade, eu nasci aqui, sempre que vou a Piracicaba eu vou a serviço, quando está perto de chegar em casa eu já sinto **um ar diferente, melhor**. (Dona Tita)*

*Pra mim a qualidade de vida no bairro é melhor que na cidade, não trocaria aqui pela cidade, acho que não me adaptaria, só se eu tivesse uma casa própria na cidade, uma casa boa, mas sair daqui pra ir morar em certos bairros de lá não dá, só se fosse um lugar bom, perto de supermercado, de bancos, pronto socorro, senão não, porque **aqui tem mais segurança**. (Sr. Abir)*

(...) sempre trabalhei no campo, **tudo é mais saudável**, adoro mexer com criação, é o que fiz a vida inteira, é a vocação que se tem de morar no sítio. Aqui embora seja um bairro pequeno é bem organizado, **tem água, esgoto, telefone**. (Sr. Sabino)

A qualidade de vida aqui no bairro é melhor que na cidade, **a luz é mais barata** que na cidade, a água também porque ela é tratada aqui, na cidade tem que pagar transporte para as crianças irem até a escola, é aluguel de casa muito caro na cidade (...). Na cidade só o monóxido de carbono de tanta poluição mata as pessoas. Nem se me dessem um salário para ir morar na cidade novamente eu não iria mais, **aqui sim que é tranquilidade**. (Sr. Jair)

O bairro é muito bom, **tem água boa, é sossegado**, diferente do agito da cidade, todo mundo conhece todo mundo, mas claro que tem coisas a melhorar, (...) porque a qualidade de vida aqui no bairro é muito melhor que na cidade, ao acordar de manhãzinha tem aquele **ar puro**, dormimos tranquilos, **não tem perigo de nada** até agora. Com relação à qualidade de vida melhorou, porque **hoje tudo é mais fácil**, antigamente não tínhamos posto de saúde, agora faz uns vinte anos que tem, hoje **tem médico** duas vezes por semana, **ônibus** passando na porta de casa quatro vezes por dia. Agora com **relação ao meio ambiente mudou pra pior**, nessa época era cheio de pintassilgos e olha só, hoje não se vê um pintassilgo sequer, eles ficavam cantando o dia inteiro nos pinheiros que tem aqui e hoje não se vê mais, não sei pra onde foram. (Sr. Zé Ico)

A qualidade de vida aqui do campo não digo que seja melhor que da cidade, porque não se ganha muito bem aqui, **mas para morar é muito melhor**, (...) lá (na cidade) teria que pagar o **aluguel**, então prefiro aqui. A questão da água melhorou bastante porque hoje temos água encanada da prefeitura, as moradias eram feitas de barro (...). Aqui tem **menos poluição** que na cidade, quando tem muita seca, que demora pra chover, aí tem muita poeira, mas ainda é muito melhor que na cidade. (Dona Verônica)

O bairro é um **lugar seguro** e de noite tem a polícia rural que passa por aqui, então é seguro, é bom de morar, as **estradas são boas** também. (Sr. Abir)

(...) tudo é mais fácil, tem **posto de saúde**, tem **telefone**, tem **luz**, tem tudo. O governo deveria ter pensado nisso antes e incentivado o povo a permanecer no campo, muitos não teriam ido embora pra cidade. (Sr. Sabino)

As pessoas estão **morrendo pelo aparelho digestivo**, porque invés de plantarem, criarem o que irão se alimentar, acabam comprando produtos da cidade **cheios de conservantes**. (Sr. Sabino)

Antes se tinha mais amizade, mais amor, **hoje o dinheiro está envolvido em tudo**, até na amizade existe dinheiro. (Dona Tita)

Antes visitávamos uns aos outros, passeávamos nos vizinhos, agora não tem mais disso, hoje em dia a gente vai na casa de algumas pessoas que **nem sequer convidam a gente para entrar**. (Dona Olinda)

Hoje **ninguém mais vai na roça**, ninguém mais pode ajudar, **têm que estudar, não podem trabalhar**. Muita gente aqui passa necessidade porque não pode trabalhar, só pode estudar. (Dona Olinda)

Os bailes no sítio eram muito **mais gostosos** (...) diferente de hoje que o povo vai nos bailes para **encher a cara de cerveja**. (Dona Olinda)

(...) teria que ter um vereador do bairro, alguém que se empenhasse por Ibitiruna na prefeitura, para que assim os nossos problemas do bairro fossem resolvidos. **Não temos com quem conversar**, falar, para ver se iremos resolver. (Sr. Abir)

*Fiz e ainda faço parte da associação dos moradores do bairro, que iniciou em 2002, eu e a Tita sempre estivemos muito envolvidos, mas **de um tempo pra cá não estamos participando** porque tudo era apenas nós dois, marcavam uma reunião era eu e ela, aí fica complicado **só pra nós dois nos envolvermos**. (Sr. Sabino).*

Quando eu era criança a **minha mãe comprava roupa nova pra nós uma vez no ano** também, apenas para a festa da igreja. Meu pai media o nosso pé com barbante e vinha comprar na cidade, não tinha nem como a gente escolher e ficávamos muito contentes. Era outra coisa, hoje em dia a gente compra chocolate ou danone para os filhos, e mesmo sempre procurando o melhor às vezes ainda **reclamam da marca**. (Dona Olinda)

*Todo o ano tem a **Festa de São João** aqui em Ibitiruna, (...), dizem que a melhor festa de Piracicaba é essa de Ibitiruna. Faz quarenta anos que eu ajudo na festa, ajudo as cozinheiras, a lavar, fazer cuscuz. (Dona Verônica)*

A qualidade de vida é colocada pelos moradores de forma reduzida, restrita, desconsiderando a sua complexidade: ar puro, tranquilidade, menos poluição, energia e aluguel mais baratos, segurança, posto de saúde/atendimento médico, transporte público, energia elétrica, água encanada, posto de saúde, telefone.

Consideram que a qualidade de vida melhorou, mas por outro lado o ambiente piorou: *Com relação à qualidade de vida melhorou, porque hoje tudo é mais fácil (...). Agora com relação ao meio ambiente mudou pra pior.*

Mas ao se analisar as histórias orais de vida há declarações que de certa forma contradizem o que é ressaltado em termos de qualidade de vida, especialmente quando fazem referência às queimadas da cana, à poluição do ar e à poluição causada pelos agrotóxicos, à morte dos passarinhos, dos peixes, do sumiço das nascentes e dos ribeirões.

Queixam-se da falta de médicos, da falta de empregos, da falta de amizades, dos baixos salários no campo, dos novos hábitos alimentares (não saudáveis), do interesse financeiro presente em todas as relações, da falta de representatividade

política, da falta de interesse da população em participar de reuniões para reivindicarem melhorias para o bairro. Uma das moradoras levanta a questão do trabalho infantil no campo: hoje ninguém mais pode trabalhar!

Quanto a essa última questão, Martins (2005) considera que de forma equivocada o trabalho é relacionado a sofrimento e privação. O trabalho em família, que socializa e educa é importante para a criança. Não o trabalho exaustivo que vai complementar o baixo salário dos pais e garantir a sobrevivência da família.

Nós reduzimos o trabalho à sua concepção fabril e teórica. No campo, em particular, mas também em não poucas atividades econômicas da cidade, o trabalho, mesmo do adulto, é muito mais do que isso. Tem remota tradição o estar junto no trabalho como modo de trabalhar que reúne pais e filhos em diversas funções de uma mesma atividade. Pode-se ver isso celebrado em famosa escultura de barro do Mestre Vitalino, de Pernambuco: “Casa de farinha”. Ali há uma divisão do trabalho que reúne adultos na maturidade, mas também velhos e crianças. Simbolicamente, estes últimos estão no centro de uma sequência de trabalho, numa espécie de círculo imaginário, **participando mais do que trabalhando**. Essa é a forma como se educa e protege a criança no campo, ainda hoje. (MARTINS, 2005, s/p) Grifos nossos.

Alguns falam com certa reserva da morte de duas pessoas, do estupro de uma garota, do medo de serem assaltados à mão armada, dos roubos ocorridos no bairro. Parecem recordações distantes, aquelas que não gostaríamos de nos lembrar. Como de determinados fatos importantes e trágicos só alguns se lembram, entendemos que as omissões podem ou não ser intencionais. Mostrar que o Bairro é um lugar tranquilo e seguro poder ser uma imagem mais interessante de ser divulgada do que outra, de que o bairro oferece perigos, como quase todos os lugares, da atualidade. Nas palavras de Dona Olinda: *Aqui é um lugar tranquilo, sossegado, mas perigo há em todos os lugares...*

Na tentativa de sistematizar os resultados, vou a seguir classificar as respostas dos velhos moradores que possam indicar suas percepções sobre a qualidade de vida no Bairro, a partir das palavras-chave destacadas dos textos, (quadro 1) a partir de categorizações adaptadas de Herculano et al (2000). Não é nenhuma tentativa de criar ou seguir um padrão de classificação da qualidade de vida, mas de fazer um mapeamento, de forma a indicar tendências.

Quadro 1: classificação das percepções de qualidade de vida dos velhos moradores

	Indicadores objetivos	Indicadores subjetivos
TER	Ar puro	satisfação ¹²
	Água potável/encanada	satisfação ¹³
	Alimentação saudável	Insatisfação
	Menos poluição	satisfação ¹⁴
	Energia elétrica	Satisfação
	Posto de saúde/atendimento médico	Satisfação
	Transporte público	Satisfação
	Telefone	Satisfação
	Habitação	Satisfação
	Menor custo de vida	Satisfação
	Segurança/tranquilidade	satisfação ¹⁵
	Estradas	Satisfação
Educação	Insatisfação	

	Indicadores objetivos	Indicadores subjetivos
AMAR	relações interpessoais	Infelicidades
	Relações comunitárias	infelicidades ¹⁶
	Relações de trabalho	Infelicidades
	Participação da vida coletiva	Infelicidades

	Indicadores objetivos	Indicadores subjetivos
SER	participação em processos públicos decisórios	Alienação
	oportunidades de trabalho e de lazer	Alienação
	possibilidades de contato com ambientes preservados	Alienação
	realizar atividades lúdicas e contemplativas	Alienação

Como pode se observar, as características das percepções de qualidade de vida concentram-se no TER. Ou seja, a qualidade de vida melhorou pelo fato do bairro ter água encanada, transporte público, estradas, energia elétrica, enquanto que as relações interpessoais, comunitárias, participação da vida coletiva, a participação em processos públicos decisórios, e outras, estão prejudicadas. A festa de São João, que acontece uma vez ao ano em Ibitiruna, parece ser um motivo de

¹² Nas entrevistas muitos reclamam da poluição causada pela queimada da cana. Reclamam que não há mais árvores.

¹³ Nas entrevistas muitos reclamam que os rios e minas de água secaram e que a água dos rios está poluída com agrotóxicos

¹⁴ Muitos reclamam da poluição que tem causado morte de pássaros, peixes e outros animais

¹⁵ Alguns falam do medo de assaltos e comentam roubos ocorridos no Bairro.

¹⁶ Pelo menos uma vez ao ano, a população se reúne na festa de São João, motivo de muitas alegrias, apesar de tudo agora girar em torno do dinheiro.

muita alegria a todos, um momento raro de congregação das pessoas do bairro, apesar dos moradores se queixarem que agora *tudo agora gira em torno do dinheiro*. Laszlo (2001, apud Sachs, 2007, p. 22) para quem, no capitalismo, há a proliferação de um estilo de vida no qual “o valor de tudo, incluindo os próprios seres humanos, pode ser calculado em dinheiro”.

Caberia à educação ambiental introduzir questões sobre a qualidade de vida de forma a discutir a combinação de fatores que determinam a qualidade de vida das pessoas de uma comunidade. A qualidade de vida teria que ser entendida não como um conjunto de acumulação de bens e serviços, mas de oportunidades efetivas que as pessoas do bairro dispõem para “amar” e “ser”.

Garantidas as necessidades básicas, valores não materiais devem compor a percepção de qualidade de vida, como amor, solidariedade, liberdade, inserção social, realização pessoal e felicidade (MINAYO, 2000).

Neste contexto observa-se que é de fundamental importância a participação de todos os indivíduos na construção da qualidade de vida coletiva, como afirma (WESTHAL 2000 *apud* PESSOA e BRAGA, 2010, p.151).

A população deve participar de todo o processo, através de seus grupos organizados e da sociedade civil, pois é ela que vive e sente os problemas no seu cotidiano. Muitas vezes as soluções racionalmente decididas não são adequadas à realidade da comunidade. Se a discussão for aberta, as soluções serão mais reais e efetivas e a sociedade, a protagonista da própria mudança (WESTPHAL, 2000, *apud* PESSOA E BRAGA, 2010, p.151).

Os dados indicam que a questão da qualidade de vida poderia permear projetos e ações de educação ambiental, tanto na zona rural como urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo identificar nas lembranças de velhos moradores, temas e aspectos de suas vidas passadas e presentes que possam ser trabalhados em projetos e atividades de educação ambiental, de forma a possibilitar a formação de alunos mais críticos, mais conscientes das problemáticas do bairro e da região. Acredita-se que esse objetivo foi alcançado, pois com a ajuda dos velhos moradores e de suas histórias orais de vida foi possível rememorar fatos ligados ao Bairro e dar destaque às questões atinentes ao ambiente, à escola rural, entre outras.

Mesmo que de forma modesta, vem a constituir um registro de aspectos da vida e das experiências dos velhos moradores de Ibitiruna sobre o bairro, sobre sua vida na comunidade, que serve de convite não só para reflexões sobre o lugar, e sobre as mudanças ocorridas ao longo das últimas 5 / 6 décadas, como um documento que pode ser utilizado para identificar temáticas contextualizadas, com significado social e histórico para o grupo.

Ao se recordarem do passado os velhos moradores problematizam o presente em sua dimensão socioambiental, possibilitam com suas histórias uma aproximação com os mais jovens, um enraizamento da comunidade, apontam caminhos para a discussão e aprofundamento de temas que levem a concretização de experiências de educação ambiental positivas, com a participação de todos.

Contracenando com um bairro outrora povoado, com uma diversidade de plantas alimentícias, agricultores, cavaleiros, festas, bailes, caça de animais silvestres, uma jardineira servindo de transporte em estradas empoeiradas, casas de barro e uma pequena escola rural, as histórias orais de vida nos apresentam hoje uma zona rural mercantilizada, tendendo a um grande sistema urbano. Nas palavras de Silva (2001),

Como sabemos hoje, o rural, longe de ser apenas um espaço diferenciado pela relação com a terra – e mais amplamente com a natureza e o meio ambiente – está profundamente relacionado ao urbano que lhe é contíguo. (SILVA , 2001, p.46)

O que nos mostram as histórias de vida são as mudanças de paisagens, a poluição, o predomínio de poucas culturas - cana-de-açúcar, laranja, eucalipto e melancia -, criação de gado, com poucas residências de tijolos, a maioria dos moradores aposentados, não vivendo mais da agricultura, e com a população mais

jovem se deslocando diariamente para o trabalho nas cidades. Os jovens que ainda moram no bairro, ou o fazem porque têm família, ou porque os aluguéis e as taxas de luz, água, ônibus, são menores.

Condomínios e chácaras com moradores vindo somente aos finais de semana, com empregados (os caseiros) que não conseguem sobreviver na cidade com o baixo salário que recebem, mostram-nos uma nova zona rural. Lembrando da observação de Dona Verônica (...) *os filhos dos caseiros (das chácaras, sítios e fazendas) que são bem pobres, ainda bem que tem essa escola para essas crianças poderem vir estudar. Eu fico emocionada em contar isso, porque tem crianças que passam muitas necessidades, que não têm sequer um sapato para colocar (...).*

Silva (2001) coloca que essa é a realidade em todo o país.

Não é à toa que encontramos em todas as regiões do país um forte crescimento do emprego doméstico de pessoas residindo na zona rural. O emprego doméstico desempenha hoje, para as mulheres, o papel da construção civil nas décadas passadas para os homens: é a porta de entrada na cidade por propiciar, além de um rendimento fixo, também um local de moradia.

A escola rural, que já foi um instrumento para conter a migração rural-urbana, segue seu ritmo tendo como modelo a escola da cidade, com o mesmo currículo, o mesmo calendário, as mesmas práticas consideradas de educação ambiental - dia da água, dia da árvore, compostagem, hortas, plantio de mudas. Entretanto com muito menos estrutura, sem bibliotecas, sem computadores e principalmente sem professores efetivos. Os moradores até compreendem que as professoras não queiram ficar na escola devido ao tempo que ela perde na viagem de ida e volta, sem nenhuma vantagem salarial. A falta de estrutura física e humana da escola rural continua fomentando a ida de jovens com maior poder aquisitivo para a cidade, em busca de uma melhor educação.

As histórias nos lembram as brincadeiras, as linguças no varal em cima do fogão à lenha, a polenta, os caramelos, o pernil mergulhado na banha, o jogo de malha, a água pura do ribeirão, a luta pelo bairro na associação dos moradores do bairro e o atual desligamento: *aqui o povo tem medo de falar as coisas, de reivindicar melhorias.* (Dona Tita).

Os velhos moradores de Ibitiruna mostram conhecimentos e consciência sobre as transformações naturais, históricas, políticas e sociais do bairro. Chamam à

atenção para a questão da falta de emprego. Com as monoculturas, a mecanização, com os arrendamentos de terras para as usinas de cana-de-açúcar da região resta ao jovem ir para a cidade em busca de trabalho. Os que lá vivem, poucos se ocupam de atividades agrícolas. *Aqui o ônibus vai e volta cheio de gente que trabalha na cidade.* (Dona Verônica).

Esses dados corroboram o que diz Silva (2001) sobre a nova zona rural brasileira.

Dada a queda da renda proveniente das atividades agropecuárias, as famílias rurais brasileiras estão se tornando cada vez mais não-agrícolas, garantido sua sobrevivência mediante transferências sociais (aposentadorias e pensões) e em ocupações não-agrícolas. (SILVA, 2001, p.42)

Mas mesmo com as queimadas, com o assoreamento dos rios, com os agrotóxicos e fungicidas poluindo as águas e o ar, os moradores consideram que ainda é melhor do que nas cidades. Quanto à questão da violência, ainda é muito menor do que na cidade, talvez pela grande distância dos bairros mais populosos das áreas urbanas.

A falta de representação política no bairro, a falta de interesse da população em participar, a falta de relacionamento interpessoal, são questões que também chamam à atenção.

Frente a todos esses dados, o que fazer em termos de uma educação ambiental crítica? Entendendo essa educação na qual a prática educativa é a formação do sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situado, não se reduzindo a uma intervenção centrada exclusivamente no indivíduo, tomado como unidade atomizada, nem tampouco dirigida a coletivos abstratos. (CARVALHO, 2004).

Sistematizando alguns indicativos a partir das análises, temos:

.a necessidade de elaboração de projetos de educação ambiental voltados para a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, representado pela comunidade e pela natureza;

.a necessidade de promoção da autoestima dos educandos e de seus familiares, envolvendo-os em ações pedagógicas articuladas, nos quais sejam

considerados a cultura, os costumes, o saber da população local, a sobrevivência, o reconhecimento pessoal e coletivo, a politização e outros atributos socioculturais, assim como a valorização e preservação do habitat, dos ecossistemas naturais (GUIMARÃES, 2004; MARTINS, 2005).

.a necessidade de se trabalhar questões envolvendo a extinção dos animais, a destruição dos ecossistemas, a poluição causada pela monocultura, a mudança de paisagem, os problemas ambientais e sociais que acompanham a produção de energia, as novas formas de poluição associadas tanto às atividades agrícolas como a não agrícolas.

. a necessidade *de se proceder a uma tematização a respeito dos valores que regem o agir humano em sua relação com a natureza* (GRÜN, 1996) pois segundo esse autor mais do que criar novos valores, a educação ambiental deveria se preocupar em resgatar alguns já existentes, remontar ao passado com os olhos do presente.

. a necessidade de se incluir questões sobre a qualidade de vida de forma a discutir a combinação de fatores que determinam a qualidade de vida das pessoas de uma comunidade. A qualidade de vida teria que ser entendida não como um conjunto de acumulação de bens e serviços, mas de oportunidades efetivas que as pessoas do bairro dispõem para “amar” e “ser”.

. a necessidade de politização e publicização da problemática ambiental em sua complexidade (LOUREIRO, 2005).

Mesmo reconhecendo os limites da educação no trato de questões tão complexas como as socioambientais, espero que as histórias orais de vida dos seus antigos moradores bem como a sua análise atuem como um processo de resgate do bairro, de forma a se reinventar as práticas educativas de educação ambiental que *nos ajudem a pensar na construção do não pensado, do mundo ainda não inventado*, nas palavras de CARVALHO (2010, p.19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. M. M. Educação Ambiental. In: **Curso de Direito Ambiental – Temas Atuais** (apostila). Rio de Janeiro: CDA/OAB-RJ, 2000, p. 67-80.

BAPTISTA, F. M. C. **Educação Rural: das experiências a política pública**. NEAD/CNDRS/MDA. Brasília: Editorial Abaré, 2003.

BARBOSA, X. C. **Experiências de moradia: história oral de vida familiar**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2009.

BERGSON, H. **A alma e o corpo**. In: Cartas conferências e outros escritos. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores, 38).

_____. **Matéria e memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BIDINOTO, V. M. **A temática ambiental nas Propostas Pedagógicas de escolas municipais rurais de Piracicaba, SP: fragilidades e desafios**, 2011, 70 p. Monografia de Especialização (Curso de Pós-Graduação em Gerenciamento Ambiental) – Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994. 301 p. (Coleção Ciências da Educação, orientada por Maria Teresa Estrela e Albano Estrela).

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. 402 p. (Série Estudos Brasileiros, 1).

BRASIL. Lei nº 6.938, **Política Nacional do Meio Ambiente**. 31 de agosto de 1981.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

_____. Ministério da Educação e do Desporto, **Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, n. 79, 28 abr. 1999.

_____. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso.** 1. ed., 2.^a reimpr. – Brasília, 2003. 70 p.

BUSTOS J. A. **Valoraciones del profesorado de escuela rural sobre el entorno presente.** En Revista Iberoamericana de Educación, nº 48/6, marzo. ISSN 1681-5653. 2009. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/2763Bustosv2.pdf>>. Acesso em 05 de outubro de 2011.

CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em História Oral. In: **NEHO-História**, 1999.

CAMPOLIN, A. I. **Educação Rural: um debate necessário.** 2005. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigos/educacao-rural-um-debate-necessario>. Acesso em: 01 de outubro de 2011.

CANÁRIO, R. Escola, aprendizagem e inovação. *In:* A escola tem futuro? Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARRANÇA, F. **Na escola rural, realidade urbana.** Ensino nas áreas agrícolas não leva em conta a vida do campo. Disponível em: < http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb/artigo.cfm?Edicaold=255&breadcrumb=1&ArtigoID=4005&IDCategoria=4423&reftype=1>. Acesso em 28 de setembro de 2011.

CARSON, R. L. **Primavera Silenciosa.** Tradução Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Gaia, 2010. 327 p.

CARVALHO, I.C de M. Educação Ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. (org.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira.** Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2004.

_____; TOZONI-REIS, M. F. C. **Coletivizando saberes: (re)construção da memória ambiental de moradores da cidade de Botucatu.** Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 4, n. 1 – pp. 111-135, 2009.

_____. Que educação ambiental desejamos? *Ciência em Foco*, v. 01, p. 01-22, 2010.

CASSAB, L. História Oral: Miúdas Considerações para a Pesquisa em Serviço Social. **Serviço Social em Revista.** Volume 5- Número 2 Jan/Jun 2003.

DIAS, G. F. Os Quinze Anos de Educação Ambiental no Brasil: um depoimento. **Em Aberto** 49: 3-14, 1991.

_____. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Gaia, 1994.

EVANGELISTA, M. B. Maternidade e memória: histórias de vida de mães de crianças e adolescentes em conflito com a lei. In: **Anais do X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política.** Recife, PE, 26 a 30 de abril de 2010. Disponível em http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270419848_ARQUIV_O_Maternidadeememoria.pdf... Acesso em: 24 de junho 2011.

FERNANDEZ, V. P. R. **Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História Oral de Vida de Chilenos em Campinas.** Dissertação de Mestrado. São Paulo. FFLCH/USP, 2001, 222p.

FERREIRA, M. de M. **O projeto de pesquisa desenvolvido na França.** [mar. 1998]. Entrevistadores: alunos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/humanas/entrev.htm>>. Acesso: 07 out. 2011.

FONSECA, M. T. L. **Extensão rural no Brasil: Um Projeto Educativo para o Capital.** São Paulo, Loyola, 1985.

FROEHLICH, J. M. **Rural e Natureza:** a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul. 2002. 226f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FURTADO, E. D. P. **O estado da arte da educação rural no Brasil**. Fortaleza: FAO/UNESCO, 2004.

GIGANTE, M. A. **História oral de idosos asilados em São Carlos-SP : velhice, asilo e memória da cidade(1950-2008)**. Tese – Doutorado – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca: UNESP, 2008, 226 p.

GOMES, R. **A Análise de dados em Pesquisa Qualitativa**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GRAZIANO NETO, F. **Questão agrária e ecologia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GRÜN, M. **Ética e Educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: Papirus, 1996.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Educação Ambiental**. Duque de Caxias: Editora UNIGRANRIO, 2000. (Coleção Temas em Meio Ambiente, n.1).

_____. **A Formação de Educadores Ambientais**. 1ª. ed. Campinas: Papirus, 2004. v. 1. 174 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HERCULANO, S. A Qualidade de Vida e seus Indicadores. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, UNICAMP/NEPAM, Ano I, nº 2, 1º semestre de 1998, pp 77- 99.

_____. PORTO, F. S. e FREITAS, C. M. de – **Qualidade de Vida & Riscos Ambientais**. Niterói: EDUFF, 2000.

ISAIA, E. M. B. (Coord.). **Reflexões e Práticas para Desenvolver Educação Ambiental na Escola**. Santa Maria: UNIFRA, 2001.

LACKI, P. **A escola rural deve formar "solucionadores de problemas"**. Agronline.2001. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=16&pg=4&n=5>. Acesso em: 03 de outubro de 2011.

LAYRARGUES, P.P. Educação para a Gestão Ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LOUREIRO, C.F.B., LAYRARGUES, P.P., CASTRO, R.S. de (orgs.). **Sociedade e Meio Ambiente: A Educação Ambiental em Debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. (Re) conhecendo a educação ambiental brasileira (apresentação). In: Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Edições MMA. 2004.

_____. Muito além da natureza: Educação ambiental e reprodução social. In: Loureiro, C.F.B.; Layrargues, p.P. & Castro, R.C. De (Orgs.) **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez. p. 72-103. 2006.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2ed, 2001.

LEITE, S. C. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

LOUREIRO, C. B. F. Educação Ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológicas e planetária. In: Loureiro, C. F. B; Layrargues, P. P. & Castro, R. S. (orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. **Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora**. Ambiente e Educação, Rio Grande, 8: 37-54, 2003.

_____. Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e resolução de conflitos. **Gestão em Ação**, v.7, n.1, p.37-60, 2004.

_____. **Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental**. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1473-1494, Set./Dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27289.pdf>. Acesso em: 02 de outubro de 2001.

_____. **Trajetórias e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: 3ª ed., Cortez, 2009.

LOVISOLO, H. **A memória e a formação dos homens**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 16-28.

MACHADO, J. T. **Um estudo diagnóstico da Educação Ambiental nas Escolas do Ensino Fundamental do Município de Piracicaba/SP**, 2007. 195 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada)- Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Centro de Energia Nuclear na Agricultura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MANCUSO, M. I. R. **A cidade na memória de seus velhos: estudo sobre São Carlos, Itirapina e arredores**. 2000. f. 224. Tese (Doutorado em Sociologia), USP - Universidade de São Paulo, 2000.

MARTINS, J. de S. Educação rural e o desenraizamento do educador. **Revista Espaço Acadêmico**, n.49, junho de 2005.

MEIHY, J. C. S. B. (org.). **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP/Xamã, 1996.

_____. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____; HOLANDA, F. **História Oral. Como fazer, como pensar**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007. v. 1. 175 p.

MENEGOLO, E. D. C. W. et al. Ensino de produção de textos: uma contribuição da história oral. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v. 16, n. 30, p. 13-27, jan.-abr. 2007. Disponível em: http://www.ie.ufmt.br/revista/arquivos/ED_30/6_ens%20e%20prod%20de%20textos.pdf... Acesso em: 23 maio 2011.

MERCADANTE, M. **A natureza e a relação sociedade-natureza na memória de velhas professoras**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. 222 f. Rio Claro, SP, 2009.

_____; CAVALARI, R. M. F. **A natureza e a relação sociedade-natureza na memória de velhas professoras**. 33ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, MG,

2010. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT22-6751--Int.pdf>. Acesso em 03 de outubro de 2011.

MINAYO, M. C de S.; HARTZ, Z. M. de A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1): 7-18, 2000.

_____. Enfoque Ecológico de Saúde e Qualidade de Vida, In MINAYO, M. Cecília de S.; MIRANDA, Ary C. **Saúde e Ambiente Sustentável: estreitando nós**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente**. Brasília: SEF/MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>>. Acesso em 20 agosto de 2011.

_____. Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. **Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo: Caderno de Subsídios**. Brasília, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Plano nacional de saúde e ambiente no desenvolvimento sustentável diretrizes para implantação**. Brasília, DF, 1995.

MORAIS, E. **Excertos do ensaio: História Oral de Vida: Um diálogo do documentário de Eduardo Coutinho com o Jornalismo Literário, 24 agosto 2007**. Disponível em: [http://narravidas.wordpress.com/2007/08/24/eduardo-coutinho-e-o-jornalismo-literario/...](http://narravidas.wordpress.com/2007/08/24/eduardo-coutinho-e-o-jornalismo-literario/) Acesso em: 22 maio 2011.

NAHAS, M.V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**. Londrina: Midiograf, 2003.

OLIVA, J. T. A Educação Ambiental no ensino formal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: Formação de Professores, 3., 2002, Brasília. **Anais...**Brasília: MEC/SEF, 2002. p. 41-48.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Glossário de promoção da saúde**. Genebra, 1996.

PEDERSOLI, T. de F. **Etnozoologia como ferramenta para o Ensino de biologia: unindo os saberes para a aprendizagem**. s/d. Disponível em:

http://www.ufpe.br/cead/concursomonografias/documentos/tatiana_%20de_%20faria%20.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2011.

PELICIONI, M. C. F. **Qualidade de vida das mulheres trabalhadoras das creches conveniadas do bairro Bela Vista do Município de São Paulo**. São Paulo, 1995. [Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública da USP].

_____. **Educação Ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade**. Saúde e Sociedade, 7(2): 19-31, 1998.

PEIXOTO, A. C. G. **Mapa da Qualidade de Vida ou uma pequena viagem ao mundo dos seus sonhos**. Rio de Janeiro: Quality Mark, 1999.

PESSOA, G. P; BRAGA, R; B. **Educação ambiental escolar e qualidade de vida: desafios e possibilidades**. Rev. eletrônica Mestrado Educação Ambiental. ISSN 1517-1256, v. 24, janeiro a julho de 2010.

PINTO, J. M. de R. et al. O Desafio da Educação do Campo. In: BOF, A. M.(org.) **Educação no Brasil Rural**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vl. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRADO, B. H. S. do. Dissertação de Mestrado: **Educação ambiental no cotidiano de escolas rurais de Itapetininga: a recuperação de matas ciliares**. Universidade de Sorocaba. Programa de Mestrado em Educação. s/d. Disponível em: periodicos.uniso.br/index.php/quaestio/article/download/15/15. Acesso em: 12 de outubro 2011.

REIGOTA, M. **Educação ambiental e representação social**. São Paulo, Cortez (Coleções Questões da nossa época), 1991.

_____. **O que é educação ambiental**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

REIS NETO, A. **Escola rural: O caminho da cidade – o caso do município de Floriano**. – PI. Fortaleza – CE, 2005. 109 p. Dissertação (Mestrado). Disponível em:

http://www.acervo.floriano.pi.gov.br/dawloads/dissertacao_4.pdf. Acesso em 30 de setembro de 2011.

SACHS, I. **Rumo à Ecosocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. Paulo Freire Vieira (Org). São Paulo: Cortez, 2007.

SALOMON, M. desempenho de escolas no campo é inferior à média. **O Estado de São Paulo**. Caderno vida, a26, 04/06/2011.

SAMPAIO, C. E. M. et al. **A educação no Brasil rural**. In: BOF, A. M. (org.). INEP, MEC, Brasília. 2006.

SEEMANN, **O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas**. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Sobral, v.3/4, p.43-53, 2002/2003.

SILVA, G. J.da. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados** 15 (43), 2001.

SOARES, N. B. **Educação Ambiental no Meio Rural: Estudo das Práticas Ambientais da Escola Dario Vitorino Chagas – Comunidade Rural Do Umbu - Cacequi/RS**, 2007, 89 p. Monografia de Especialização (Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental) - Centro De Ciências Rurais, Universidade Federal De Santa Maria. Santa Maria, 2007.

SOUSA, C. P. de. Fragmentos de histórias de vida e de formação de professoras paulistas: rupturas e acomodações. In: _____ (Org.). **História da Educação: processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras, 1998.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOZONI-REIS, M. F. C.. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. 2ª ed. rev. Autores Associados (Coleção educação contemporânea), Campinas, SP, 2008.

VARGAS, L. A. A. **A questão agrária e o meio ambiente: trabalho e educação na luta pela terra e pela sustentabilidade**. Dissertação (Pós-graduação em Educação). Universidade Federal do rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

VIÉGAS, A.; GUIMARÃES, M. Crianças e educação ambiental na escola: associação necessária para um mundo melhor? **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 1, n. 0, p. 56-62, 2004.

ZAKRZEVSKI. S. B. B. As tendências da educação ambiental. In: ZAKRZEVSKI. S. (ORG.) **A educação ambiental na escola**. Erechim. EDIFAPES, 2003.

_____; SATO, M. Sustentabilidade do meio rural: empoderamento pela educação ambiental. **Revista Perspectiva**, v. 28, n. 101, p. 7-16, 2004.

_____. A educação ambiental nas escolas do campo. In: MELLO, S.S. & TRAJBER, R. (Coords.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas de educação ambiental na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental/ Ministério do Meio Ambiente/UNESCO, 2007. p.199-207.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Ursulina Oliveira Vargas de Moraes, Abir Silveira de Moraes, José Carlos Sabino, Olinda Moraes da Silva, Jair Silveira de Moraes, José Rodrigues da Rocha e Verônica Furlan Ignácio, doravante denominados **AUTORIZANTES**, e **Vanessa Minuzzi Bidinoto**, doravante denominada **AUTORIZADA**, que ao final subscrevem, através deste termo tem entre si justo e combinado o seguinte:

Pelo presente instrumento, a AUTORIZADA recebe dos AUTORIZANTES a autorização expressa para veicular e utilizar a suas imagens, som da voz, através de transcrição ou não, de todo ou em parte, nome e dados biográficos revelados em depoimento pessoal concedido e, todo e qualquer material entre fotos e documentos apresentados, para inseri-los em obra intelectual ou para fins acadêmicos, especialmente para a Dissertação de Conclusão de Curso: "A História Oral de vida de moradores do bairro Ibitiruna de Piracicaba/SP: contribuições à Educação Ambiental".

A AUTORIZADA poderá utilizar a imagem e/ou voz dos AUTORIZANTES em eventuais publicações, criação de outras obras intelectuais, inserção em obras coletivas ou criação de obras derivadas.

Os AUTORIZANTES permitem a AUTORIZADA a utilizar todo ou em parte o material, imagem e ou/voz da forma que melhor lhe aprouver, através de qualquer método ou meio de exibição, utilização e distribuição da imagem e/ou voz, tanto em mídia impressa, como também em mídia eletrônica, Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video

disc”), independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, em território nacional, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Os AUTORIZANTES, neste ato, declaram expressamente que a sua imagem, nome e/ou voz não possuem nenhuma proibição ou impedimento no sentido de sua publicação e divulgação.

A presente autorização é dada a título gratuito, nem tampouco será devida pela AUTORIZADA qualquer remuneração aos AUTORIZANTES pela utilização dos direitos ora autorizados.

O presente instrumento particular de Autorização é celebrado em caráter definitivo, irretratável e irrevogável, obrigando as partes por si e por seus sucessores a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e condições estipuladas no presente instrumento.

Por esta ser a expressão da vontade dos AUTORIZANTES do uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, assinam a presente autorização.

Piracicaba, 25 de outubro de 2011.

AUTORIZANTES

Verônica Furlan Ignácio

José Carlos Sabino

CPF/MF nº

CPF/MF nº

Abir Silveira de Moraes

CPF/MF nº

Olinda Moraes da Silva

CPF/MF nº

Jair Silveira de Moraes

CPF/MF nº

José Rodrigues da Rocha

CPF/MF nº

Ursulina Oliveira Vargas de Moraes

CPF/MF nº

AUTORIZADA

Vanessa Minuzzi Bidinoto